



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Marina Alves Loureiro

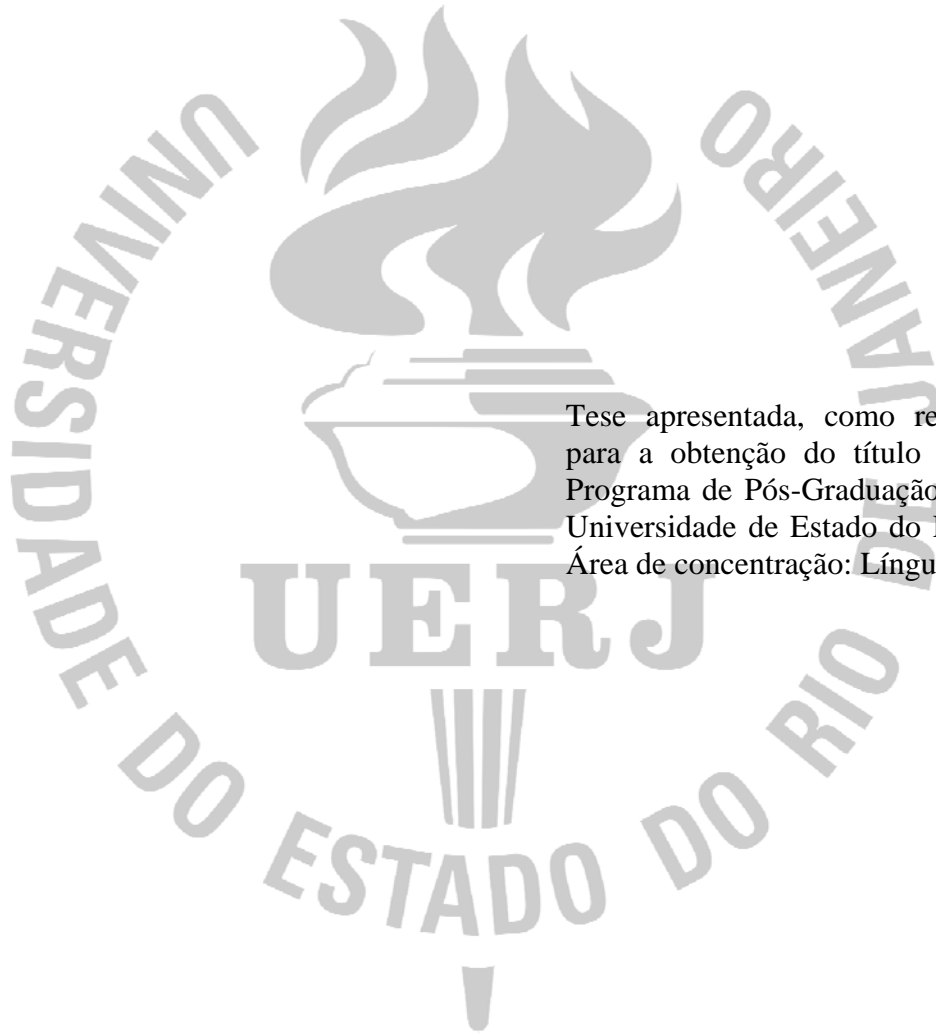
**Sequência descritiva: da análise de livros didáticos de Língua Portuguesa  
do Ensino Médio a uma proposta para uma sequência didática produtiva**

Rio de Janeiro

2013

Marina Alves Loureiro

**Sequência descritiva: da análise de livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino  
Médio a uma proposta para uma sequência didática produtiva**



Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

L892	<p>Loureiro, Marina Alves. Sequência descritiva: da análise de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio a uma proposta para uma sequência didática produtiva / Marina Alves Loureiro. – 2013. 287f. : il.</p> <p>Orientadora: Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Língua portuguesa – Estudo e ensino (Ensino médio) – Teses. 2. Livros didáticos - Avaliação - Teses. 3. Programa Nacional do Livro Didático (Brasil) – Teses. I. Abreu, Maria Teresa Tedesco Vilaro, 1963-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 806.90(07):371.671.1</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Marina Alves Loureiro

**Sequência descritiva: da análise de livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino  
Médio a uma proposta para uma sequência didática produtiva**

Tese apresentada, como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor, ao  
Programa de Pós-Graduação Letras, da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 27 de março de 2013.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu (Orientadora)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof. Dr. André Crim Valente  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt  
Instituto de Letras - UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Regina Souza Gomes  
Instituto de Letras - UFRJ

Rio de Janeiro

2013

## DEDICATÓRIA

A minha orientadora, Professora Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu, pela orientação segura, pelo muito que aprendi com ela sobre o ensino da Língua Portuguesa e, principalmente, pela amizade.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre está ao meu lado, dando-me força.

A minha mãe, por seu amor incondicional.

As minhas queridas filhas, que sempre estão ao meu lado, dando-me apoio e força nos momentos difíceis.

À professora Maria Aparecida Pauliukonis, que me fez descobrir a relevância do estudo sobre a sequência descritiva.

Aos professores Helênio da Fonseca, Leonor Werneck e André Conforte por auxiliarem-me, sugerindo material para suporte teórico.

Aos meus grandes mestres, professores André Valente e Cláudio Cezar Henriques, com quem muito aprendi nas aulas do curso de doutorado, pelo apoio e incentivo.

A minha eterna mestra, orientadora e amiga, Maria Teresa Tedesco, pela competente orientação, apoio, parceria e, acima de tudo, amizade nessa longa caminhada profissional e pessoal.

A minha querida neta Isabella Loureiro Seabra, a Cristina Caires e Tânia Saldanha M. Lopes por ajudarem na digitação deste trabalho.

A querida amiga Vânia Moreira pela força e carinho nos momentos difíceis de vida.

A minha grande amiga, Ângela Cristina de Castro, pela presença constante nos momentos críticos, pelo apoio, incentivo e carinho, fundamentais para a concretização deste trabalho.

Aos alunos, motivo maior para querer sempre aprender e fazer o melhor.

Todas as palavras são mágicas, só precisam ser combinadas da forma correta.

*José Eduardo Agualusa*

## RESUMO

LOUREIRO, Marina Alves. *Sequência descritiva: da análise de livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio a uma proposta para uma sequência didática produtiva*. 2013. 287 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Este trabalho propõe a revisão crítica da abordagem do ensino da descrição nos livros didáticos de Língua Portuguesa indicados para o Ensino Médio, aprovados pelo Programa Nacional de Livro Didático (PNLD-2012). A fundamentação teórica que respalda este estudo é a teoria das sequências textuais do linguista Jean-Michel Adam. O estudo se justifica, pois, sabe-se que os gêneros textuais são o foco do ensino do texto. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é de fundamental importância estudar as sequências textuais que estruturam esses gêneros e, em especial, a descritiva, pois ela, além de estar presente em vários gêneros, exerce um papel fundamental no texto, sendo uma estratégia de argumentatividade e um elemento essencial na construção do sentido do texto. Sendo assim, este trabalho pretende contribuir para um campo pouco investigado, o ensino da descrição em livros didáticos de Ensino Médio, apresentando propostas de exercícios sobre o ensino da sequência descritiva para alguns livros analisados no *corpus* e sugerindo atividades para um livro de Ensino Médio, avançando, assim, na reflexão de uma prática pedagógica que propicie uma maior competência de leitura e escrita aos discentes.

Palavras-chave: Ensino. Descrição. Sequência descritiva. Livro Didático.



## ABSTRACT

LOUREIRO, Marina Alves. *Descriptive sequence: analysis of textbooks of English Language Secondary Education with a proposal for a productive instructional sequence*. 2013. 287 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

This study proposes the critical review of the teaching approach of description in High School textbooks of Portuguese Language, recommended by the National Textbooks Program (PNLD-2012). The theoretical foundation that supports this study is the notion of textual sequences proposed by the linguist Jean-Michel Adam. The study is justified because it is known that the genres are the focus of the teaching through the text. According to the National Curriculum Parameters (PCN), it is of fundamental importance to study textual sequences that structure those genres and, in particular, the descriptive one, because, besides being part of different genres, it plays a key role in the text, being an argumentative strategy and an essential element in the construction of the meaning of the text. Therefore, this study aims to contribute to a field little investigated, the teaching of description in High School textbooks, presenting proposals of exercises on the teaching of the descriptive sequence to the textbooks analysed in the *corpus* and also proposing activities to compose a High School textbook, thus advancing in the reflection of a pedagogical practice that would help the students in the development of a greater competence in reading and writing.

Keywords: Teaching. Description. Descriptive sequence. Textbook.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Textos descritivos .....	32
Figura 2 –	Descrição de personagens .....	33
Figura 3 –	Trecho do livro de Cereja e Magalhães .....	33
Figura 4 –	A descrição objetiva .....	34
Figura 5 –	Chegou a lavadora “Apolínea Clean” .....	35
Figura 6 –	Apolínea + Clean .....	36
Figura 7 –	Quadro de Marquesi .....	38
Figura 8 –	Quadro de Adam sobre texto .....	39
Figura 9 –	Quadro da superestrutura descrita Adam .....	45
Figura 10 –	Crônica de Ruth de Aquino .....	46
Figura 11 –	Quadro de sequência descritiva na crônica de Ruth de Aquino .....	47
Quadro 1 –	Os livros didáticos de Língua Portuguesa de Ensino Médio, aprovados pelo PNLD – 2012 .....	51
Quadro 2 -	Livros do PNLD – 2012 não analisados .....	51
Quadro 3 -	Livro tantas linguagens – LP: Literatura. Produção de Textos e Gramática em uso .....	52
Quadro 4 –	Livro Português contexto interlocução e sentido .....	52
Quadro 5 –	Livro Projeto Eco-Língua Portuguesa .....	53
Quadro 6 –	Livro Ser Protagonista .....	53
Quadro 7 –	Livro Português – Linguagem .....	54
Quadro 8 –	Livro Português – Literatura. Gramática. Produção de Texto .....	54

Quadro 9 – Livro Viva Português .....	55
Quadro 10– Livro Novas Palavras .....	56
Figura 12 – A descrição (livro Português– Linguagem) .....	57
Figura 13 – O quarto dos Mateus .....	58
Figura 14 – Continuação do texto O Quarto dos Mateus .....	58
Figura 15 – Exercício do 1 ao 5 .....	59
Figura 16 – Exercício do 6 e 7 .....	59
Figura 17 – Descrição de cena .....	60
Figura 18 – Descrição de personagem .....	61
Figura 19 – Descrição de cenário .....	61
Figura 20 – Exercícios do 1 ao 3 .....	62
Figura 21 – Exercícios do 4 ao 6 .....	63
Figura 22 – Exercício 7 .....	64
Figura 23 – Tipos Textuais (Livro Português, Literatura, Gramática. Produção de texto .....	65
Figura 24 – Continuação de tipos textuais .....	66
Figura 25 – Sequência descritiva do quadro de tipos textuais .....	67
Figura 26 – Atividade de leitura – texto 1 .....	68
Figura 27 – Atividade de leitura – texto 2 e 3 .....	69
Figura 28 – Atividade de leitura – texto 4 .....	70
Figura 29 – Características do texto 2 .....	71
Figura 30 – Características do texto 3 .....	72
Figura 31 – Chen segura o tchan .....	73

Figura 32 – Manifesto antropofágico de Mário de Andrade .....	74
Figura 33 – Continuação do Manifesto antropofágico .....	75
Figura 34 – Questão 5 do Livro Viva o Português .....	77
Figura 35 – Trecho narrativo do livro Viva o Português .....	78
Figura 36 – Relato de viagem sobre a Antártida .....	80
Figura 37 – Continuação do Relato de viagem sobre Antártida .....	81
Figura 38 – Exercício 6 e 7 do Livro Viva o Português .....	81
Figura 39 – Atividade 2 – reprodução: a descrição .....	83
Figura 40 – A produção de textos do Livro Viva o Português .....	84
Figura 41 – Parágrafo de um relato de viagem .....	85
Figura 42 – Proposta de produção de texto .....	85
Figura 43 – Atividade 3 – Produção de autoria .....	86
Figura 44 – Produção de texto – Reportagem .....	87
Figura 45 – Atividade 1 – Reprodução: descrição das personagens .....	88
Figura 46 – Bruta lições .....	89
Figura 47 – Forte como um touro .....	90
Figura 48 – O que é descrever? (Livro Novas Palavras cap.6) .....	91
Figura 49 – Textos descritivos .....	92
Figura 50 – Descrição de pessoa – comentário .....	92
Figura 51 – Em tom de conversa .....	94
Figura 52 – A descrição e os cinco sentidos .....	95
Figura 53 – Descrição: sensibilidade e imaginação .....	96

Figura 54 –	Atividade – Em tom de conversa .....	98
Figura 55 –	Textos 2,3 e 4 .....	99
Figura 56 –	Descrever sob um ponto de vista diferente .....	100
Figura 57 –	Síntese dos conteúdos estudados .....	102
Figura 58 –	Descrição: Subjetiva e objetiva; estática e dinâmica (cap.7) .....	103
Figura 59 –	Comentário sobre os textos descritivos .....	104
Figura 60 –	Atividades .....	105
Figura 61 –	A descrição objetiva .....	106
Figura 62 –	Comentário .....	107
Figura 63 –	Em tom de conversa .....	108
Figura 64 –	Atividades .....	109
Figura 65 –	A descrição técnica .....	110
Figura 66 –	Descrição estática e dinâmica .....	111
Figura 67 –	Em tom de conversa .....	112
Figura 68 –	Atividades – exercício 1 .....	113
Figura 69 –	Atividades – exercício 2 .....	114
Figura 70 –	Atividades – exercício 3, 4 e 5 .....	115
Quadro 11–	Resultado final da análise dos livros analisados.....	117
Figura 71 –	Esquema da sequência descritiva do texto O quarto de Mateus .....	126
Figura 72 –	Esquema da sequência descritiva de Catherine .....	127
Figura 73 –	Esquema de sequência descritiva do Bombeiro Chen .....	132
Figura 74 –	Esquema de sequência descritiva do ECA (editora de O Globo) .....	138

Figura 75 – Esquema de sequência descritiva de governantes (texto de João Ubaldo Ribeiro) .....	144
Figura 76 – Esquema de sequência descritiva de governados (texto de João Ubaldo Ribeiro) .....	145

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
1	<b>EMBASAMENTO TEÓRICO</b> .....	22
1.1	<b>Os conceitos básicos relacionados à sequência descritiva</b> .....	22
1.1.1	<u>Noção de texto</u> .....	22
1.1.2	<u>A noção de gêneros textuais, tipos textuais e modos de organização do discurso</u> .....	24
1.2	<b>Perspectiva histórica</b> .....	26
1.3	<b>A sequência descritiva na perspectiva de Hamon</b> .....	31
1.4	<b>A sequência descritiva na perspectiva de Marquesi</b> .....	37
1.5	<b>A sequência descritiva na perspectiva de Jean-Michel Adam</b> .....	38
2	<b>ANÁLISE DO CORPUS</b> .....	49
2.1	<b>Metodologia de análise do <i>corpus</i></b> .....	49
2.2	<b>Constituição do <i>corpus</i></b> .....	50
2.2.1	<u>Da composição e organização dos livros do PNLD 2012</u> .....	50
2.2.2	<u>Descrição das seções dos capítulos dos livros que abordam a sequência descritiva</u> .....	56
2.2.2.1	Livro <i>Português: Linguagens</i> .....	57
2.2.2.2	Livro <i>Português: Literatura, Gramática, Produção de Texto</i> .....	65
2.2.2.3	Livro <i>Viva Português</i> .....	76
2.2.2.4	Livro <i>Novas Palavras</i> .....	90
2.2.3	<u>Resultados Finais da Análise do <i>Corpus</i></u> .....	116
3	<b>PROPOSTAS DE EXERCÍCIOS PARA O ENSINO DA SEQUÊNCIA DESCRITIVA</b> .....	120
3.1	<b>Algumas considerações sobre as propostas de exercícios</b> .....	120
3.2	<b>A sequência descritiva em textos, em que predominam as sequências narrativas</b> .....	122
3.2.1	<u>Texto: O Quarto dos Maheu</u> .....	122
3.2.2	<u>Texto: Chen segura o tchan</u> .....	130
3.3	<b>A sequência descritiva em texto, em que predominam as sequências argumentativas</b> .....	135
3.3.1	<u>Texto: Equívocos da Lei, Editorial de <i>O Globo</i></u> .....	136

3.3.2	<u>Texto: Governantes e Governados, de João Ubaldo Ribeiro</u> .....	140
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	149
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	155
	<b>ANEXO A</b> –“Sumário” da Coleção <i>Novas Palavras</i> , de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, volume 1.....	159
	<b>ANEXO B</b> –“Sumário” da Coleção <i>Novas Palavras</i> , de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, volume 2.....	168
	<b>ANEXO C</b> –“Sumário” da Coleção <i>Novas Palavras</i> , de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, volume 3.....	177
	<b>ANEXO D</b> –“Sumário” da Coleção <i>Português – Contexto, Interlocução e Sentido</i> , de Marcela Pantara, Maria Bernadete e Maria Luiza Abaurre, volume 1.....	186
	<b>ANEXO E</b> –“Sumário” da Coleção <i>Português – Contexto, Interlocução e Sentido</i> , de Marcela Pantara, Maria Bernadete e Maria Luiza Abaurre, volume 2.....	191
	<b>ANEXO F</b> –“Sumário” da Coleção <i>Português – Contexto, Interlocução e Sentido</i> , de Marcela Pantara, Maria Bernadete e Maria Luiza Abaurre, volume 3.....	196
	<b>ANEXO G</b> – “Sumário” da Coleção <i>Português – Literatura, Gramática, Produção de Texto</i> , de Douglas Tufano e Leila Lauer Sarmiento, volume 1.....	201
	<b>ANEXO H</b> – “Sumário” da Coleção <i>Português – Literatura, Gramática, Produção de Texto</i> , de Douglas Tufano e Leila Lauer Sarmiento, volume 2.....	206
	<b>ANEXO I</b> – “Sumário” da Coleção <i>Português – Literatura, Gramática, Produção de Texto</i> , de Douglas Tufano e Leila Lauer Sarmiento, volume 3.....	211
	<b>ANEXO J</b> – “Sumário” da Coleção <i>Português – Linguagens</i> , de William Roberto Cereja e Theresa Cochar Magalhães, volume 1.....	216
	<b>ANEXO K</b> – “Sumário” da Coleção <i>Português – Linguagens</i> , de William Roberto Cereja e Theresa Cochar Magalhães, volume 2.....	221
	<b>ANEXO L</b> – “Sumário” da Coleção <i>Português – Linguagens</i> , de William Roberto Cereja e Theresa Cochar Magalhães, volume 3.....	226
	<b>ANEXO M</b> – “Sumário” da Coleção <i>Projeto ECO – Língua Portuguesa</i> , de Roberta Hernandez Alves e Vilma Lia de Rossi Martin, volume 1.....	231



<b>ANEXO N</b> – “Sumário” da Coleção <i>Projeto ECO – Língua Portuguesa</i> , de Roberta Hernandez Alves e Vilma Lia de Rossi Martin, volume 2.....	242
<b>ANEXO O</b> – “Sumário” da Coleção <i>Projeto ECO – Língua Portuguesa</i> , de Roberta Hernandez Alves e Vilma Lia de Rossi Martin, volume 3.....	251
<b>ANEXO P</b> – “Sumário” da Coleção <i>Ser Protagonista</i> , de Ricardo G. Barreto, volume 1.....	257
<b>ANEXO Q</b> – “Sumário” da Coleção <i>Ser Protagonista</i> , de Ricardo G. Barreto, volume 2.....	261
<b>ANEXO R</b> – “Sumário” da Coleção <i>Ser Protagonista</i> , de Ricardo G. Barreto, volume 3.....	265
<b>ANEXO S</b> – “Sumário” da Coleção <i>Tantas Linguagens</i> , de Maria Inês Batista Campos e Névia Assumpção, volume 1.....	269
<b>ANEXO T</b> – “Sumário” da Coleção <i>Tantas Linguagens</i> , de Maria Inês Batista Campos e Névia Assumpção, volume 2.....	274
<b>ANEXO U</b> – “Sumário” da Coleção <i>Tantas Linguagens</i> , de Maria Inês Batista Campos e Névia Assumpção, volume 3.....	279
<b>ANEXO V</b> – “Sumário” da Coleção <i>Viva Português</i> , de Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso e Silvia Letícia de Andrade, volume único.....	284

## INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, foi-se mudando o enfoque do estudo da produção textual. Até a década de 1980, a tradição escolar dividia a tipologia de textos em três tipos: narração, descrição e dissertação e os livros didáticos seguiam essa divisão. Em decorrência disso, alguns professores se limitavam a ensinar modelos de estruturas tipológicas, muitas vezes, previsíveis, dificultando ao aluno o desenvolvimento de maior competência discursivo-redacional.

Todavia, o monopólio da atenção com muita frequência foi dado ao estudo do texto argumentativo, já que essa tipologia de texto era (e ainda é) a mais cobrada nas provas de redação dos vestibulares. É possível que esse monopólio ocorra porque à sequência descritiva<sup>1</sup> parece não ser reservado um tratamento privilegiado no texto, considerando tanto a abordagem linguística quanto a abordagem literária.

Além disso, estudam-se os textos de caráter narrativo, nas suas multiplicidades. Nesses textos, o estudo da sequência descritiva ocorre, muitas vezes, como parte integrante deles, recebendo um tratamento de menor importância.

Com o avanço dos estudos linguísticos e advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na década de 1990, o foco do ensino passa a ser o texto, materializado nos gêneros textuais, ou seja, tipos, relativamente, estáveis que atendem às práticas sociais de uma sociedade (BAKHTIN, 2003). Além disso, os PCN mencionam, também, o conceito de sequência, de acordo com o que foi proposto por Adam(1993).

Em função desse fato, a maioria dos livros didáticos de Língua Portuguesa (doravante LDP) atuais, tanto do Ensino Fundamental (EF) como do Ensino Médio (EM), trabalha nessa linha. Entretanto, observa-se que, apesar de os LDP estarem atualizados com essa nova abordagem do texto, apresentam uma hipertrofia da abordagem do ensino dos gêneros textuais, principalmente, no que diz respeito às sequências textuais.

Verifica-se que a análise das sequências textuais que constituem os diversos gêneros orais e escritos recebe um tratamento assistemático e superficial. Quando abordadas, privilegiam-se as sequências narrativa e argumentativa. Quanto à sequência descritiva, o espaço reservado a essa nos livros didáticos é, praticamente, irrelevante.

---

<sup>1</sup>Ao longo deste estudo, serão utilizados os termos “sequência descritiva”, “sequência narrativa” e “sequência argumentativa”, conforme a terminologia idealizada e utilizada por Adam em seus estudos (1989; 1990; [1993]2011; 1999; 2008).

Como professora de Língua Portuguesa, há quase quarenta anos, tanto da rede pública quanto da particular, venho observando esse fato, pois muitos livros didáticos de Língua Portuguesa e de Produção Textual, inclusive os aprovados pelo PNLD, abordam pouco a sequência descritiva, havendo forte privilégio para a abordagem da sequência narrativa, geralmente nos primeiros livros do ensino básico e para a abordagem da sequência argumentativa, em geral, na fase final do ensino básico, no Ensino Médio.

A sequência descritiva é estudada, praticamente, em sua função referencial, limitando-se a dizer **o que é** e **como é** (descrever objetos, pessoas, personagens, cenas, ambientes), informando sobre as características do que está sendo descrito, de forma objetiva ou subjetiva. Além disso, quando são apresentados seus recursos linguísticos citam, geralmente, o adjetivo, os verbos de ligação, as metáforas e as comparações, deixando de apresentar outros recursos que compõem o discurso descritivo, como a metonímia, os substantivos, os verbos de ação, o uso dos tempos verbais, advérbios qualificativos, apostos, interjeições, sufixos formadores de apreciativos (aumentativos e diminutivos), processos de formação de palavras, neologismos e estruturas oracionais.

Estudar os recursos linguísticos é propiciar ao aluno uma competência discursiva maior, possibilitando-o a ter maior condição de elaborar uma sequência descritiva e de compreender e produzir textos. Como afirma Henriques (2011a:55): “A competência no manejo dos recursos da língua contribui para se alcançar o pretendido valor semântico global de um texto”.

Outros aspectos da sequência descritiva tais como suas funções textuais e discursivas, não são abordados. Principalmente, o seu funcionamento como recurso de argumentatividade, atendendo a um posicionamento do descritor (aquele que descreve) e de construção dos sentidos do texto.

Um dado importante que tenho constatado nessa minha caminhada docente é que muitos alunos, além de não reconhecerem a sequência descritiva como um recurso valioso na elaboração de diversos gêneros textuais, tanto narrativos como argumentativos, articulando diferentes recursos linguísticos, não conseguem perceber a função que ela desempenha como estratégia de argumentatividade em textos literários e não literários, sem observar a relevância desse tipo de sequência textual na construção do sentido e da intencionalidade discursiva.

Cabe ressaltar que desenvolver a competência descritiva é desenvolver a competência lexical e de saber enciclopédico, visto que, na sequência descritiva, há uma enumeração de atributos que, construídos pelo descritor, somente se concretizam se o leitor/interlocutor

compartilhar do conhecimento desses itens lexicais, ativados de forma significativa na construção do sentido.

Dessa forma, defende-se a posição de que o ensino da estrutura da sequência descritiva, segundo a teoria de Adam (2008), possibilitaria aos discentes maior nível de compreensão textual e maior competência na produção de um texto, articulando essa sequência como um recurso de argumentatividade, por ser inseparável da expressão de um ponto de vista, atendendo a uma intencionalidade discursiva. Assim, a hipótese que norteia essa pesquisa é a de que a sequência descritiva contribui para o desenvolvimento da capacidade de entendimento/compreensão do texto.

Diante dessa realidade, fiz uma primeira indagação: **Por que os livros didáticos de Ensino Médio não desenvolvem uma abordagem sobre o ensino da sequência descritiva com mais aprofundamento?** Outras questões também foram levantadas: a) como a sequência descritiva aparece nos livros didáticos – sozinha em um capítulo ou inserida em um capítulo que foca outro objeto de conhecimento?; b) O que se diz sobre a sequência descritiva?; c) Que recursos linguísticos são mencionados e elencados na estrutura da sequência descritiva? e d) como poderia ser abordado o ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio?

Acrescenta-se que a sequência descritiva pode aparecer em diferentes gêneros textuais, literários e não literários, contribuindo para a construção do sentido, uma vez que ela auxilia na progressão temática, atendendo a um posicionamento, do descritor, em relação ao referente descrito, por meio de processos determinativos ou avaliativos – a identificação, a informação, a localização e a qualificação.

Em função disso, acredita-se que este trabalho possa contribuir para os estudos da Língua Portuguesa, já que objetiva estudar o tratamento dado ao ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio. Primeiro, por esses serem uma ferramenta importante no processo ensino-aprendizagem, auxiliando os professores no ensino da língua. Segundo, por se considerar a necessidade de uma prática pedagógica que desenvolva as competências de leitura e de escrita, seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Sendo assim, esta tese tem como objetivo geral aprofundar a reflexão sobre o tratamento dado ao ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio, visto ser esse um recurso valioso na construção de sentidos do texto e da intencionalidade discursiva, além de um elemento fundamental à recepção e à produção de textos.

Além disso, este trabalho buscará

aprofundar o ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de E.M, considerando suas funções discursivas e os recursos linguísticos articulados pertinentes à sequência descritiva.

reconhecer a importância da sequência descritiva como estratégia de argumentatividade, em diferentes gêneros textuais.

analisar a sequência descritiva por meio de sua “desmontagem”, nos termos propostos por Adam (2011), possibilitando um maior conhecimento de sua estrutura composicional.

propor atividades para um livro didático de Ensino Médio como uma proposta metodológica para a abordagem didática da sequência descritiva, segundo a teoria do linguista J. M. Adam.

Para o atendimento dos objetivos propostos nesta pesquisa, adotou-se a seguinte organização.

No capítulo 1, “Fundamentação teórica”, uma vez que a pesquisa tem como respaldo os estudos do linguista J. M. Adam (2011) sobre o texto e as sequências textuais, faz-se uma breve explanação sobre as concepções de texto, de gêneros textuais, de tipos textuais e de modos de organização do discurso, visto que há uma flutuação de terminologia sobre as sequências textuais. Alguns teóricos importantes dão respaldo à fundamentação, a saber: Bakhtin (2003), Bronckart (2007), Marcuschi (2009), Charaudeau (2008). Em seguida, é feita uma abordagem histórica sobre o que se tem dito sobre a sequência descritiva desde a retórica clássica até os estudiosos de algumas correntes da Linguística e, em seguida, são apresentadas as concepções de Hamon (1981), Petitjean (1989), Marquesi (2004) e Adam (1989; 1990; 1999; 2008; 2011) sobre a sequência descritiva, objeto de estudo desta pesquisa.

No Capítulo 2, “Metodologia e Análise do *corpus*”, é apresentada a constituição de oito das onze coleções de livro didático de Língua Portuguesa (LDP) do Ensino Médio (EM) aprovados pelo PNLEM-2012. Será descrita a forma como é analisada e abordada a questão levantada nessa tese, ou seja, a observação do tratamento da sequência descritiva nesses livros – o levantamento da presença ou não do ensino da sequência descritiva nos livros, como ela aparece nos capítulos e a forma como é abordada. Em seguida, será feita a análise de dados e apresentados os resultados finais dessa análise.

No capítulo 3, “Propostas de atividades sobre a sequência descritiva para livro didático de Língua Portuguesa de Ensino Médio”, como um possível desdobramento do estudo, são apresentadas propostas de exercícios produtivos sobre o ensino da sequência descritiva para os capítulos dos livros que a abordam, analisados no *corpus*, bem como atividades que, acredita-se, podem compor um capítulo de um livro didático de Ensino Médio, cujo assunto

seja a sequência descritiva, pois baseiam-se em uma perspectiva funcional da sequência referida, assim como nos descritores de Língua Portuguesa da Matriz Curricular de Referência para o 3º ano do Ensino Médio

No capítulo 4, “Considerações finais”, são feitas algumas considerações sobre o estudo realizado e serão apontados caminhos metodológicos para o maior aprofundamento do estudo da sequência descritiva.

E finalmente, em relação à ortografia utilizada neste estudo, convém ressaltar que são mantidos na íntegra os textos de citações anteriores ao Novo Acordo Ortográfico, cuja obrigatoriedade passa a ser a partir de 1º de janeiro de 2016.

## 1 EMBASAMENTO TEÓRICO

Como este trabalho pretende analisar a sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio, seguindo a teoria das sequências textuais do linguista Jean-Michel Adam (1989, 1990, [1993]2011, 1999, 2008), é importante saber o que se tem dito sobre o tema ao longo dos tempos, traçando uma perspectiva histórica. Também é mister conhecer o que dizem alguns teóricos da linguística textual, como Hamon (1981), Petitjean (1989), Marquesi (2004) e Adam (1989, 2008, 2011), teóricos que embasam esta pesquisa. Por fim, conhecer alguns conceitos básicos ligados à sequência descritiva.

### 1.1 Os conceitos básicos relacionados à sequência descritiva

#### 1.1.1 Noção de texto

O conceito de texto, apesar do uso corrente da palavra, não é tão simples, pois depende da concepção, que pode ser de base gramatical, semiótica, semântica, pragmática, discursiva (produto acabado de uma ação), cognitivista(processo) e sociocognitiva-interacional( lugar de interação).

O texto é uma forma de comunicar uma intenção, por meio de uma ou mais palavras, formando uma unidade de sentido. E para isso, apresenta uma característica fundamental que é a textualidade: conjunto de propriedades que uma manifestação verbal deve possuir para transformar uma unidade linguística em unidade de sentido.

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 2713), o termo texto tem como étimo, o latim *textos,us*, “narrativa, exposição”, ligando-se ao verbo latino *texo, tēxis, texui, textum, textere*, “tecer, fazer tecido, entrelaçar”, também aplicado às coisas do espírito, “compor ou organizar o pensamento em obra escrita ou declamada”.

O estudo do texto se intensificou, na década de 1960, com as várias correntes linguísticas e, a partir dessas, surgiram várias concepções. Inicialmente, sua definição foi gramatical e tipologizante, segundo a Gramática textual, que via o texto como “uma sequência bem formada de frases ligadas que progridem para um fim.” (SLAKTA, 1985, p. 138).

Alguns gramáticos brasileiros, preocupados não só em estudar os fatores constituintes de uma frase, mas em estudar os aspectos constituintes de um texto, buscaram defini-lo. Ribeiro (2012, p. 445) afirma que o texto é uma ocorrência linguística escrita ou falada, de extensão variável, com uma unidade comunicativa entre os membros de uma comunidade. Há vários fatores na produção de um texto: as intenções do falante, o jogo de imagens conceituais, mentais que o emissor e o destinatário executam.

Outra contribuição importante é de Azeredo (2007, p. 44) que conceitua texto como um produto da atividade discursiva, seja oral ou escrita. O texto é fruto de uma construção de sentido entre o enunciador e o receptor. Acrescenta, ainda, que toda interação social mediada pela linguagem se faz através de textos. Há vários fatores que envolvem sua produção, como o contexto discursivo. Em sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (AZEREDO, 2008, p. 79), diz que “o texto é uma cristalização do enunciado. O que se reproduz, o que submete à análise é o texto, e nunca o enunciado”.

Para a Linguística textual, a língua não se dá em unidades isoladas. Ela se dá em unidades de sentidos chamadas texto, sejam elas textos orais ou escritos. Vale ressaltar que uma das tendências atuais dos estudos linguísticos é não estabelecer uma divisão tão rígida entre discurso e texto, já que há um contínuo mútuo entre eles.

Situado na perspectiva interacionista sociodiscursiva, que considera as ações humanas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas, Bronckart (2007, p. 75) diz que “o texto é uma unidade de produção de linguagem, situada, acabada e autossuficiente do ponto de vista da ação e da comunicação”. O texto se constitui em uma unidade comunicativa “finita”. Acrescenta, ainda, que o texto se insere em um conjunto de textos ou em um gênero.

Vale ressaltar a contribuição de Marcurshi (2009, p. 72) que admite que o texto pode ser “uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico”. E acrescenta que o texto se encontra em uma perspectiva da enunciação, ou seja, depende de uma relação entre indivíduos entre si em uma situação discursiva. O texto, portanto, não é só uma unidade linguística, mas também uma unidade comunicativa.

Adam (2008), linguista que respalda teoricamente este trabalho, segue essa mesma concepção de texto, vendo-o como uma sequência de atos de enunciação com força ilocucionária, sendo o lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais. O teórico afirma que “o reconhecimento do texto como um todo passa pela percepção de um plano de texto, com suas partes constituídas, ou não, por sequências identificáveis.” (2008, p. 254)



Posto isso, este trabalho entende o texto não como um produto, mas como um lugar de interação, uma atividade enunciativa, inserida em um contexto, com um propósito intencional, sendo composto por uma estrutura sequencial.

### 1.1.2 A noção de gêneros textuais, tipos textuais e modos de organização do discurso

Um dos objetos de análise dos estudos linguísticos são os gêneros textuais. Esses são o foco do estudo do texto, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Entretanto, há uma flutuação quanto à terminologia, pois alguns teóricos adotam o termo gênero textual e outros, gênero do discurso. Há, ainda, alguns conceitos em disputa: sequências textuais, tipos textuais e modos de organização do discurso.

Bakhtin (2003, p. 262) define o gênero como uma unidade enunciativo-discursiva recorrente nas práticas sociais institucionalizadas, que envolvem papéis e relações sociais, em um dado tempo e espaço. Ele chama de gêneros do discurso. Esses estão em constante transformação, do mesmo modo que as realidades sócio-históricas e linguísticas em que são produzidos e circulam.

Para ele, falamos por meio de gêneros dentro de determinada esfera da atividade humana. Cada esfera de uso da língua estipula suas formas de enunciados, seus gêneros. Por serem mutáveis e flexíveis, esses não podem ser classificados de forma rígida, sendo "tipos relativamente estáveis de enunciado".

Há os gêneros primários e os secundários. Os gêneros primários compreendem tipos simples de enunciado, como a réplica do diálogo cotidiano e a carta. Já os secundários são considerados tipos complexos como o romance e a peça de teatro. As características dos gêneros são a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo. Segundo Bakhtin (2003), todos os textos materializam-se em forma de um gênero.

É de grande importância a reflexão de Bakhtin sobre o domínio da língua, pois ele admite que, ao aprendermos a falar, aprendemos a estruturar enunciados e não frases soltas, moldando o enunciado em estruturas que nos pré-existem, os gêneros discursivos.

Adotando a terminologia de gêneros textuais, Marcuschi (2008, p. 155) refere-se a esses como textos materializados que se encontram na vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Ele afirma que os gêneros são inúmeros, diferente dos tipos textuais, que são

poucos: narração, descrição, argumentação, exposição e injunção. Para ele, os tipos são sequências linguísticas e não textos materializados, ou seja, são modos textuais e acrescenta que os tipos de texto e os gêneros não subsistem isolados nem alheios um ao outro.

Outro linguista que adota essa mesma terminologia de gêneros textuais é Bronckart (2007, p. 137) que define o texto como sendo uma unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente do ponto de vista da ação e da comunicação; ele adota a terminologia gênero de texto.

Bronckart (2007, p. 138) acrescenta que os gêneros são múltiplos e até mesmo em número infinito, enquanto os segmentos que entram em sua composição são em número finito (relato, argumentação, diálogo etc). Esses segmentos são os tipos de discurso, “formas dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua e, por isso, em número necessariamente limitado”. Ele admite seis tipos de discurso: dialogal, descritivo, narrativo, explicativo, argumentativo e injuntivo.

Seguindo uma perspectiva bakhtiniana, Dolz e Schneuwly (2004, p. 63) entendem os gêneros como instrumentos semióticos complexos que auxiliam na apropriação e desenvolvimento de capacidades individuais nas práticas de linguagem. Eles partem da hipótese de que “é através dos gêneros que as práticas de linguagem se materializam nas atividades dos aprendizes”.

Os autores acrescentam, ainda, que os tipos de texto, do ponto de vista psicológico, são consequências de operações de linguagem efetuadas no curso da produção, possibilitando uma relação de implicação/autonomia, correspondente às relações estabelecidas entre os gêneros primários e secundários. Essas tipologias são: narrar, relatar, argumentar, expor e descrever ações (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 102).

Adotando a terminologia de modos de organização do discurso, Charaudeau (2008, p. 68), linguista francês de ideias inovadoras sobre a Análise do Discurso Francesa, afirma que esses modos “constituem os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa”. Há quatro modos de organização do discurso: narrativo, descritivo, argumentativo e enunciativo. Acrescenta que um gênero pode apresentar um ou vários modos de organização do discurso.

Charaudeau (2008) acrescenta que cada um desses modos tem uma função de base. O modo enunciativo tem uma função particular na organização do discurso: dar conta da posição do locutor com relação ao interlocutor. O descritivo, de identificar e qualificar seres; o narrativo, de construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato e o argumentativo de expor e provar causalidades numa visada racionalizante para influenciar o locutor.

Henriques (2011b, p. 7) afirma que a palavra gênero deve ser seguida sempre pelo adjetivo discursivo ou textual, já que as perspectivas funcional, enunciativa, textual e comunicacional se entrelaçam. Por isso, a palavra gênero está atrelada às palavras “discurso” e “texto”. O autor acrescenta que os gêneros apresentam traços que os distinguem mutuamente, embora, nem sempre, seja simples diferenciá-los.

Considerando-se toda esta fundamentação teórica, que embasa o estudo sobre a sequência descritiva, serão analisados os livros didáticos de Ensino Médio que compõem o *corpus* desta tese, observando-se como a sequência descritiva é abordada neles.

## 1.2 Perspectiva histórica

Embora o estudo da sequência descritiva tenha sido deflagrado com Philippe Hamon, na década de 1980, ela já havia sido abordada em estudos de Retórica e de Literatura desde o século XVI, segundo Hamon.

Philippe Hamon, em seus trabalhos de 1972, fez um estudo histórico do descritivo que se tornou, posteriormente, o capítulo primeiro de seu livro *Introduction à l'analyse du descriptif* (1981). Ele apresenta alguns marcos para uma história da ideia de sequência descritiva no discurso teórico (retórico, poético, crítico) sobre a Literatura, partindo da definição clássica de sequência descritiva em *L'Encyclopédie*, no século XVIII. Segundo o autor, a sequência descritiva “é uma figura de pensamento por desenvolvimento, que, no lugar de indicar simplesmente um objeto, torna-o de qualquer maneira visível, pela exposição viva e animada de propriedades e circunstâncias as mais interessantes”<sup>2</sup>.

No discurso clássico sobre a Literatura, dos séculos XVII e XVIII, havia entre os teóricos um olhar de desconfiança sobre a sequência descritiva, uma vez que seria um “detalhe” ameaçador da integridade da obra porque ela era vista como um ornamento que prejudicava o fluxo da narrativa. Seria necessário deixá-la para o relato de viagens ou para a Ciência apenas. Além disso, ela polarizava, à primeira vista, os pressupostos fundamentais da teoria retórica dominante, ou seja, o conceito de Mimesis, a ornamentação de discurso, a unidade tonal e estrutural da obra, o topos e a individualização estilística.

---

<sup>2</sup>No original: “La Description est une figure de pensée par développement, qui, au lieu d’indiquer simplement un objet, le rend en quelque sorte visible, par l’exposition vive et animée des propriétés et des circonstances les plus intéressantes”.

Acrescenta-se que alguns retóricos e teóricos da Estilística mencionavam um outro aspecto negativo da sequência descritiva – a despersonalização –, enquanto a narrativa era julgada positivamente. A sequência descritiva era suscetível de introduzir, ao nível temático, uma quebra e uma heterogeneidade suplementar.

Entretanto, para outros teóricos da época, como Hughes Blair, ela teria um lugar de destaque e desenvolveu-se na poesia descritiva: “A sequência descritiva é a pedra de toque da imaginação do poeta e distingue o gênio do copista”(BLAIR apud HAMON, 1981, p. 13). Destarte, alguns retóricos admitiam-na na epopeia, como Boileau, em sua *Art Poétique* (1674, III, p. 257-258), que mencionava a presença dela e recomendava: “Sede vivo e apressado em vossas narrações, sede rico e pomposo em vossas descrições”.

Vale ressaltar que Aristóteles (1969, p. 333), em sua *Arte Poética*, embora não mencione o termo sequência descritiva, ao estudar as figuras, no capítulo XXI, dá um exemplo de metáfora que não deixa de ser uma sequência descritiva ornamental: “a tarde é a velhice da vida, e a velhice é a tarde da vida”. No capítulo XXII, menciona o estilo metafórico como uma das qualidades da elocução, pois evita a vulgaridade e a trivialidade e diz, no capítulo XXIV que “a epopeia, que se apresenta em forma de narrativa, está mais apta a receber metáforas e deve apresentar pensamentos e beleza de linguagem” (p. 340).

A sequência descritiva, segundo o discurso retórico do século XVII ao século XX, deve estar subordinada ao homem em três níveis:

- a) deve ser o reflexo de uma paixão, da personalidade do artista, retratando um ideal particular, o qual deve interessar o leitor, por isso, a escolha dos detalhes é importante;
- b) deve estar a cargo de um personagem participante do enredo e que deve interessar não só ao personagem mas ao leitor e
- c) deve estar a serviço da composição, da legibilidade de um “caráter”, de um personagem do enredo ou do sistema global de personagens da obra, logo, da coerência textual.

Michel Foucault (1966) menciona em sua obra *Les Mots et les Choses* que, no discurso das Ciências da Natureza no XVIII, havia quatro variáveis da sequência descritiva técnica: as formas dos elementos, a quantidade desses elementos, o modo como eles se distribuem no espaço uns em relação aos outros e a grandeza relativa de cada um. Esses critérios do descritivo técnico são os mesmos encontrados nos tratados de retórica da época: enumeração de partes, semelhanças, diferenças, paralelos.

A emergência da Literatura como valor específico absoluto, a constituição do romance como grande forma realista “séria”, a aparição do poema em prosa e do fragmento do “detalhe” como obra literária autossuficiente contribuem, no final do século XVIII, para modificar o olhar de alguns teóricos e críticos sobre a sequência descritiva. Como afirma A. Baron (1853), em seu livro *De la Rhétorique ou de la composition oratoire et littéraire* “A maioria dos retóricos não insiste na sequência descritiva: é um erro. A sequência descritiva retorna quase inevitavelmente em qualquer obra. A alegoria, a comparação, as metáforas e a maior parte das figuras são apenas descrições, mais ou menos prolongadas”<sup>3</sup>(tradução nossa).

Baron (1853) acrescenta ainda que, na segunda metade do século XIX, alguns críticos e teóricos, embora de forma “tímida”, passaram a considerar a sequência descritiva como um objeto importante na prática pedagógica por ser um fragmento relativamente autônomo no fluxo textual, um estoque privilegiado para a aprendizagem de séries homogêneas de vocabulário, ou seja, de ampliação lexical.

É importante ressaltar que Adam e Petitjean, em seu livro *Le texte descriptif* (1989, p. 8), também abordam a sequência descritiva, do ponto de vista histórico, estudando as diferentes posições descritivas que os autores de textos literários podem obter, partindo do artigo “Description”, escrito por Pierre Larousse (1866) em *Larousse du XIX siècle*, a saber:

Segundo a poética de alguns contemporâneos, a sequência descritiva será apenas a imagem exata, a fotografia do objeto descrito[...]. A sequência descritiva literária não é absolutamente a natureza aberta; ela é a natureza vista por um espírito particular, sob uma face própria a suas ideias e sentimentos, a natureza reproduzida com exatidão em suas linhas proporcionais, mas modificada nos seus detalhes segundo a alma do poeta e o sentimento que o domina no momento em que a vê. (tradução nossa)<sup>4</sup>

Em seu texto, Larousse (1866) faz alusão a três tipos de sequência descritiva: a ornamental, que se preocupa com a busca da estética(visão da Retórica tradicional); a realista (designada de representativa por Hamon), que é a imagem exata, a fotografia do objeto descrito, e a expressiva, que é uma expressão particular, subjetiva, conforme “a alma do poeta”.

Segundo Adam e Petitjean (1989), é na literatura romanescas greco-latina, sobretudo na epopeia, que se encontra a origem dessas descrições ornamentais . Elas se caracterizam por uma isotopia constante (a preocupação com a idealização estética) e uma isotopia variável (o

<sup>3</sup>No original:“La plupart des Rhétoriques n’insistent pas assez sur la description: c’est un tort. La description revient presque inévitablement en quelque ouvrage que ce soit. L’allégorie, la comparaison, les métaphores même et la plupart des figures ne sont que des descriptions, plus ou moins prolongées”.

<sup>4</sup> No original: “D’après la poétique de quelques contemporains, la description ne serait que l’image exacte, la photographie de l’objet décrit [...] La description littéraire n’est pas absolument la nature embellie; elle est la nature vue par un esprit particulier sous un jour propre à ses idées et à ses sentiments , la nature reproduite avec exactitude dans ses lignes principales, mais modifiée dans ses détails selon l’âme du poète et le sentiment qui le domine au moment où il la voit.”

recurso para uma mimese pictórica). Eles citam, como exemplo, a sequência descritiva do escudo de Aquiles em *A Ilíada*, canto XVIII.

O segundo tipo de sequência descritiva é a expressiva. Ela se encontra no século XVII, nos romances de viagens e romances burlescos, mas, sobretudo, no século XVIII, nas descrições de paisagens. O *locus amoenus* (natural ou artificial) torna-se estatuto de clichê. A sequência descritiva é o depositário de um ponto de vista, seja esse do autor ou do personagem, determinando-a.

No século XIX, novos valores emergem no campo das representações literárias, como a concepção individualista de sujeito (representada pela noção de “gênio”), de imaginação e de originalidade. Essas “ideias literárias” modificaram a função das descrições de paisagem, que passam a ter, nos textos românticos, a presença de um ponto de vista do descritor (autor ou um personagem), pleno de marcas de subjetividade. A paisagem reflete o “estado de espírito” do personagem. A sequência descritiva torna-se bem subjetiva.

Por último, a sequência descritiva do tipo realista (representativa), que é a ruptura com as anteriores e que predominou nos escritores realistas que contestavam as “ideias literárias” determinantes das descrições expressivas e pretendiam que a objetividade estivesse presente na verdade das coisas ditas pelo escritor. Segundo o escritor Zola, “O fim a atingir não é mais o de contar, de colocar as ideias ou os fatos em sequência, uns após os outros, mas de tornar cada objeto que se apresenta ao leitor em seu desenho, sua cor, seu odor, o conjunto completo de sua existência [...]” (ZOLA, apud ADAM e PETITJEAN, 1989, p. 25) (tradução nossa)<sup>5</sup>.

Ainda nessa abordagem histórica, Adam (2011, p. 62), em seu livro *Les textes: types et prototypes*, menciona que a razão de a estética clássica rejeitar a sequência descritiva devia-se ao seu defeito maior, ou seja, ao fato de não comportar uma ordem não muito fixa, de não ter limites, sendo uma enumeração de partes ou aspectos de algo sob as formas de lista ou inventário, parecendo, por conseguinte, submissa aos caprichos dos autores.

Ele ressalta que, da Antiguidade aos nossos dias, a sequência descritiva foi depreciada e pulverizada em subcategorias: sequência descritiva de pessoas – retrato moral (etopeia) e retrato físico (prosopografia); sequência descritiva de coisas e de lugares (topografia); sequência descritiva de tempo (cronografia); duas descrições consecutivas ou misturadas, comparando diferenças e semelhanças); descrições de ações, acontecimentos, fenômenos

---

<sup>5</sup>No original: “Le but à atteindre n’est plus de conter, de mettre des idées ou des faits au bout les uns des autres, mais de rendre chaque objet qu’on présente au lecteur dans son dessin, sa couleur, son odeur, l’ensemble complet de son existence[.]”

(quadro) e exposição do objeto, resultante do trabalho estilístico do orador ou escritor (hipotipose)”(ADAM, 2011, p. 66).

Observa-se, assim, que predominava, no discurso clássico até o século XIX, um olhar de desconfiança dos teóricos sobre a sequência descritiva por ela ser vista como um detalhe inútil, uma definição imperfeita, um excesso de luxo e uma proliferação lexical infinita, sendo, por isso, desvalorizada.

Entretanto, no século XX, alguns teóricos começam a enxergar a importância da sequência descritiva, como Genette (1971), crítico e teórico literário, que admite que o descritivo apresenta uma organização autônoma, independente da narrativa e reconhece que a sequência descritiva é mais indispensável que a narração, por ser mais fácil descrever sem narrar. Em seu ensaio “Fronteiras da Narrativa”, ele apresenta duas funções da sequência descritiva. A primeira, decorativa, seguindo a Retórica tradicional, sendo, como as figuras de estilo, um ornamento. A segunda função, que se impõe no século XIX, no romance realista, é a explicativa e simbólica, em que as descrições de roupas e móveis e os retratos físicos justificam a psicologia dos personagens. Ele afirma, também, que a sequência descritiva, mesmo sendo um dos aspectos da narrativa, não é, totalmente, subalterna à narração e, de certa forma, é muito atraente.

Othon Moacyr Garcia(2003), em seu livro *Comunicação em Prosa Moderna*, aborda o parágrafo descritivo. Sua preocupação é estudar um tipo de composição e não fazer um estudo teórico sobre a sequência descritiva. Ele diz que há vários tipos de sequência descritiva: literária, de paisagem, de objeto, de personagens, de processo, objetiva, subjetiva, técnica e tipicamente científica. Acrescenta que a finalidade da sequência descritiva é transmitir a impressão que a coisa vista desperta em nossa mente através dos sentidos: “Ela é mais do que fotografia, porque é interpretação também, salvo se se trata de sequência descritiva técnica ou científica.” (2003, p. 246).

Quanto ao ponto de vista, diz que é de suma importância, pois não se limita à posição física do observador, depende de sua predisposição afetiva em face do objeto descrito. Acrescenta, também, que a precisão não faz parte dela, pois ela é a impressão que o objeto descrito desperta no observador, por isso é um recorte e não uma totalidade. Ele afirma: “Portanto, o que é preciso é captar a alma das coisas, ressaltando aqueles aspectos que mais impressionam os sentidos, destacando o seu ‘caráter’, as suas peculiaridades. É preciso saber selecionar os detalhes, saber reagrupá-los, analisá-los para se conseguir uma imagem e não uma cópia do objeto”. (ibidem)

Uma importante contribuição sobre o estudo da sequência descritiva é de Pauliukonis (2001). Ela diz que o ato de descrever é o resultado de um processo de observação. Acrescenta que descrever é enumerar as partes de um objeto, de um lugar, de personagens, de acontecimentos. Ela admite que há textos descritivos, propriamente ditos, como os de natureza científica ou técnica, que exercendo sua função extratextual, descrevem, por exemplo, um tipo de rocha ou um sistema de pronomes de uma língua.

Observa-se que Pauliukonis declara haver dois tipos de sequência descritiva, literária ou técnica, apresentando uma mesma concepção de Garcia(2003) em seu livro *Comunicação em Prosa Moderna*. Acrescenta, também, que a sequência descritiva apresenta duas funções: uma extratextual, em que a sequência tem um fim em si mesma, tornando-se puramente descritiva, como uma receita culinária; e outra intratextual, em que a sequência descritiva aparece, caracterizando um texto misto, em sequências narrativas ou argumentativas, tendo, como exemplo, um conto (PAULIUKONIS, 2001, p. 25).

A autora apresenta, também, em seu estudo, as categorias do descritivo: caracterizar, identificar, informar, localizar e qualificar. A linguista admite que a sequência descritiva exige uma competência lexical do leitor/ouvinte, por trabalhar com um estoque lexical, ao descrever o referente, pois, ao mesmo tempo em que unifica, a referida sequência o fragmenta no plano da aspectualização e do detalhamento. Aliás, essa competência lexical também é pertinente ao descritor( PAULIUKONIS, 2001, p. 27).

Dando continuidade a essa abordagem teórica sobre a sequência descritiva, ressalta-se que, com o advento da Linguística Textual, surgem estudos importantes, entre eles, os de Hamon (1981), Petitjean (1989), Adam (1989) e, no Brasil, Marquesi (2004), que serão apresentados a seguir.

### 1.3 A sequência descritiva na perspectiva de Hamon

Hamon (1981) afirma que a sequência descritiva possui um lugar de destaque na narração, pois representa “uma espécie de rede semântica fortemente organizada” capaz de construir ou destruir a legibilidade da narrativa.

Embora o autor (HAMON, 1981) enfocasse o descritivo na narrativa, já preconizava **a existência de uma competência descritiva, a qual seria uma competência lexical e enciclopédica do leitor e do descritor** (grifo nosso). O supracitado linguista diz “que a



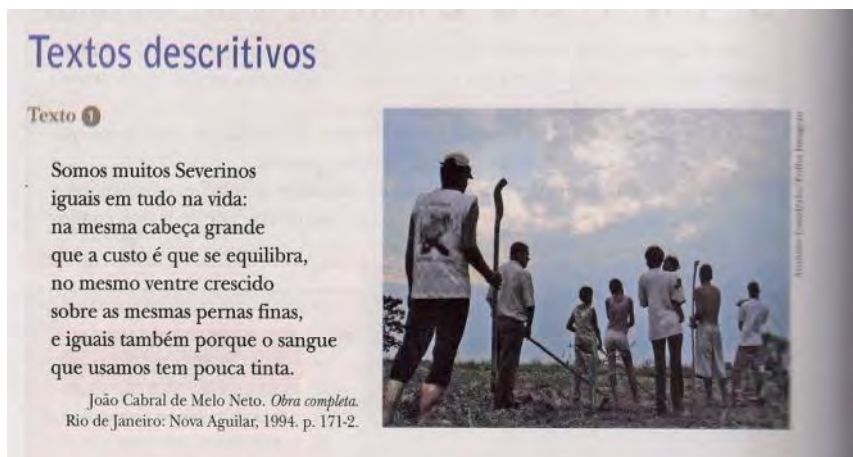
sequência descritiva apresenta sinais autorreferenciais e metalinguísticos que a tornam notável no fluxo textual como os adjetivos, nomes próprios, os tempos verbais e as figuras retóricas”. (HAMON, 1981, p. 46) É preciso ressaltar que essa declaração coloca o descritivo em uma situação de igualdade ao narrativo e ao argumentativo por possuir marcas que o identificam no texto.

Hamon (1972, p. 73) acrescenta, também, que o sistema descritivo é um jogo de equivalência e de hierarquização entre um nome e uma expansão (estoque de palavras) por serem justapostas em lista ou coordenadas e subordinadas em um texto e afirma que a sequência descritiva tem um papel privilegiado na narrativa, já que pode organizar ou destruir a legibilidade de toda a narrativa, em função de se apresentar como “uma espécie de rede semântica fortemente organizada”.

Por ser uma expansão de um referente, a sequência descritiva exige uma competência lexical do descritor, pois esse precisa ter um estoque de palavras para expandir o objeto descrito. Na sequência descritiva, há uma enumeração de atributos que, construídos pelo descritor, somente se concretizam se o leitor/interlocutor compartilhar do conhecimento desses itens lexicais, ativados de forma significativa na construção do sentido – ou seja, como afirma Hamon (1981, p. 44), a sequência descritiva caracteriza-se como o local onde se demanda ao leitor o seu duplo saber lexical e enciclopédico.

Hamon (1981) declara que há três modos de descrever: o “ver”, o “dizer” e o “agir”. A sequência descritiva do tipo “ver” segue o olhar do personagem ou narrador, o que ele pode observar, vislumbrar, como no exemplo a seguir:

Figura 1



Fonte: FERREIRA, Mauro; AMARAL, Emília; LEITE, Ricardo e ANTÔNIO, Severino. *Novas Palavras*. São Paulo: Editora FTD, 2008, p. 438.

A sequência descritiva tipo “dizer”, ao encargo de um personagem mostra um conhecimento do objeto descrito, como se observa no exemplo a seguir:

Figura 2

**Descrição de personagem**

O texto a seguir descreve psicologicamente Lady Russell, personagem do romance Persuasão, da escritora inglesa Jane Austen.

[...] Era uma boa mulher, caridosa e benevolente, capaz de profundas amizades, impecável na conduta, rigorosa nas suas ações de decoro e de uma distinção considerada um modelo de boa educação. Era culta e, em geral, coerente, racional, mas tinha alguns preconceitos quanto à tradição. Valorizava posição e prestígio, o que a tornava um tanto cega às falhas de quem os possuía. [...]

(Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996. p. 35.)

Fonte: CERREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português. Linguagens*. São Paulo: Editora Atual. 2008, p. 109.

É preciso ressaltar que os verbos “mostrar”, “indicar”, “explicar” podem aparecer nesse tipo de sequência, conforme afirma Hamon (1981), visto que ilustram o conhecimento do objeto/ser descrito pelo descritor.

A sequência descritiva do tipo “agir” mostra uma série de ações, o fazer de um personagem ou narrador agindo sobre o objeto descrito. Ele acrescenta que a motivação dessa sequência descritiva é “dramatizar”, como se pode perceber a seguir, nos trechos assinalados:

Figura 3

tado com o irmão, Jeanlin, com quase doze anos; na da direita, dois pequenos, Lénore e Henri, a primeira de seis anos, o segundo de quatro, dormiam abraçados; Catherine partilhava a terceira cama com a irmã Alzire, tão fraca para os seus nove anos, que ela nem a sentiria ao seu lado, não fosse a corcunda que deformava as costas da pequena enferma.] A porta envidraçada estava aberta, podiam-se ver o corredor do patamar e o cubículo onde o pai e a mãe ocupavam uma quarta cama, contra a qual tiveram de instalar o berço da recém-nascida, Estelle, de apenas três meses.

Entretanto, Catherine fez um esforço desesperado. Espreguiçava-se, crispava as mãos nos cabelos ruivos que se emaranhavam na testa e na nuca. Franzina para os seus quinze anos, não mostrava dos membros senão uns pés azulados, como tatuados com carvão, que saíam para fora da camisola estreita, e braços delicados, alvos como leite, contrastando com a cor macilenta do rosto, já estragado pelas contínuas lavagens com sabão preto. Um último bocejo abriu-lhe a boca um pouco grande, com dentes magníficos incrustados na palidez clorótica das gengivas, enquanto seus olhos cinzentos choravam de tanto combater o sono. Era uma expressão dolorosa e abatida que parecia encher de cansaço toda a sua nudez.

**alguidar:** vaso baixo de barro ou de metal.  
**caserna:** habitação de soldados, dentro do quartel ou em uma praça fortificada.  
**clorótico:** relativo a ou que tem clorose, anemia peculiar à mulher, assim chamada pelo tom amarelo-esverdeado que imprime à pele.  
**crispar:** encrestar, franzir.  
**macilento:** magro e pálido; descarnado.

**mordente:** que morde; mordaz.  
**nogueira:** árvore europeia, cuja madeira é boa para móveis.  
**rés do chão:** pavimento de uma casa no nível do solo ou da rua; andar térreo.  
**sebe:** cerca de arbustos, ramos, estacas ou ripas entrelaçadas.

(São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 21-3.)

Fonte: CERREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português. Linguagens*. São Paulo: Editora Atual. 2008, p. 106.

Hamon (1981) entende o texto como uma estrutura sequencial que, sobre sua base, retém uma série de proposições. Entretanto, compreende essa estrutura como sendo sequencial heterogênea, em que uma sequência está inserida em outra sequência, como uma sequência descritiva inserida em uma sequência narrativa.

Outra constatação importante do linguista é que a sequência descritiva pode ser uma proposição de orientação argumentativa, que transforma as representações descritivas em argumentos para uma conclusão, como se pode observar na reportagem a seguir, nos trechos assinalados:

Figura 4

**A descrição objetiva**

Continuando nosso trabalho sobre a importância do ponto de vista do observador diante do objeto observado, vamos estudar um exemplo de descrição objetiva.

**Aridez do sertão conserva sítios arqueológicos e paleontológicos**

*Entre os destaques está a Pedra de Ingá, com 24 metros de comprimento por 3,8 metros de altura*

INGÁ – Sai governo, entra governo e o sertão segue invariavelmente relacionado à seca, pobreza, sofrimento. Mas o mesmo sol escaldante que evapora as esperanças dos sertanejos e a mesma terra quebrada pela falta de irrigação preservaram uma riqueza de valor inestimável no interior do Nordeste. A Paraíba, por exemplo, abriga sítios arqueológicos e paleontológicos que, aliados a formações geológicas curiosas, convencem qualquer turista de que um roteiro alternativo pode, sim, passar ao largo da bela costa. Além do mais, o cariri pernambucano tem lá sua beleza, à margem dos padrões tradicionais.

Inscrições rupestres feitas há milhares de anos, pegadas de dinossauros e ossos fossilizados são algumas das surpresas escondidas no interior do Estado. Só se alcançam tais lugares depois de se embrenhar pelo agreste, num trajeto puxado, por estradas às vezes estreitas, às vezes em obras. No caminho, é bom encontrar tempo para uma pausa, para observar bodes pastando e calangos cruzando a estrada, para experimentar o fruto do cacto xiquexique ou para fotografar uma flor exótica, como a do mandacaru (lindíssima!). [...]

Itacoatiaras – O maior monumento arqueológico do Brasil, com 24 metros de comprimento por 3,8 metros de altura, fica num sítio arqueológico no município de Ingá, a cerca de 90 quilômetros da capital paraibana. A Pedra de Ingá completa um conjunto de rochas com inscrições rupestres, chamadas itacoatiaras (pedras riscadas, em tupi), e assenta-se junto das águas do Rio Ingá de Bacamarte. O imenso e intrigante monólito traz em quase toda sua superfície figuras humanas, animais, espirais, plantas, cruces e estrelas, entre outros tantos desenhos, muitos indecifráveis, apesar do esforço de geólogos, historiadores e arqueólogos.

As inscrições aparecem em depressões de quase 1 centímetro de profundidade. Na verdade, os sulcos já tiveram até 3 centímetros, mas as ações do tempo e do homem contribuem para sua degradação.

O monumento foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mas apenas uma corda precária preserva o bloco das mãos curiosas de certos visitantes. [...]

*O Estado de S. Paulo, São Paulo, 26 nov. 2002. Caderno de Viagem e Turismo.*





Observa-se que a enumeração e o inventário de palavras em uma sequência descritiva não estão colocados por acaso, mas atendem a uma orientação argumentativa. Assim, os elementos são ordenados e hierarquizados para fazer sentido no texto ou na situação.

Hamon (1981) diz, também, que o sistema descritivo apresenta um tema-título, ou seja, uma denominação e uma expansão-definição sob a forma de uma nomenclatura (conjunto de palavras). Declara, também, que as sequências descritivas aparecem em discursos literários e não literários e, finaliza, dizendo que a sequência descritiva é a construção, em forma de um texto, de uma rede semântica com forte densidade definida por uma hierarquia de relações.

Figura 5

3. Leia o texto e, em seguida, reescreva-o, procurando transformá-lo numa descrição objetiva.

**Chegou a lavadora “Apolínea Clean”!**

Ela lava o que é confuso, deixando tudo claro, transparente, dando uma gostosa sensação de realidade!

A lavadora “Apolínea Clean” é a única que vem com um processador mental sob medida pra você que quer parar de ser tragada pelas próprias paixões!

A lavadora “Apolínea Clean” tira das suas roupas aquelas manchas de alegria; a textura do aconchego; ou mesmo a aspereza de algumas lembranças!

Tome você também um banho gelado de razão! Pendure no varal de sua casa somente a justiça, a coragem e a moderação!

Ligue já. Realidade é sempre o melhor negócio.

Ângela Dip. *Por água abaixo: uma comédia filosófica.*  
São Paulo: Terra Virgem, 2002.

Fonte: FERREIRA, Mauro; AMARAL, Emília; LEITE, Ricardo e ANTÔNIO, Severino. *Novas Palavras*. São Paulo: Editora FTD, 2008, p. 457.

No texto acima, o tema-título é a “lavadora Apolínea Clean”. “Apolínea” significa “aquilo que tem como característica o equilíbrio e a sobriedade; que expressa harmonia, tranquilidade e beleza”; “clean”, que vem da Língua Inglesa, significa “limpo, claro, não poluído” (segundo o dicionário *Aulete*, versão digital).

Observa-se que o tema-título, por meio, principalmente, da palavra “clean”, faz parte, provavelmente, do conhecimento enciclopédico compartilhado entre o descritor e o seu leitor, visto que “Apolínea Clean” tem seu significado atrelado ao campo semântico de limpeza e sobriedade, estando em relação de sinonímia com “claro”, “transparente” e “gelado”, assim como, em relação de antonímia, com “mancha”, “textura” e “aspereza” (HENRIQUES, 2011, p. 78).

A partir das referidas relações semânticas de sinonímia, é possível chegar-se às relações associativas com “justiça”, “coragem”, “moderação” e “razão”. A partir das referidas relações semânticas de antonímia, é possível chegar-se às relações associativas com “alegria”, “aconchego”, “lembranças” e “paixões”.

Na interpretação dessas relações associativas, que compõem um sequência descritiva, com função argumentativa, chega-se à conclusão de que “A Lavadora Apolínea Clean” traz o usuário de volta à realidade, limpando as impurezas das emoções”, conforme o esquema abaixo.

Figura 6



Ressalta-se que, especialmente por ser um texto literário, no qual há a liberdade de transgredir em vários aspectos, inclusive, no lexical, a referência é uma questão crucial na elaboração e na interpretação de um texto. Como afirma Valente (2005, p. 244), o “discurso literário e a sua liberdade de dizer abrem espaço para um repertório transgressor”.

É importante observar que os autores do livro didático só propuseram a atividade de transformar a sequência descritiva subjetiva em objetiva, deixando de desenvolver a análise da sequência em si. O aprofundamento do estudo dessa sequência descritiva, por meio do estoque lexical, a orientar o leitor a concluir a tese do texto, possibilitaria o aluno a perceber a função argumentativa dessa sequência, fato esse que contribuiria para a construção do sentido no texto.

#### 1.4 A sequência descritiva na perspectiva de Marquesi

Em relação ao estudo da sequência descritiva no cenário brasileiro, uma importante contribuição é a da linguista brasileira Sueli Marquesi (2004, p. 102), que, com base na contribuição da teoria de Hamon (1981) e Adam (2008), postula três categorias do descritivo, entendendo-se por categorias “as funções textuais esquemáticas que possibilitam ao homem organizar e classificar as diferentes frases enunciadas num texto”, sabendo que todo texto implica as categorias básicas de condensação (isto é, fazer em um recorte lexical um conjunto sêmico) e expansão (isto é, uma sequência de predicacões). São elas: categorias de designação, de definição e de individuação.

A categoria de **designação** compreende nomear, indicar, determinar, dar a conhecer para se determinar e qualificar certas marcas. Ela tem a função de relacionar as diferentes lexias a fim de ordená-las e designar a referência do texto.

A categoria de **definição** compreende determinar a extensão ou os limites de enunciar atributos essenciais e específicos (predicação pela convenção social), de modo que torne alguma coisa inconfundível com outra. Logo, a definição é uma paráfrase da designação (x é y). Acrescenta-se que o que possibilita essa definição, ou seja, esse conjunto de predicacões é um saber partilhado do descritor e do leitor.

A categoria de **individuação** compreende especificar, particularizar, tornar individual (predicação própria de um ser). Esse conjunto de predicacões pode ser permanente ou provisório.

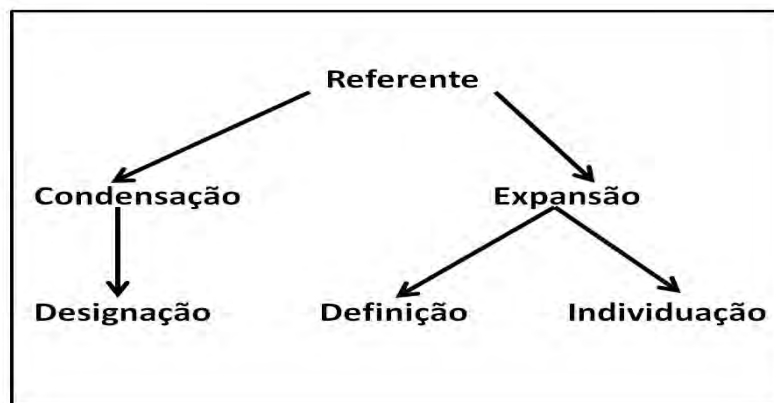
Marquesi (2004, p. 109) diz ser necessário reconhecer as regras que organizam o descritivo, sabendo-se que a formulação dessas compreende “a existência de um sujeito que representa um saber-fazer e de um outro, capaz de executar corretamente e de reproduzir as instruções recebidas”.

Dessa forma, Marquesi (2004) propõe duas regras para a ordenação das categorias textuais esquemáticas do descritivo: a regra de equivalência e a regra de hierarquização, como sinalizou Hamon (1981, p. 140). A primeira corresponde a uma identidade parcial entre duas ou mais unidades conhecidas: x é y. Nesse enunciado, há as categorias de designação (função de nomear), de definição (a predicação pela convenção social) e de individuação (predicação própria de um ser, permanente ou transitória).

A segunda relaciona-se à morfologia e à sintaxe do texto, sendo responsável por um dos níveis de coerência textual que exige a manutenção e a progressão da referência na expansão

textual. Assim, as categorias de designação, definição e individuação podem ser hierarquizadas pela condensação e expansão, tendo no tópico mais alto da arborescência a tematização do ser descrito. Esclarece-se que o termo arborescência, adotado por Marquesi, representa o esquema das categorias da sequência descritiva. Visualize-se o quadro:

Figura 7



Marquesi(2004) conclui com seu estudo sobre a superestrutura descritiva que essa apresenta características específicas, tais como a expansão em blocos, a composição dos blocos indica um processo metonímico-sinedóquico, em que o ser é descrito por predicções relativas às suas partes ou propriedades e, entre as partes e/ou elementos contidos nos blocos, há um elemento comum, que é o fio condutor do texto.

### 1.5 A sequência descritiva na perspectiva de Adam

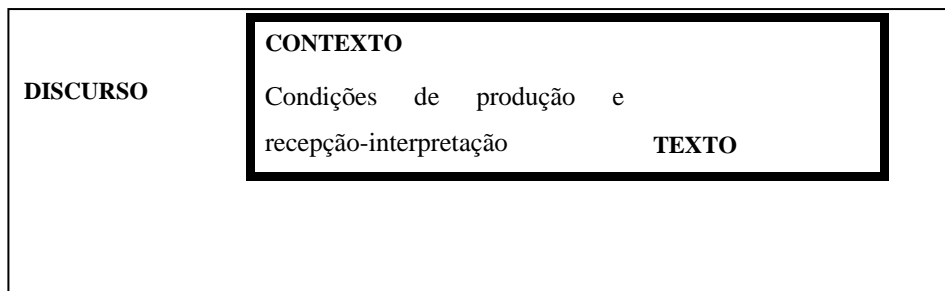
Jean-Michel Adam (2008), que tem seus estudos na interface da Linguística Textual e da Análise do Discurso francesa, apresentou a noção de sequência textual em textos, no final de 1980 e no início dos anos 90. Seguindo a concepção dialógica de linguagem de Bakhtin (2003), admite os papéis de enunciador e enunciatário dentro do texto, bem como as marcas de enunciação, que ajudam na construção do sentido. Entende, ainda, que os textos existem em função/decorrência das práticas sociais de linguagem.

Sobre o texto, Adam (1990) apresentou uma concepção descontextualizada, em que via o texto como forma abstrata em que se tinha o fato linguístico puro sem suas condições de produção, segundo a fórmula proposta por ele, a saber:

$$\begin{aligned} \text{Discurso} &= \text{texto} + \text{condições de produção} \\ \text{Texto} &= \text{discurso} - \text{condições de produção} \end{aligned}$$

Entretanto, em 1999, o autor apresenta uma nova concepção de texto, opondo-se a de 1990. Agora, ele vê o texto no contexto de práticas discursivas sem dissociar sua historicidade e suas condições de produção. Ele o identifica como objeto concreto, material e empírico resultante de um ato de enunciação (ADAM, 1999, p. 40). Assim, oferece uma nova fórmula:

Figura 8



Observa-se, então, que a distinção entre texto e discurso tende a anular-se, pois o texto passa a ser tratado com um evento comunicativo, indo-se do *cotexto* ao contexto. Ressalta-se ainda, que Adam (2008, p. 261) vê o texto sob dois ângulos distintos: uma organização sequencial e uma pragmática ou configuracional. A organização configuracional ou pragmática é composta por três dimensões: a argumentativa, a enunciativa e a semântico-referencial.

A dimensão argumentativa expressa que o texto atende a uma intenção e cabe ao leitor identificá-la. Para o linguista, o texto só ganha sentido, quando interpretado pelo leitor. Para isso, apresenta índices na materialidade textual que funcionam como recursos destinados a orientar o leitor em sua interpretação. Já a dimensão enunciativa diz respeito aos planos de enunciação de um conteúdo referencial. E a semântico-referencial é representada pela macroestrutura semântica ou pelo tema global do texto.

A organização sequencial é o agrupamento de proposições-enunciados: as macroproposições. Em sua estrutura sequencial, um texto comporta um número  $n$  de sequências completas ou elípticas ( $n$  sendo compreendido entre 1 e um número teoricamente ilimitado). De acordo com Adam (2008), a sequência é uma unidade estrutural relativamente autônoma que integra



e organiza macroproposições (proposições-enunciados) e mantém uma relação de dependência–independência a outras no conjunto mais amplo do qual faz parte ( o texto).

Adam(2011, p. 52) acrescenta que a textualização das macroações discursivas narrativa, descritiva, argumentativa e explicativa parece adotar formas regulares de composição, sobretudo, na escrita, enquanto, a dialogal, que articula atos primitivos de força primária, necessita de outra explicação.

Essa abordagem sequencial permite considerar que o texto pode ser composto por uma única sequência, como uma narrativa curtíssima ou ele pode ser composto por estruturas sequenciais heterogêneas, havendo uma dominante sequencial. Por exemplo, em um romance, sendo dominante a sequência narrativa, pode haver a inserção da sequência descritiva e da dialogal. Logo, é dessa diversidade de sequências e de suas modalidades de articulação que decorre a heterogeneidade composicional da maioria dos textos. Assim, um plano de texto ou uma superestrutura engloba  $n$  sequências de  $n$  macroproposições, compreendendo elas mesmas  $n$  microproposições. Acrescenta-se que há planos de texto fixos, determinados pelos gêneros, como um soneto e uma receita culinária.

De início, Adam ([1993]2011, p. 52) menciona sete sequências textuais: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, injuntiva, conversacional e poética. Depois, passa para cinco: narrativa, explicativa, descritiva, argumentativa e dialogal, retirando a injuntiva, por considerá-la parte da sequência descritiva e a poética, por considerá-la o resultado de ajustes de superfície do texto, mas não uma estrutura organizada de proposições.

Para Adam ([1993]2011), a sequência narrativa é composta por seis macroproposições: situação inicial, complicação, (re)ação, resolução, situação final e moral. As situações inicial e final representam os momentos de equilíbrio da ação e têm por base a sequência descritiva. A complicação, as (re)ações e a resolução caracterizam o esquema narrativo: um fato ocorre e quebra o equilíbrio inicial, desencadeando (re)ações que forçam uma resolução, criando uma nova situação de equilíbrio.

Ainda sobre a sequência narrativa, o linguista afirma que uma narrativa que não apresenta um evento perturbador da situação inicial possui um baixo grau de narrativização. Logo, uma narrativa constituída apenas por uma enumeração de sequência de ações e/ou eventos que caminha linearmente, sem complexidade, possui pouca narrativização.

Por sua vez, a sequência explicativa visa a explicitar uma ideia, traçando um perfil claro sobre ela. O esquema organiza-se da seguinte forma: levantamento de um problema ou questão; resolução do problema ou resposta à questão; resumo da resposta, com avaliação (ADAM,

2011). Essa sequência pode aparecer em segmentos curtos e apresenta um SE (introdutor de um problema) que combina com É QUE ou É PORQUE (introdutores de uma explicação).

A sequência descritiva, por outro lado, é a menos autônoma. Ao contrário da narrativa, ela não apresenta uma ordem linear causal. Geralmente, consiste na determinação de um rótulo e de propriedades e características a ela relacionados. Vale ressaltar que essa sequência será estudada, detalhadamente, mais à frente.

A sequência argumentativa consiste, essencialmente, na contraposição de enunciados que se sustentam em operadores argumentativos. Ela é constituída de três partes: os dados (premissas), o escoramento de inferência (elementos que encaminham para a conclusão e podem estar apoiados por exemplos) e a conclusão (opinião do enunciador); e completa-se por uma tese anterior (ideia que será contestada) e uma restrição (apresentada por uma partícula conclusiva ou restritiva que encaminha à conclusão) (ADAM, p. 2011).

A sequência dialogal é composta pela emissão de enunciados por dois ou mais interlocutores, alternando os turnos da fala. Ela é a sequência predominante nos gêneros textuais mais comuns na comunicação humana: a conversação e suas variantes (debates, conversas telefônicas e entrevistas). Sua composição se dá, na interação, por uma sequência fática de abertura, uma sequência transacional (perguntas, respostas e comentários) e uma sequência fática de encerramento (despedidas, agradecimentos). As sequências fáticas são ritualísticas e as transacionais compõem a razão do ato comunicativo (ADAM, 2011).

Adam (2011, p. 52) acrescenta que a textualização das macroações discursivas narrativa, descritiva, argumentativa e explicativa parece adotar formas regulares de composição, sobretudo, na escrita, enquanto, a dialogal, que articula atos primitivos de força primária, necessita de outra explicação.

Outra questão importante é a diferença entre sequência textual e gênero. Os gêneros são heterogêneos e marcam situações e práticas sociais enquanto as sequências, como segmentos de texto específico, são relativamente estáveis e mais facilmente delimitáveis em um tipo de texto. Elas são organizações linguístico-formais em interação no interior do gênero, formando um segmento de texto. (ADAM, 2008)

Além disso, o linguista destaca que as operações que orientam a sequência ou o texto como uma série de sequências são determinadas por esquemas de reconhecimento mais ou menos codificados e por regras de encaminhamentos de séries (ou sequências) de enunciados.

Na obra *Le Texte Descriptif* (ADAM E PETITJEAN, 1989, p. 111), os linguistas escrevem que, na organização da sequência descritiva, há dois agentes indispensáveis – o descritor e o descrito –, sendo o primeiro, o portador do ponto de vista da base de seleção e de

interpretação do que é descrito, responsável como se descreve. Ele decide o que quer fazer ver, guiando o olhar do destinatário de acordo com o efeito que nele deseja produzir. Há, portanto, uma orientação argumentativa da sequência descritiva na construção intencional de sentido do texto. Assim, percebe-se que a sequência descritiva é um texto, frequentemente, persuasivo, havendo um estatuto dialógico nas sequências.

Os teóricos sustentam, também, que a sequência descritiva é composta por macroproposições que não se organizam em uma ordem linear obrigatória, mas se encaixam em uma ordem hierárquica ou vertical. Eles acrescentam que a sequência descritiva apresenta características que garantem a coesão global do texto descritivo. Em sua fase prototípica, ela comporta três fases:

1) fase de ancoragem - em que o tema da sequência descritiva é apresentado, assinalado por uma forma nominal ou tema-título, ou seja, o objeto descrito é nomeado.

Ressalta-se que, quando o tema-título é colocado no início da sequência, o leitor pode convocar seu conhecimento enciclopédico para ter ideia do que vai ler. Porém, quando o tema-título é posto no final da sequência, o leitor só pode levantar uma hipótese ao final.

2) fase de aspectualização - em que são enumerados os diversos aspectos e propriedades do tema-título. Nessa fase, são apresentados os atributos e as propriedades do referente descrito no todo ou fragmentado em partes (sinédoques). Essas partes podem se dividir em subpartes de partes em um procedimento infinito. Essa operação é considerada a base da descrição. Vale ressaltar que a escolha das propriedades e das partes expressa uma orientação avaliativa (argumentativa) do autor da descrição.

3) fase de relacionamento - em que os elementos descritos são relacionados a outros por operações de contiguidade (metonímica) ou de analogia (comparativas ou metafóricas). O referente descrito é comparado a outros elementos na sua aspectualização. Na relação de analogia, o tema-título é comparado a outro objeto-indivíduo. Na relação de contiguidade, há uma aproximação do tema-título a outro objeto, espacial ou temporalmente.

Esse modelo pode ser realizado de vários modos. De forma rudimentar: tema e, em seguida, descrições ou as propriedades atribuídas, tornando-se um subtema, que se decompõe em partes. Assim, o esquema vai se expandindo de forma infinita, mas limitado pragmaticamente. Adam (2011, p. 89) enfatiza que um procedimento descritivo é inseparável da expressão de um ponto de vista, de uma visada do discurso e o fato de se atribuir um predicado a um sujeito constitui a base de um conteúdo proposicional. Logo, descrever é dar elementos de um determinado referente, a fim de caracterizá-lo, ou seja, reconhecer as propriedades do descrito através de processos determinativos ou avaliativos, sendo esses: a identificação, a informação,

a localização e a qualificação. Pode-se dizer que essas são funções da sequência descritiva: identificar, informar, localizar e qualificar.

O linguista acrescenta que, no nível da composição textual, há quatro macrooperações que agrupam nove operações descritivas, as quais geram vários tipos de operações descritivas de base, a saber:

**1. Operações de tematização-** é a principal macrooperação. É a apresentação do referente a ser descrito, chamado de tema-título. Ela dá unidade a um segmento e faz dele uma espécie de sequência. Ela se apresenta de três maneiras diferentes para a construção do sentido:

- **pré-tematização ou ancoragem-** é a denominação imediata do objeto que abre um período descritivo e anuncia um todo. “A escolha de um nome próprio ou de um nome de objeto mais ou menos específico muda, naturalmente, o enquadramento do objeto do discurso” (ADAM, 2008, p. 217).

- **pós-tematização ou ancoragem diferida-** é uma denominação adiada do objeto, que somente nomeia o quadro da sequência descritiva no curso ou final da sequência. Esse adiamento, porém, não prejudica a unidade do período descritivo.

- **retematização ou reformulação-** nova denominação do objeto que reenquadra o todo, fechando o período descritivo. A retematização interrompe uma denominação inicial do objeto.

**2. Operações de aspectualização-** essa macrooperação se apoia na tematização e agrupa duas operações:

- **fragmentação ou partição-** seleção de partes do objeto da sequência descritiva. A operação de análise de um todo, em partes e subpartes.

- **qualificação ou atribuição de propriedades-** evidencia propriedades do todo e/ou partes (sinédoques) selecionadas pela operação de fragmentação. A operação de qualificação é realizada, geralmente, pela estrutura nominal nome+ adjetivo ou pelo recurso predicativo ao verbo ser.

As operações de aspectualização constituem o centro do processo descritivo, pois elas apresentam as propriedades-qualidades do referente e se constroem sobre as partes do todo e este constitui o objeto do discurso descritivo (tema-título). Quando a aspectualização é sobre o tema, denomina-se macroproposição descritiva. Quando a aspectualização é de uma das partes do tema, denomina-se microproposição descritiva.

**3. Operação de relação-** essa operação se agrupa em duas:

- **de contiguidade-** pode ser: situação do tipo metonímico, espacial ou temporal (situação do objeto de discurso em um tempo histórico ou individual). Essa contiguidade de um objeto ou de um personagem pode ser tão forte que o objeto se torna parte constitutiva do todo.

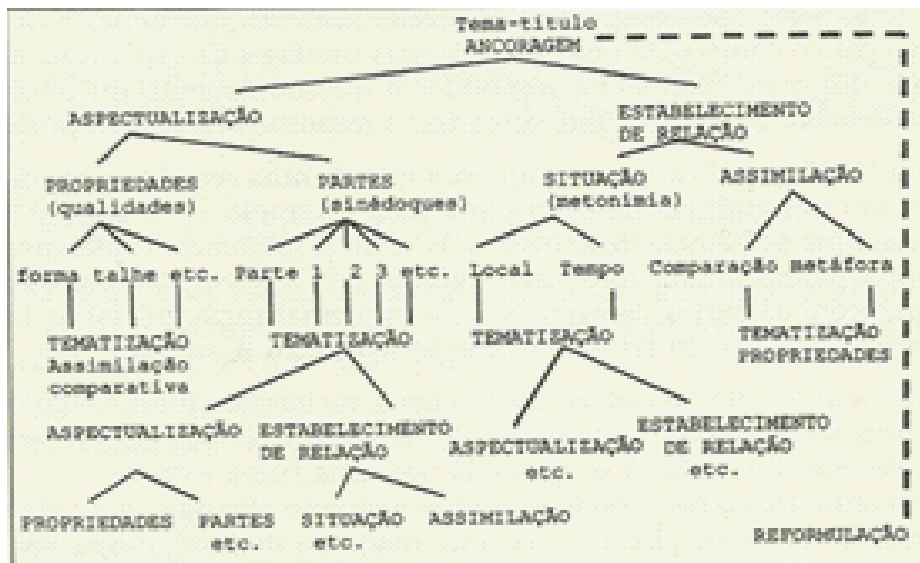
- A diferença entre sinédoques, partes do todo, que compõem a operação de aspectualização e a situação metonímica da operação de relação é que aquelas são partes de um todo fragmentado, como, por exemplo, a apresentação de atributos às partes do corpo (mãos, cabeça, coração e etc). Já a situatização metonímica apresenta uma expansão do referente por contiguidade, aproximando-o de outro objeto-indivíduo. Exemplificando: as vestimentas, representando o ser descrito.

- **de analogia-** essa forma de assimilação comparativa ou metafórica permite descrever o objeto, colocando-o em relação com outros objetos-indivíduos.

**4. Operação de expansão por subtematização-** essa operação caracteriza-se pelo encaixamento de uma sequência em uma outra, sendo, assim, a fonte da expansão descritiva. Essa extensão da sequência descritiva se produz pelo acréscimo de qualquer operação (ou combinada com) a uma operação anterior. Essa pode ser a base de uma nova sequência considerada como novo tema-título.

Observa-se, então, que a sequência descritiva apresenta três partes: uma ancoragem (onde se tem um tema-título), uma dispersão de propriedades (contendo dois processos: a aspectualização e o estabelecimento de relação) e uma reformulação (onde se tem uma nova visualização do tema).

Figura 9



(Quadro da superestrutura descritiva) (ADAM apud MEURER, et al, 2007, p. 222)

Analisando o esquema, temos o tema-título que é o objeto descrito. A macroproposição apresenta um caráter aberto, pois a sua expansão é sinalizada pelo etc, ou seja, podem-se acrescentar várias propriedades do todo e das partes. Essas propriedades são as qualidades ou atributos do tema (objeto referente). Além desses, podem se inserir partes desse tema (objeto referente) através de sinédoques ou estabelecer relações por meio de metonímias e também de metáforas ou comparações.

Destarte, situa-se o tema em situação espacial ou temporal. Esse tema pode gerar subtemas que gerarão novos subtemas em um processo de expansão e reformulação, ou seja, uma das partes apresentadas do tema (objeto referente) pode ser descrito, apresentando-se suas propriedades, que podem ser expandidas.

Adam (2008) afirma que as macroproposições descritivas não apresentam uma organização interna pré-configurada como as sequências narrativa, argumentativa e explicativa. Em verdade, a sequência descritiva é um repertório de operações: qualificação de um todo, seleção de partes desse todo, qualificação de partes, renomeação do todo dentre outros.

É importante ressaltar, também, que Adam (2011, p. 92) reconhece, como Hamon (1981), que a sequência descritiva segue uma orientação argumentativa, pois a atribuição mínima de um predicado a um sujeito constitui a base de um conteúdo proposicional. Dependendo do gênero textual, como em um texto publicitário, ela pode ser uma recomendação.

Para exemplificar o esquema da superestrutura descritiva, apresenta-se a seguir o artigo de opinião de Ruth de Aquino “Um castelo cafona no reino da hipocrisia”, recolhido da Revista *Época*, já antecipando uma proposta de análise de uma sequência descritiva. A escolha desse texto deveu-se, primeiramente, por ser um gênero textual jornalístico, fugindo do texto literário, estudado, naturalmente, no Ensino Médio. Segundo, por ser um texto opinativo, pois se almeja mostrar como a sequência descritiva atende a uma orientação argumentativa.

Figura 10

**Um castelo cafona no reino da hipocrisia**

Agora entendi o verdadeiro destino dos 15 bilhões de sachês de gel lubrificante comprados pelo Ministério da Saúde para distribuir no Carnaval. O castelo do corregedor da Câmara, Edmar Moreira, é impossível de absorver a seco. Dói nas entranhas da consciência brasileira a empáfia do deputado. Renunciar por quê? Estou sendo condenado por qual tribunal? "O pior é que Edmar está certo na presunção da impunidade. Ele conhece seus colegas pelo avesso do avesso do avesso.

Há quase 20 anos todo mundo sabe que esse castelo cafona e megalomaniaco de R\$25 milhões pertence ao ex-capitão da PM que virou empresário de segurança e deputado federal. O castelo foi fotografado há uma década. Pelo mau gosto, quebra qualquer decoro. O Castelo Monalisa hoje sorri com deboche para seu construtor. Revela muito sobre a personalidade de quem levou 12 anos em obras para satisfazer um capricho da mulher-ela sonhava com uma "casa de campo". Por que logo agora vão perseguir o dono do castelo, com lagos, cascatas, oito torres, 38 suítes, 257 janelas de madeira sucupira? Ninguém sabia de nada?

Edmar tem 70 anos, os cabelos são brancos e não precocemente acaljus, como os de alguns deputados que ele considerava "irmãos". A pele do rosto é encrespada. Sua primeira fala como corregedor foi uma homenagem emocionada e desastrosa à fraternidade entre parlamentares. Diante do "vício insanável da amizade", todos no Congresso seriam suspeitos para cassar mandatos. Vamos parar de nos ajudar uns aos outros. Edmar agora se sente vítima de traição coletiva. Seu partido, o DEM, quer expulsá-lo? Por não declarar o castelo doado ao filho? Pelas dívidas de suas empresas de segurança? Pelo processo contra ele no Supremo? Por que o submeteram a esse vexame, como se fosse um intocável? Por que, se não dá para esconder um castelo na manga? Como explicar que tenha sido eleito por mais de 200 deputados como o fiscal da ética?

Edmar não consegue entender. Eu também não. Ele se agarrou à cadeira. Daqui não saio. Ele confia no Brasil. Talvez renuncie, ou seja, exonerado. Mas o senador Renan Calheiros não está de volta, lépido, articulando mais que nunca? Os mensaleiros que Edmar protegeu, quando fazia parte do Conselho de Ética, não sobreviveram? São páginas deprimentes nos anais do Congresso. Edmar confia no sistema político e vai dormir sossegado. Ninguém está nos Estados Unidos e o presidente não é Baraca Obama. Na América do Norte, assessores que sonégam são decapitados sem perdão. E sem espalhafato.

Em Brasília, crise é marola, e o novo-velho presidente da Câmara, Michel Temer, diz que "redução de gastos não é prioridade". Deputados licenciados recebem o salário de um mês, R\$16.512,08, para trabalhar um dia. Era uma data de gala, a eleição do presidente da Câmara. É ou não é um reino de fantasia? No Brasil real, os trabalhadores aceitam redução de salário para não desempregar colegas.

Edmar, filho de carteiro de Juiz de Fora e de professora primária, deve ter tido uma infância difícil com sete irmãos. Dizem as fofocas em Minas que sua carreira militar acabou por ciúme explícito. O capitão Edmar humilhou um rapaz que cortejara sua mulher. Com escolta policial teria obrigado o engraçadinho a entrar de pijama numa festa de Réveillon no Clube Dom Pedro II. Só então, afastado da ativa, Edmar descobriu o caminho da riqueza. Mudou-se para São Paulo, formou-se em Direito, fundou uma empresa de segurança e tornou-se deputado federal, primeiro no partido de Collor, depois no partido de Maluf. Foi quando começou a entender o significado da palavra fraternidade.

O município onde Edmar construiu seu castelo, a 70 quilômetros de Juiz de Fora, tem nome de santo. São João Nepomuceno nasceu na República Tcheca, foi preso e torturado por um rei cruel. É o santo protetor da boa fama, protetor contra calúnias.

Se eu fosse o deputado, faria promessa. Ou rezaria por uma devassa na vida dos que votaram nele para corregedor, mas agora querem crucificá-lo. Ali ninguém é santo.

(Ruth de Aquino, Revista *Época*, 9 de fevereiro de 2009.)

No artigo de opinião, a jornalista Ruth de Aquino critica o deputado Edmar Moreira por possuir uma casa de campo, que é um verdadeiro castelo, em meio ao contexto econômico do Brasil. Aproveita para também criticar o Congresso Nacional pelos ganhos de altos salários, em meio à realidade de baixos salários da maioria dos trabalhadores brasileiros.

A seguir, apresenta-se o esquema de operações descritivas do artigo analisado, de acordo com a perspectiva teórica postulada por Adam (2011).

Figura 11



A autora Raquel de Aquino, em seu texto, estabelece uma metonímia, ao se referir a castelo, há a substituição de seu dono, o deputado Edmar. Em seguida, apresenta, por um processo de assimilação, ou melhor, por uma regra de equivalência (castelo=Edmar), as metáforas: *sorri com deboche e megalomaniaco*. Apresenta as propriedades do castelo e, por reformulação, apresenta propriedades de Edmar que se subdividem em subtemas: aspectos de sua vida, ações e pessoas com quem se relaciona em sua atividade profissional.

Por assimilação, estabelece a equivalência entre Congresso e reino da fantasia, estabelecendo uma metáfora (Congresso = reino da fantasia). Toda essa sequência descritiva atende a uma estratégia de argumentatividade a favor do posicionamento da jornalista que é o de criticar o deputado Edmar e, através dele, por um processo metonímico, criticar o Congresso.

Observa-se, assim, que a sequência descritiva não aparece em seu estado puro. Ela está inserida em um texto argumentativo. Aliás, a sequência descritiva pode estar inserida em um texto narrativo ou explicativo. Esse fato corrobora o posicionamento de Adam (1990), que afirma que um texto é uma estrutura sequencial heterogênea.



Adam ([1993]2011) acrescenta, ainda, que há dois modos de descrever, determinados pela atitude do descritor. São eles:

- **perceptual** - o descritor pode ver, ouvir, tocar, sentir ou saborear. Observa-se que a sequência descritiva é feita através dos aspectos sensoriais.
- **epistêmico** - o descrever evidencia o estado de saber do descritor. Observa-se que o descritor tem um conhecimento sobre o ser descrito.

A combinação desses modos de sequência descritiva permite diferentes formas de sequência descritiva: descrever sem ver, descrever sem (re)conhecer, descrever ouvindo e complementando pelo conhecimento. Retomando o artigo de Ruth de Aquino, ela descreve epistemicamente, articulando seu conhecimento sobre o fato real abordado.

Finalizando, Adam (2011, p. 92), assim como Hamon (cf. Capítulo 1, item 1.2), apresenta três tipos de sequência descritiva, inseridas por três sintagmas marcadores de fronteiras: sequência descritiva do tipo “ver”, em que predominam verbos de percepção; do tipo “fazer”, em que predominam verbos de ação, e do tipo “dizer”, em que predominam verbos de fala.

No artigo de Ruth de Aquino, observa-se que há descrições do “ver” (“Edmar tem 70 anos, os cabelos brancos e não precocemente acajus”), do “fazer” (“não declarou o castelo doado ao filho”) e do “dizer” (“renunciar por quê?”).

Adam (2011), assim, através de seu estudo sobre a sequência descritiva, impõe um valor à sequência descritiva que precisa ser mais notado, já que ela está presente em diferentes gêneros textuais. Assim, aprofundar o conhecimento sobre a sequência descritiva contribuirá para uma melhor competência de leitura e de escrita, visto que constitui um recurso valioso na elaboração de diversos gêneros textuais, tanto literários como não literários.

## 2 ANÁLISE DO *CORPUS*

Propõe-se neste capítulo a análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio, corpus dessa pesquisa.

### 2.1 Metodologia de análise do *corpus*

Como o objetivo deste capítulo é analisar o ensino da sequência descritiva nos livros de Ensino Médio, optou-se por dividir a análise do *corpus* em duas seções: a primeira, apresentando uma breve visão geral dos livros que compõem o *corpus* desta pesquisa; a segunda, fazendo uma análise crítica da seção ou parte do capítulo, em que se estuda a sequência descritiva e da abordagem dessa.

A análise do ensino da sequência descritiva visa a observar o tratamento dado a ela no Ensino Médio e o grau de frequência e aprofundamento desse ensino, visto que se levantou a hipótese de que a sequência descritiva não é muito abordada nesse segmento, o qual privilegia o ensino do texto argumentativo, objetivando preparar os alunos para a redação do vestibular que, predominantemente, é uma dissertação-argumentativa. Para análise ora proposta, serão considerados os seguintes itens analíticos:

1- como é abordada a sequência descritiva no capítulo: sendo o único objeto de estudo desse ou inserida em uma das seções ou partes do capítulo. Através desse item, concluir-se-á se a sequência descritiva é um assunto relevante nos livros de Língua Portuguesa do Ensino Médio ou se é um assunto secundário, sendo abordado como um complemento do objeto de estudo do capítulo.

2- o que se diz sobre a sequência descritiva, ou seja, que aspectos (definição, objetivo, características, gêneros em que aparece) são abordados. Nesse item será analisada a concepção adotada no ensino da sequência descritiva: se é tradicional, mencionando, basicamente, o que é descrever, como é escrever e os tipos de descrição e limitando-se a mencionar os gêneros narrativos em que aparece.

3- quais recursos linguísticos são mencionados na articulação de uma sequência descritiva. Por intermédio desse item, poder-se-á observar se a apresentação limita-se a mencionar aqueles, usualmente, articulados na construção de uma sequência descritiva (adjetivos, verbos

de estado e comparações) ou se são mencionados outros meios linguísticos (substantivos, verbos de ação, metonímias, sufixação, advérbios qualificativos).

4- qual o grau de aprofundamento desse estudo: propõe-se a analisar a estrutura da sequência em suas operações descritivas, desmontando-a em blocos, possibilitando o aluno a desenvolver as habilidades de denominação e expansão da sequência descritiva ou limita-se a ensinar técnicas de descrever.

## 2.2 Constituição do *corpus*

### 2.2.1 Da composição e organização dos livros do PNLD 2012

Para analisar o ensino da sequência descritiva nos livros didáticos de Ensino Médio, foram escolhidos os livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2012)<sup>6</sup> para serem indicados à adoção em escolas públicas de todo o Brasil. Optou-se por esses livros porque são referenciados pelo Governo Federal por atenderem às propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o ensino da Língua Portuguesa, que visam a um processo de ensino-aprendizagem o qual promova letramentos múltiplos, concebendo a leitura e a escrita como ferramentas de autonomia e inclusão social.

Além disso, essas propostas dos PCNs fundamentam-se no princípio de que o objeto de um ensino de qualidade são os processos de produção de sentido para os textos, como materialidade de gêneros textuais, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem.

O PNLD-2012 aprovou onze livros, enumerados no quadro a seguir:

---

<sup>6</sup>Para informações sobre os critérios de avaliação dos livros, consulte-se o guia do PNLD no portal da Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), acessível em <http://www.fnde.gov.br>.

Quadro 1

NOME DO LIVRO	NOME DO AUTOR	EDITORA
<i>Língua Portuguesa- Linguagem e Interação</i>	Faraco, Moura e J. H. Maruxo Jr	Ática
<i>Linguagem em Movimento</i>	Carlos Cortez Minchillo e IzetiTorralvo	FTD
<i>Novas Palavras</i>	Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio	FTD
<i>Português- Contexto, Interlocução e Sentido</i>	Marcela Pantara, Maria Bernadete e Maria Luíza Abaurre	Moderna
<i>Português- Literatura. Gramática. Produção de Texto</i>	Douglas Tufano e Leila Lauar Sarmento	Moderna
<i>Português. Linguagens</i>	William Cereja e Theresa Cochar Magalhães	Saraiva
<i>Projeto ECO- Língua Portuguesa</i>	Roberta Hernandez Alves e Vilma Lia de Rossi Martin	Positivo
<i>Ser Protagonista</i>	Ricardo G. Barreto	SM
<i>Tantas Linguagens</i>	Maria Inês Batista Campos e Névia Assumpção	Scipione
<i>Viva Português</i>	Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso e Sílvia Letícia de Andrade	Ática
<i>Português- Língua e Cultura</i>	Carlos Alberto Faraco	Base Editorial

Desses onze livros, foram analisados apenas oito, visto que não foi possível ter acesso a três dos livros aprovados pelo PNLD/2012, por não serem comercializados nem expostos nas editoras, nem estarem à disposição pelo MEC, a saber:

Quadro 2

NOME DO LIVRO	NOME DO AUTOR	EDITORA
<i>Língua Portuguesa- Linguagem e Interação</i>	Faraco, Moura e J. H. Maruxo Jr	Ática
<i>Linguagem em Movimento</i>	Carlos Cortez Minchillo e IzetiTorralvo	FTD
<i>Português- Língua e Cultura</i>	Carlos Alberto Faraco	Base Editorial

Para maior detalhamento do sumário de cada um dos oito livros didáticos analisados, consultem-se os anexos de A a V.

Dos oito livros analisados, somente quatro abordam o ensino da sequência descritiva, conforme é possível conferir nos quadros sinópticos a seguir.

Quadro 3

LIVRO: <i>Tantas Linguagens - Língua Portuguesa: Literatura, Produção de Textos e Gramática em Uso (3 volumes)</i>				
VOLUME	SEÇÕES DA COLEÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DIDÁTICAS	NÚMERO DE CAPÍTULOS	SEQUÊNCIA DESCRITIVA
1	3	9	27	NÃO
2	3	9	27	NÃO
3	3	9	27	NÃO

O livro de Campos e Assumpção apresenta três volumes, uma para cada série. Cada volume divide-se em nove capítulos com unidades temáticas, tendo três seções por capítulo: Leitura & literatura, Texto, gênero do discurso & produção e Língua & linguagem. A leitura é o foco da coleção, que trabalha com uma diversidade de gêneros literários, jornalísticos e multimodais. O ensino da sequência descritiva não é abordado.

Quadro 4

LIVRO: <i>Português contexto interlocução e sentido (3 volumes)</i>				
VOLUME	SEÇÕES DA COLEÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DIDÁTICAS	NÚMERO DE CAPÍTULOS	SEQUÊNCIA DESCRITIVA
1	3	10	30	NÃO
2	3	10	30	NÃO
3	3	10	30	NÃO

O livro de Abaurre, Pantara e Abaurre apresenta três volumes, uma para cada série. Cada volume organiza-se em 10 capítulos com unidades temáticas divididos em três partes: Literatura, Gramática e Produção de texto. O ensino de produção de Texto privilegia o ensino de diversos gêneros. Na parte Produção de texto, há seções ou subseções intituladas:

Objetivos, Leitura, Análise, Atividades, Produção e Conexões. O ensino da sequência descritiva não é abordado.

Quadro 5

LIVRO: <i>Projeto Eco – Língua Portuguesa (3 volumes)</i>				
VOLUME	SEÇÕES DA COLEÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DIDÁTICAS	NÚMERO DE CAPÍTULOS	SEQUÊNCIA DESCRITIVA
1	3	6	--	NÃO
2	3	5	--	NÃO
3	3	5	--	NÃO

O livro de Alves e Martin apresenta três volumes, sendo um para cada série. Cada volume é estruturado em cinco ou seis unidades didáticas, sendo dividido em três partes: Literatura, A Língua em foco e Produção de texto. O objeto de ensino-aprendizagem do livro é a leitura. Na parte de Produção de texto, trabalha-se com diversos gêneros textuais escritos. O ensino da sequência descritiva não é abordado.

Quadro 6

LIVRO: <i>Ser protagonista (3 volumes)</i>				
VOLUME	SEÇÕES DA COLEÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DIDÁTICAS	NÚMERO DE CAPÍTULOS	SEQUÊNCIA DESCRITIVA
1	3	15	31	NÃO
2	3	13	37	NÃO
3	3	15	40	NÃO

O livro de Barreto apresenta três volumes, um para cada série. Cada volume apresenta três partes: Literatura, Linguagem e Produção de texto. O número de unidades varia em cada volume (15 nos volumes 1 e 3; 13 no volume 2). Cada unidade varia também o número de capítulos (31 no volume 1; 37 no volume 2 e 40 no volume 3). O ensino da Literatura é privilegiado, tendo um maior número de capítulos dedicados a essa. A parte de Produção de texto é a menos extensa dos volumes e dedica-se ao estudo dos gêneros textuais. O ensino da sequência descritiva não é abordado.

Quadro 7

LIVRO: <i>Português. Linguagens (3 volumes)</i>				
VOLUME	SEÇÕES DA COLEÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DIDÁTICAS	NÚMERO DE CAPÍTULOS	SEQUÊNCIA DESCRITIVA
1	4	4	42	UD 1, cap. 9 – Produção de texto na Seção “Escrevendo com Técnica”
2	4	4	51	NÃO
3	4	4	45	NÃO

O livro *Português. Linguagens*, de W. Cereja e Thereza Magalhães, apresenta três volumes, um para cada série. Cada volume apresenta 4 unidades, tendo cada uma cerca de 10 ou 11 capítulos. Essas unidades não são temáticas, pois o fio condutor é a periodização literária. Por exemplo, no volume 1, as unidades são: a literatura na Idade Média, Renascimento, Barroco e Arcadismo.

Quadro 8

LIVRO: <i>Português. Literatura. Gramática. Produção de texto (3 volumes)</i>				
VOLUME	SEÇÕES DA COLEÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DIDÁTICAS	NÚMERO DE CAPÍTULOS	SEQUÊNCIA DESCRITIVA
1	3	--	22	Cap. 18 – gêneros e tipos textuais
2	3	--	22	NÃO
3	3	--	20	NÃO

O livro *Português. Literatura. Gramática. Produção de texto*, de Leila Lauer Sarmiento e Douglas Tufano do Ensino Médio, é composto por três volumes (um para cada série) e faz parte da lista de livros do PNLD-2012. Cada volume apresenta três partes: Literatura, Gramática e Produção de texto. O volume 1 apresenta 22 capítulos, sendo 10 de Literatura, 7

de Gramática e 5 de Produção de texto. O volume 2, 9 capítulos de Literatura, 8 de Gramática e 5 de Produção de texto. E o terceiro, 7 capítulos de Literatura, 8 de Gramática e 5 de Produção de texto. Os capítulos não trabalham com temáticas. Observa-se que a produção de texto é menos enfocada no livro.

Quadro 9

LIVRO: <i>Viva Português (volume único)</i>				
VOLUME	SEÇÕES DA COLEÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DIDÁTICAS	NÚMERO DE CAPÍTULOS	SEQUÊNCIA DESCRITIVA
Único	8	--	35	Cap. 8 - relato de viagem Atividade 2 – a descrição (produção de texto)
				Cap. 23 – reportagem Atividade 1 – a descrição de personagem (produção de texto)

O livro *Viva Português*, de Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso e Silvia Letícia de Andrade, constitui-se em um volume para as três séries do Ensino Médio. O livro é composto por 35 capítulos, sendo 18 dedicados ao estudo dos estilos de época e os demais para o estudo dos gêneros textuais. Cada capítulo sobre o estudo do gênero apresenta 5 seções: Antes de Ler, Interpretação de texto, Conhecimentos linguísticos, Ortografia e Produção de texto. Ressalta-se que a seção Ortografia não aparece em todos os capítulos. No final de cada capítulo, há dicas de leituras, filmes e sites na seção “Aproveite para”.



Quadro 10

LIVRO: <i>Novas Palavras</i> (3 volumes)				
VOLUME	SEÇÕES DA COLEÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DIDÁTICAS	NÚMERO DE CAPÍTULOS	SEQUÊNCIA DESCRITIVA
1	3	--	30 (10 na Seção “Literatura”, 10 em “Gramática” e 10 em “Redação e Leitura”)	UD 1, cap. 6 – Capítulo inteiro UD 1, cap. 7 – Capítulo inteiro
2	3	--	25 (9 na Seção “Literatura”, 8 em “Gramática” e 8 em “Redação e Leitura”)	NÃO
3	3	--	26 (10 na Seção “Literatura”, 8 em “Gramática” e 8 em “Redação e Leitura”)	NÃO

O livro *Novas Palavras* de Mauro Ferreira, Emília Amaral, Ricardo Leite e Severino Antônio apresenta três volumes, sendo um para cada série. Sua estrutura apresenta três partes: Literatura, Gramática e Redação e Leitura, sendo variado o número de capítulos em cada seção, nos diferentes volumes.

### 2.2.2 Descrição das seções dos capítulos dos livros que abordam a sequência descritiva

Uma vez que o foco deste trabalho é o ensino da sequência descritiva, julgou-se necessário fazer a descrição das seções dos capítulos dos livros em que se aborda o ensino da sequência descritiva, objetivando a observar como é feita a inserção e a organização do ensino deste tipo de sequência no planejamento do livro didático.

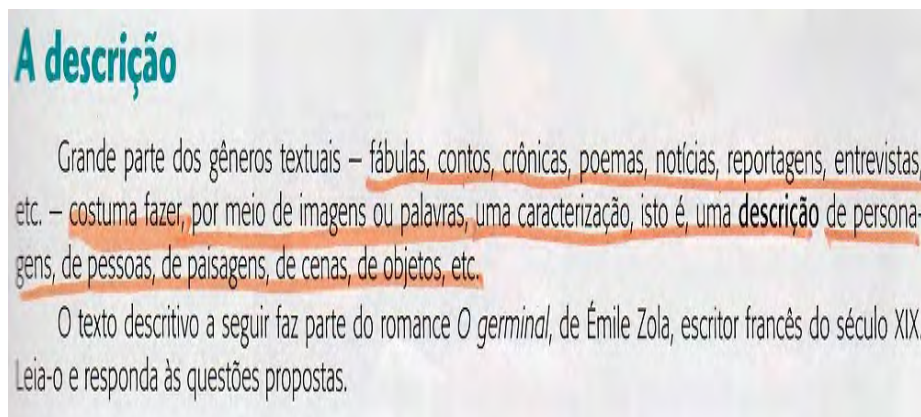
Vale lembrar que esta análise seguirá os seguintes estágios: como é abordada a sequência descritiva no capítulo; o que se diz sobre a sequência descritiva; que recursos linguísticos são mencionados na articulação da sequência descritiva; qual o grau de aprofundamento desse estudo.

### 2.2.2.1 Livro *Português Linguagens*

O livro de Cereja e Magalhães só aborda o ensino da sequência descritiva no volume 1, no capítulo 9 de Produção de texto, que trata dos gêneros fábula e apólogo. A descrição (nomenclatura adotada pelos autores do livro) é estudada na seção “Escrevendo com técnica”, no final do capítulo, que vai da página 107 à página 111.

A seção introduz uma breve explanação sobre a presença da descrição em diversos gêneros textuais com a finalidade de descrever, ou melhor, fazer uma caracterização de personagens, de pessoas, de paisagens, de cenas e de objetos através de imagens ou palavras, como apresentado no enunciado transposto a seguir:

Figura 12



Essa abordagem limita-se, apenas, a seguir uma concepção tradicional, definindo referencialmente a descrição. Não são apresentadas as características e nem os recursos linguísticos que permitem ao aluno reconhecer a sequência descritiva e sua relevância no plano do texto.

Em seguida, há um texto, predominantemente, descritivo, que faz parte do romance *Germinal* de Émile Zola, um dos maiores escritores do Naturalismo francês. O livro faz uma denúncia social, criticando a exploração dos operários pelos burgueses. A história do romance se passa no final do século XIX, em uma pequena província da França, cujos moradores trabalham em uma mina de carvão. Eles moram em casebres, pertencentes aos donos da mina, cujo aluguel é descontado do salário dos mineiros.

Abaixo, reproduziremos o fragmento do texto de Zola, utilizado no LD para abordar a descrição e, em seguida, os exercícios apresentados para fixação do tratado no capítulo.

Figura 13

No meio dos campos de trigo e beterraba, a aldeia dos Deux-Cent-Quarante dormia sob a noite negra. Distinguiam-se vagamente os quatro imensos corpos de pequenas casas encostadas umas às outras, os edifícios da caserna e do hospital, geométricos, paralelos, que separavam as três largas avenidas em jardins iguais. E, no planalto deserto, ouvia-se apenas a queixa do vento por entre as sebes arrancadas.

Em casa dos Maheu, no número dezesseis do segundo grupo de casas, tudo era sossego. O único quarto do primeiro andar estava imerso nas trevas, como se estas quisessem esmagar com seu peso o sono das pessoas que se pressentiam lá, amontoadas, boca aberta, mortas de cansaço. Apesar do frio mordente do exterior, o ar pesado desse quarto tinha um calor vivo, esse calor rançoso dos dormitórios, que, mesmo asseados, cheirava a gado humano.

O cuco da sala do rés do chão deu quatro horas, mas ninguém se moveu. As respirações fracas continuaram a soprar, acompanhadas de dois rancos sonoros. Bruscamente Catherine levantou-se. No seu cansaço ela tinha, pela força do hábito, contado as quatro badaladas que atravessaram o soalho, mas continuara sem ânimo necessário para acordar de todo. Depois, com as pernas fora das cobertas, apalpou, riscou um fósforo e acendeu a vela. Mas continuou sentada, a cabeça tão pesada que tombava nos ombros, cedendo ao desejo invencível de voltar ao travesseiro.

Agora a vela iluminava o quarto, quadrado, com duas janelas, atravancado com três camas. Havia um armário, uma mesa e duas cadeiras de nogueira velha, cujo tom enfumaçado manchava duramente as paredes pintadas de amarelo-claro. E nada mais, a não ser roupa de uso diário pendurada em pregos, uma moringa no chão ao lado do alguidar vermelho que servia de bacia. Na cama da esquerda, Zacharie, o mais velho, um rapaz de vinte e um anos, estava dei-



Figura 14

tado com o irmão, Jeanlin, com quase doze anos; na da direita, dois pequenos, Lénore e Henri, a primeira de seis anos, o segundo de quatro, dormiam abraçados; Catherine partilhava a terceira cama com a irmã Alzire, tão fraca para os seus nove anos, que ela nem a sentiria ao seu lado, não fosse a corcunda que deformava as costas da pequena enferma. A porta envidraçada estava aberta, podiam-se ver o corredor do patamar e o cubículo onde o pai e a mãe ocupavam uma quarta cama, contra a qual tiveram de instalar o berço da recém-nascida, Estelle, de apenas três meses.

Entretanto, Catherine fez um esforço desesperado. Espreguiçava-se, crispava as mãos nos cabelos ruivos que se emaranhavam na testa e na nuca. Franzina para os seus quinze anos, não mostrava dos membros senão uns pés azulados, como tatuados com carvão, que saíam para fora da camisola estreita, e braços delicados, alvos como leite, contrastando com a cor macilenta do rosto, já estragado pelas contínuas lavagens com sabão preto. Um último bocejo abriu-lhe a boca um pouco grande, com dentes magníficos incrustados na palidez clorótica das gengivas, enquanto seus olhos cinzentos choravam de tanto combater o sono. Era uma expressão dolorosa e abatida que parecia encher de cansaço toda a sua nudez.

**alguidar:** vaso baixo de barro ou de metal.

**caserna:** habitação de soldados, dentro do quartel ou em uma praça fortificada.

**clorótico:** relativo a ou que tem clorose, anemia peculiar à mulher, assim chamada pelo tom amarelo-esverdeado que imprime à pele.

**crispar:** encrespar, franzir.

**macilento:** magro e pálido; descarnado.

**mordente:** que morde; mordaz.

**nogueira:** árvore europeia, cuja madeira é boa para móveis.

**rés do chão:** pavimento de uma casa no nível do solo ou da rua; andar térreo.

**sebe:** cerca de arbustos, ramos, estacas ou ripas entrelaçadas.

(São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 21-3.)



O texto descreve o único quarto da casa, que fica no sótão, onde dormem nove pessoas, em péssimas condições, amontoadas, por o espaço ser pequeno demais. Em seguida, são formuladas sete questões sobre a descrição.

Figura 15

1. O texto em estudo descreve a aldeia de Deux-Cent-Quarante, a casa e a família dos Maheu.

a) A que período do dia se refere a descrição? *Quatro horas da madrugada.*

b) Como eram os edifícios da caserna e do hospital da aldeia? *Geométricos e paralelos.*

c) Quantas pessoas dormiam no único quarto da casa dos Maheu? Como dormiam? *Eram nove pessoas; dormiam amontoadas.*

2. Um texto descritivo pode fazer referência a impressões sensitivas, como cores, formas, cheiros, sons, impressões táteis ou gustativas, etc.

a) Identifique no texto palavras ou expressões que fazem referência a cores e a formas. *cores: tinta negra; imerso nas trevas; tom esfumado; paredes pintadas de amarelo-claro, alga de vermelho, etc.; a torres, edifícios geométricos, paralelos; largas avenidas; quarto quadrado, etc.*

b) Identifique no texto dois ou três trechos que fazem referência a impressões sonoras. *queixo do vento; respirações fracas; roncos sonoros; quatro badaladas.*

c) Apesar do frio exterior, qual era a temperatura dentro do quarto? Que odor o ar exalava? *O quarto estava quente; o ar era pesado e exalava um odor rançoso, um cheiro de gado.*

3. Nos trechos "planalto deserto", "frio mordente", "roncos sonoros", "alguidar vermelho", "força do hábito", "cama da esquerda", "camisola estreita", qual é a classe gramatical das palavras e expressões destacadas?

*As palavras e expressões destacadas são adjetivos ou locuções adjetivas.*


4. Em "esse calor rançoso dos dormitórios, que, mesmo asseados, cheirava a gado humano", o trecho destacado é uma oração subordinada adjetiva. Identifique no 4º parágrafo outra oração desse tipo.

*entre outras, cujo tom enfiado manchava duramente as paredes pintadas de amarelo-claro, que servia de bacia; que deformava as costas da pequena enferma*

5. Um trecho descritivo pode apresentar comparações. Veja um exemplo de comparação neste trecho do último parágrafo: "não mostrava dos membros senão uns pés azulados, como tatuados com carvão". Identifique no mesmo parágrafo do texto outra comparação. *alvos como leite*

**A descrição na linguagem visual**

Retratos e naturezas mortas em pinturas e esculturas, fotografias de pessoas e paisagens, ou objetos focalizados em zoom em filmes, assim como mapas e plantas de edifícios, são exemplos de descrição visual. Ao fazer o mapa de uma cidade, o cartógrafo produz a descrição de maneira objetiva, procurando ser fiel à localização de ruas, praças, etc. Já o artista reproduz a pessoa ou o objeto representando-os de maneira pessoal, subjetiva, de acordo com sua forma de ver e de sentir o mundo.



*Vaso de flores, de Jan Bruegel*

108

Ressalta-se que não há um aprofundamento do estudo dos recursos linguísticos articulados na sequência descritiva. Acresce, também, que não há nenhuma questão de interpretação de texto, desenvolvendo a competência leitora, visto que as questões só dizem respeito ao estudo da descrição (as impressões sensoriais como recurso no ato de descrever) e aos recursos linguísticos articulados na descrição (adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas, comparações, verbos de estado e alguns verbos de ação que funcionam como verbos de estado), sendo esses os abordados tradicionalmente.

Figura 16

6. Os verbos mais utilizados em descrições costumam ser os de estado (*ser, estar, ficar, parecer, continuar, etc.*). Certos verbos de ação, entretanto, podem ser empregados como de estado: *tinha, havia, dormiam, mostrava*. Em que tempo e modo predominantemente estão os verbos empregados na descrição em estudo? *No pretérito imperfeito do indicativo.*

7. Com base no estudo de texto feito, troque ideias com os colegas de grupo e conclua: Em que consiste a técnica da descrição e quais são os recursos nela empregados? *A descrição consiste na caracterização de uma pessoa, uma personagem, uma cena, uma paisagem, um objeto, feita com o objetivo de dar ao ouvinte/leitor uma imagem viva e detalhada do ser descrito. Na descrição são empregados adjetivos, locuções adjetivas e orações adjetivas; comparações; referências a impressões sensitivas, como cores, formas, gostos, sons, sensações táteis e olfativas; verbos de estado, usados quase sempre no presente e no imperfeito do indicativo.*

Veja outros exemplos de descrição:

*Professor: Com as conclusões dos grupos, sugerimos montar na lousa um quadro com as características básicas da descrição.*

Observa-se que não há nenhuma questão sobre o campo lexical articulado na descrição do quarto e das pessoas que dormem nele. A escolha dos vocábulos que constituem o texto deveria ser abordada, pois apresenta um peso na orientação argumentativa do texto, denotando uma avaliação, um posicionamento do narrador ao descrever, aspectualizando o referente – quarto e o subtema – as pessoas que dormem nele, de acordo com sua intencionalidade discursiva.

O estudo do léxico é crucial na construção e coerência do texto. Henriques (2008, p. 106) afirma que “a construção-macro começa no ambiente micro, ou seja, na escolha do item lexical que permitirá o alcance do objetivo discursivo.”

É importante ressaltar que, também, não se formula nenhuma questão sobre o papel da sequência descritiva no texto, ou seja, de que forma essa contribui para a construção de sentidos do texto e para a intencionalidade discursiva. Toda a descrição do quarto do mineiro Mahu denuncia a vida deprimente dos operários decorrente da exploração dos donos da mina, funcionando como uma estratégia de argumentação para a tese do livro naturalista: a crítica à burguesia.

Em seguida, são apresentados três textos, fragmentos de narrativas literárias, para mostrar os tipos de descrição: de cena, de personagem e de cenário.

Figura 17





Figura 18

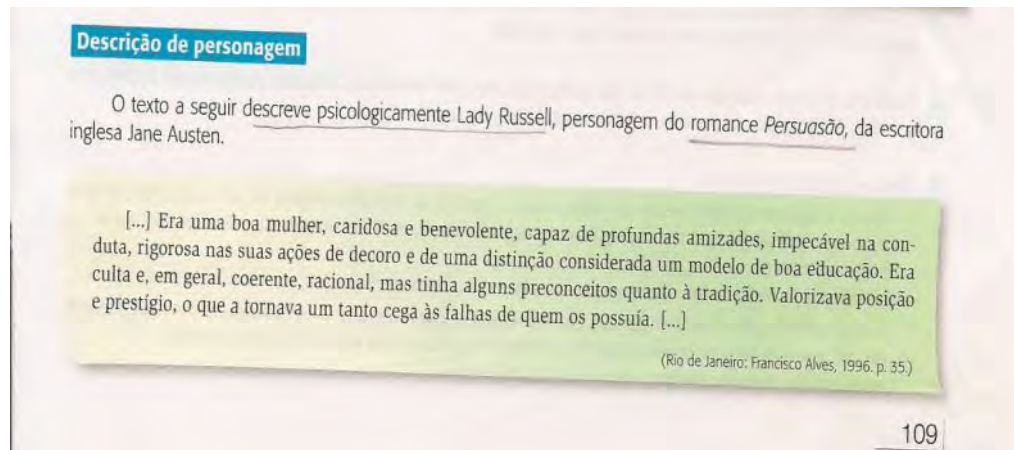
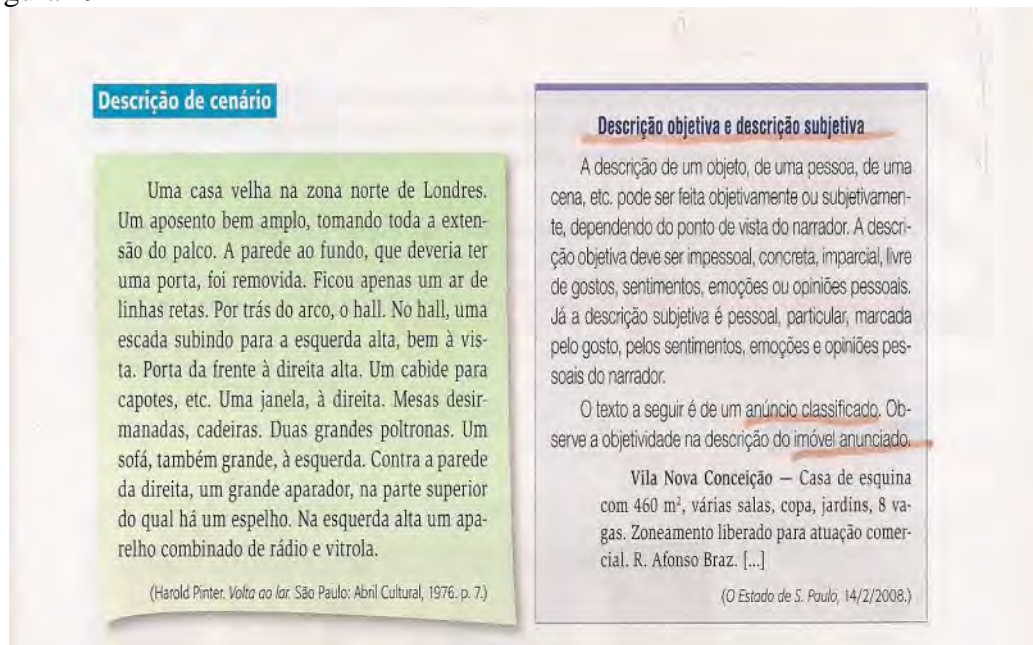


Figura 19



F


O livro apresenta os três textos que exemplificam os tipos de descrição (terminologia dos autores do livro didático): de cena, de personagem e de cenário. Contudo, não é feito nenhum comentário sobre a sequência descritiva como, por exemplo, o uso dos recursos linguísticos que são articulados na sua composição. Outro ponto é que, por esses trechos estarem destacados dos textos aos quais eles pertencem, não se permite ao leitor ver a funcionalidade dessa sequência descritiva na construção do sentido no texto.

Essa abordagem, portanto, confirma a proposta do livro em mostrar a descrição como apenas um recurso técnico que contribui para dar mais expressividade ao texto narrativo.

Destarte, há um boxe ao lado do terceiro texto, explicando o que é descrição objetiva e subjetiva. Interessante ressaltar que são apresentados os dois enfoques que o descritor observador pode articular no ato de descrever, mas só é apresentado um texto que exemplifica a descrição objetiva: um anúncio de classificado. Não há um exemplo de descrição subjetiva, modelo que se faz presente em vários textos narrativos, principalmente literários, inclusive, nos textos articulados com exemplos de tipos de descrição de cena e de personagem.

Após os textos, são formulados sete exercícios. As três primeiras questões são sobre os recursos linguísticos, conforme a figura 20.

Figura 20



**1.** Caracterize por meio de uma locução adjetiva (preposição + substantivo) estes substantivos: ingredientes, continuação, hábito, atração, ato, dificuldade, nobreza, paixão, certificado, conselho. Veja um exemplo: Respostas pessoais.

liberdade *de expressão*

**2.** Identifique no vocabulário abaixo adjetivos que podem caracterizar o cheiro de:

a) perfume	doce, sufocante, inebriante...	d) refrigerante	doce, inodoro, suave...
b) carniça	fétida, nauseabunda, sufocante...	e) vinagre	ácido, sufocante, acre, picante...
c) gás	sufocante, penetrante, fétido...		

doce   ácido   acre   fétido   nauseabundo   sufocante   penetrante  
inebriante   suave   putrefato   picante   inodoro   leve   delicado

**3.** Indique dois ou três substantivos que poderiam ser associados às seguintes características: retangular, pontiagudo, sinuoso, minúsculo, espinhento. Veja um exemplo: Respostas pessoais.

estreito: rua, corredor, estrada, visão

Os exercícios estão descontextualizados dos textos apresentados como exemplos de tipos de descrição, ou seja, não são focados no estudo e na análise dos textos fornecidos, mas em itens soltos. Simplesmente, faz-se uma abordagem meta gramatical que não contribui para uma maior competência descritiva do aluno, possibilitando-lhe escolher quais recursos linguísticos designam melhor o referente a ser descrito, de acordo com a sua intencionalidade.

Prosseguindo, observa-se que os exercícios seguintes ( 4,5,6,7) levam os estudantes à produção textual, por se tratar de propostas de escrita para utilizar a descrição.

Figura 21

4. Escolha um(a) amigo(a) ou um parente (pai, mãe, irmã, etc.) e, sem dizer o nome dele(a), descreva-o(a) física e psicologicamente. Após terminar seu texto, troque-o com um colega.
5. Pense em um objeto que você tem e de que gosta muito, mas, por necessidade financeira, precisa vender. Escreva dois anúncios, descrevendo-o: o primeiro, objetivamente; o segundo, subjetivamente.
6. Escolha uma destas propostas:
  - Imagine a seguinte situação: você é um crítico teatral e participa da cerimônia religiosa de um casamento. Por força da profissão, entretanto, você não consegue ver o casamento como um ritual cerimonioso e sério, mas sim como um espetáculo teatral. Elabore uma descrição da cena do casamento sob esse ponto de vista e, se possível, com uma boa dose de humor.
  - Observe com atenção os detalhes das ruas por onde passa ao ir para a escola, as particularidades das casas, dos prédios, das praças, as pessoas que encontra. Repare no trânsito, ouça os sons e os ruídos, sinta os cheiros. Depois, a partir da observação feita, elabore um texto descritivo.



Figura 22

7. Leia os poemas a seguir e verifique como o uso de alguns recursos, tais como a comparação e a metáfora, amplia a visualização do ser descrito, enriquece o texto e dá nova vida a palavras tão comuns, como *linda* e *bonita*.

**Você é linda**

Fonte de mel  
Nuns olhos de gueixa  
Kabuki, máscara  
Choque entre o azul  
E o cacho de acácias  
Luz das acácias  
Você é mãe do sol  
A sua coisa é toda tão certa  
Beleza esperta  
Você me deixa a rua deserta  
Quando atravessa  
E não olha pra trás

Linda  
E sabe viver  
Você me faz feliz  
Esta canção é só pra dizer  
E diz  
Você é linda  
Mais que demais  
Você é linda sim  
Onda do mar do amor  
Que bateu em mim  
[...]

(Caetano Veloso. *Circuladô ao vivo*, 1992. Warner Chapell Edições Musicais.)

**Cantada**

Você é mais bonita que uma bola prateada de papel de cigarro  
Você é mais bonita que uma poça d'água límpida  
Você é mais bonita que uma zebra que um filhote de onça  
que um Boeing 707 em pleno ar  
Você é mais bonita que um jardim florido em frente ao mar em Ipanema  
Você é mais bonita que uma refinaria da Petrobrás de noite  
mais bonita que Ursula Andress que o Palácio da Alvorada  
que o mar azul-safira de República Dominicana

Olha,  
você é tão bonita quanto o Rio de Janeiro em maio  
e quase tão bonita quanto a Revolução Cubana.

(Ferreira Gullar. *Toda poesia (1950/1980)*. São Paulo: Círculo do Livro. p. 236.)

Escolha um dos temas abaixo e redija uma descrição, em prosa ou em verso, procurando utilizar-se dos mesmos recursos expressivos observados nos poemas lidos.

- Meu bem, amor meu
- Uma pessoa inesquecível
- Meu melhor amigo
- Um operário

Observa-se que as propostas não abordam a descrição como uma sequência textual na construção de diferentes gêneros e sim como uma tipologia de texto (narração, descrição e dissertação), visão clássica de uma prática pedagógica do ensino de texto. Inclusive, o último exercício pede que se faça uma descrição, em prosa ou em verso, não mencionando o gênero textual a ser desenvolvido.

Por fim, reafirma-se que a descrição é abordada no livro de forma tradicional, sendo tratada como uma tipologia de texto, articulando-se um critério referencial (a descrição descreve seres e objetos) e um critério morfológico (a descrição usa adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas, verbos de estado e comparações, como se fossem apenas esses os possíveis

recursos linguísticos observáveis), não a compreendendo como uma sequência textual, não enfocando suas funções textuais e não extraindo as operações que estruturam a sequência descritiva, de modo a permitir que se visualize essa sequência de forma mais aprofundada.

### 2.2.2.2 Livro *Português Literatura Gramática Produção de texto*

O livro de Sarmiento e Tufano aborda somente o ensino da sequência descritiva no volume 1, no capítulo 18, de produção de texto, que trata de gêneros e tipos textuais. A sequência descritiva é estudada na seção “No texto”, que compõe a sequência do capítulo, que vai da página 336 à página 350.

A seção “No texto” inicia o estudo dos tipos textuais, nomenclatura adotada pelo livro para as sequências textuais, apresentando seis frases para o aluno reconhecer o objetivo, como apresentado a seguir:

Figura 23

**Tipos textuais**

**NO TEXTO**

- Para iniciar o estudo dos tipos textuais, escreva no caderno qual poderia ser o objetivo ou a intenção das seguintes frases ao serem enunciadas.
- a) Quando saí do trabalho, antes de pegar o ônibus, como sempre, passei no mercado e comprei comida para o jantar, mas foi surpreendida por algo totalmente inesperado.
- b) Sou obrigado a discordar do que acaba de dizer nosso nobre colega, pois o fato que cita não é verdadeiro.
- c) Casa térrea, dois quartos, uma suíte, banheiro, ampla sala, quintal com jardim.
- d) Verifique a tensão da rede elétrica antes de ligar o aparelho.
- e) **Preciclagem** é um termo criado recentemente; corresponde à preocupação dos consumidores em diminuir a produção de resíduos já no ato da compra, optando pelos produtos de material biodegradável ou reciclável.
- f) No feriado, relaxe em Camburi, na pousada Manga-Rosa.

**LENDO O CONTEXTO**

Ao interagir nos diferentes ambientes sociais que frequentamos, lançamos mão de diversos gêneros textuais, como já foi visto anteriormente. Para construir tais gêneros, organizamos os textos de modos distintos.

Em vez de os autores iniciarem o estudo dos tipos textuais apresentando, de início, o quadro com as informações principais sobre cada um desses tipos, optam por uma estratégia construtivo-reflexiva interessante, embora limitada, de indução dos aprendizes a construir uma reflexão sobre a finalidade de cada frase, ou melhor, de cada sequência textual. A frase a

é uma sequência narrativa; a frase **b** é argumentativa; a frase **c** é descritiva, a **d** é injuntiva; a **e** é expositiva e a **f** é injuntiva.

A estratégia é limitada, todavia, porque em relação à sequência descritiva só apresenta o exemplo de uma de suas funções, ou seja, a referencial (caracterizar seres, objetos, paisagens). Tal perspectiva continua na seção seguinte, “Lendo o contexto”, conforme Figura 24 a seguir.

Figura 24

Por exemplo, quando queremos contar uma história, narramos as ações em uma sequência cronológica: “O rei costumava andar pela alameda e viu um movimento estranho”.

Se queremos descrever um objeto, pessoa ou lugar, apresentamos suas características, usando adjetivos e verbos que indicam estado: “A casa é branca, os quartos são amplos. Ela fica na esquina. Há árvores no quintal”.

Por outro lado, se estamos em um debate na sala de aula e queremos defender nosso ponto de vista, temos de organizar o texto de outro modo. Em vez de narrar ações ou descrever seres, apresentaremos argumentos.

Esses diferentes modos de organizar os textos constituem os chamados **tipos textuais**. Diferentemente dos gêneros textuais, cuja lista é quase infinita, os tipos textuais são poucos. Existem basicamente cinco: **narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo e injuntivo** (persuasivo ou instrucional).

Raramente encontramos um texto que seja totalmente narrativo, ou totalmente descritivo, e assim por diante. Em geral, os textos são formados por **seqüências** de um tipo ou outro.

Contudo, se observarmos os diferentes gêneros textuais, perceberemos que muitos deles apresentam uma **seqüência tipológica predominante**: nos contos predominam seqüências narrativas; nos artigos de opinião, seqüências argumentativas, e assim por diante.

Veja, no quadro a seguir, os cinco tipos textuais básicos, suas principais características e exemplos de gêneros nos quais cada um deles predomina.

**Injuntivo** vem de *injungir*, que significa “ordenar”. Esse é o tipo textual em que o locutor dá uma ordem ao interlocutor. A ordem pode ser dada com a intenção de instruí-lo a fazer algo que ele já está decidido a fazer: o manual de instruções de montagem da mesa diz “*encaixe os quatro pés na parte inferior do tampo*”. Nesse caso, o texto é **instrucional**. Contudo, a ordem pode ser dada com a intenção de persuadir o interlocutor a fazer algo que ele não necessariamente pretende fazer. É o caso dos anúncios publicitários, que tentam nos convencer a consumir (produtos ou ideias) com frases como “*Beba Suco X!*”, “*Traque o ônibus pelo carro!*” etc. Nesse caso, o texto é **persuasivo**.

TIPO TEXTUAL	OBJETIVO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS DE GÊNEROS NOS QUAIS PREDOMINA
<b>Narrativo</b>	Narrar fatos, reais ou fictícios.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verbos de ação: “Eu vinha andando e vi a mulher”.</li> <li>- Verbos no passado: <i>pareceu, refugiou-se, buscavam, vendiam, enriqueciam</i>.</li> <li>- Marcadores temporais: <i>logo, depois, antes, em seguida, certo dia, ontem</i>.</li> <li>- Presença de um conflito, isto é, um acontecimento que complica a situação inicial da história.</li> </ul>	Anedota, diário, romance, conto, crônica, notícia, lenda, fábula, conto de fadas, relato pessoal, relato histórico, biografia, autobiografia.
<b>Descritivo</b>	Descrever seres, paisagens e conceitos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verbos de estado: <i>ser, estar, parecer</i>.</li> <li>- Presente do indicativo: “está lá no alto”, “não há árvores”.</li> <li>- Formas nominais do verbo: “<i>posta à janela</i>” (particípio), “<i>espionando o mundo</i>” (gerúndio).</li> <li>- Adjetivações (“<i>cabeça branca, braços pálidos</i>”) e comparações (“<i>Uma mulher como as de antigamente</i>.”)</li> </ul>	Anúncio classificado, cardápio, laudo técnico. (Seqüências descritivas são muito comuns em todos os gêneros narrativos.)
<b>Expositivo</b>	Expor informações.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Linguagem objetiva.</li> <li>- Verbos no presente.</li> <li>- Predomínio da 3ª pessoa.</li> </ul>	Seminário, verbete de enciclopédia, reportagem.
<b>Argumentativo</b>	Defender um ponto de vista.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação de argumentos segundo uma organização lógica.</li> <li>- Estabelecimento de relações de causa e efeito.</li> <li>- Estrutura formada por introdução, desenvolvimento e conclusão.</li> <li>- Verbos no presente.</li> </ul>	Debate, editorial, artigo de opinião, manifesto, carta aberta, carta de solicitação, carta de reclamação.
<b>Injuntivo (persuasivo ou instrucional)</b>	Fazer com que o interlocutor tome alguma atitude.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verbos no imperativo: <i>faça, beba, coma</i>.</li> </ul>	Anúncio publicitário, regras de jogo, receita, manual de instruções, regulamento, livro de autoajuda.

GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS 339

Nesta seção, há uma explanação teórica sobre os tipos textuais como se fosse uma conversa, na qual são apresentadas ao aluno as seqüências textuais, denominadas tipos textuais, que estruturam os gêneros textuais. Essa forma de apresentação facilita a leitura, mantendo o aluno conectado ao texto.



O pouco que é apresentado sobre a sequência descritiva segue uma concepção usual de uma prática pedagógica tradicional, tanto na definição quanto nos recursos linguísticos apresentados, como se pode observar no parágrafo assinalado na Figura 24.

Essa colocação é insuficiente para se promover um conhecimento maior sobre a sequência descritiva. Há outros aspectos que podem ser abordados como o modo de se descrever, marcando um posicionamento do descritor. Além disso, deveria se acrescentar que a sequência descritiva é uma organização autônoma e independente que não só descreve objetos, seres e lugares, mas “serve para tudo”, segundo Haas e Lorrot (1987, p. 30) – informar, explicar, persuadir, expressar poesia etc.

Após a explanação, é apresentado um quadro sobre as tipologias textuais composto por quatro colunas, assim especificadas: os cinco tipos textuais, os objetivos, as características e os gêneros nos quais predomina. Interessante observar que o livro diz que há gêneros em que uma dessas sequências é predominante (terceira coluna do quadro na Figura 24, na página 61), embora haja outras na estrutura do texto.

Algumas considerações devem ser feitas a respeito do quadro. Primeiramente, observa-se que, na coluna onde são apresentadas as características dos tipos textuais, essas não seguem a mesma categorização para as tipologias textuais, pois, em algumas, são mencionados apenas os recursos linguísticos como nas sequências descritiva e injuntiva e, em outras, são apresentados os aspectos da estruturação do texto – por exemplo, no quadro relativo ao tipo de texto argumentativo, encontra-se “Estrutura formada por introdução, desenvolvimento e conclusão”.

Quanto à sequência descritiva, as características apresentadas, no quadro, limitam-se aos recursos linguísticos mencionados tradicionalmente.

Figura 25

Descritivo	Descrever seres, paisagens e conceitos.	Verbos de estado: <i>ser, estar, parecer</i> . Presente do indicativo: “ <i>está lá no alto</i> ”, “ <i>não há árvores</i> ”. Formas nominais do verbo: “ <i>posta à janela</i> ” (particípio), “ <i>espionando o mundo</i> ” (gerúndio). Adjetivações (“ <i>cabeça branca, braços pálidos</i> ”) e comparações (“ <i>Uma mulher como as de antigamente.</i> ”)	Arquivo classificado, cardápio, laudo técnico. (Sequências descritivas são muito comuns em todos os gêneros narrativos.)
------------	---	--	---

Evidencia-se que o livro só considera como características da sequência descritiva alguns recursos linguísticos, deixando de explorar outros recursos linguísticos, como substantivos, verbos de ação, metonímias, sufixação, advérbios qualificativos, assim como aspectos

importantes como as funções textuais: a extratextual, quando a descrição tem um fim em si mesma, tornando-se puramente informativa como a apresentação dos ingredientes de uma receita culinária e a intratextual, quando a descrição está a serviço de um texto narrativo ou argumentativo.

Após o quadro, é proposta uma atividade de leitura com o objetivo de uma melhor fixação do tema abordado os tipos textuais, conforme Figuras 26 a 28, a seguir.

Figura 26

Leia os textos a seguir e observe o gênero e o tipo textual predominantes em cada um.

**Leitura**

**TEXTO 1**

**Como usar melhor sua inteligência**

*As principais dicas dos cientistas para você aproveitar seu poder mental*

**Pratique exercícios físicos**

Estudos mostram que os exercícios físicos aumentam o número de vasos sanguíneos no cérebro, melhorando a nutrição e oxigenação dos neurônios. A prática de atividades físicas também estimularia a geração de células no hipocampo, a área do cérebro encarregada da memória, e impulsionaria a produção de um tipo de substância, chamada fator de crescimento, que aumenta as conexões entre os neurônios.

**Aproveite as habilidades evolutivas**

Os evolucionistas dizem que a inteligência humana evoluiu por causa de nossa necessidade de viver em grupo: eram favorecidas as habilidades mentais para entender o que os outros estavam pensando e sentindo. Por extensão, alguns estudiosos dizem que investir nas habilidades de se relacionar aumenta a inteligência. Analise as motivações das outras pessoas, em que elas diferem de você, como reagem.

**Repita para lembrar**

Estima-se que o cérebro perca 90% das informações. Apenas os eventos e fatos marcados pela emoção vão direto para o compartimento destinado à memória de longo prazo, como o nascimento de um filho ou uma briga. Para gravar os dados de que precisamos no dia a dia, o ideal é repeti-los 30 segundos após recebê-los e de novo cerca de uma hora depois.

*WIEBERSON SANTIAGO*

Ilustração: produção, 44 - 104 do Caderno Pensar e Ler 6.º ano de 19 de fevereiro de 1999.

Época, São Paulo, n. 573, p. 74-75, 11 maio 2009.

Figura 27

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

**TEXTO 2**

**A gazza ladra**

No peitoril da janela a moça distraída desatarracha os brincos e os deixa pousados no mármore. E os deixa esquecidos no mármore quando, cansada da paisagem, volta ao bordado. Um rápido voo, um farfalhar de asas. No bico do pássaro os brincos faíscam com seu ouro contra o azul.

É a *gazza ladra*. Assim me foi contado desde a infância. A *gazza ladra* gosta do que brilha, se encanta com joias, cacos de espelho, pedacinhos de vidro. E tudo rouba, levando para o ninho. [...]

Tocaiada no galho espia para dentro das casas. Há um olhar coiboso de *gazza* pousado na cruzinha entre os seios da moça. Há um desejo de *gazza* na corrente de relógio que atravessa o colete. Há uma espera de *gazza* no anel, no alfinete, no brinco, na chave. [...]

*Gazza, gazza*, onde anda você que não me roubou nada? Onde anda você que nunca pousou no peitoril de minha janela? Onde faz você seu ninho que nunca consegui encontrar? Onde, onde é, *gazza ladra*, que você existe?

COLASANTI, Marina. *A casa das palavras e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2006. p. 69-71. (Col. Para Gostar de Ler, 32). (Fragmento). © by Marina Colasanti

**TEXTO 3**

**Casamento é celebrado em clima de “apagão ecológico”**

Roberto de Oliveira, da *Revista da Folha*

Num prédio de 40 apartamentos da agitada rua Rodésia, na Vila Madalena, bairro símbolo de balada em São Paulo, o salão de festas estava às escuras. Mas, lá dentro, a animação corria solta: cerca de cem pessoas tocavam, cantavam e bebiam para celebrar um casamento. À luz de velas.

A festividade, em clima de “apagão ecológico”, atendia ao pedido da Hora do Planeta, iniciativa criada em 2007, em Sydney, pela organização não governamental WWF (Fundação para a Vida Silvestre, na sigla em inglês). Pela proposta, que chegou antontem ao Brasil, todos deveriam apagar as luzes das 20h30 às 21h30.

Segundo a ONG, cerca de 1 bilhão de pessoas em 3.900 cidades de 88 países “se apagaram”. Até ontem à noite, o WWF não tinha um balanço sobre a adesão em São Paulo.

A julgar pelos prédios, bares e restaurantes iluminados em toda a cidade, pode-se dizer que ela não foi significativa.

“Desde pequenina, separo lixo. Achei que a festa poderia ser uma iniciativa para conscientizar as pessoas”, disse a noiva, a cantora Marcela Ribeiro, 28. Nada de copos ou bandejinhas descartáveis. Era tudo de vidro e porcelana. O convite (enviado por e-mail, claro) informava sobre a adesão à Hora do Planeta. [...]

*Folha Online*, 30 mar. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 5 jan. 2010. (Fragmento). © Folhapress.




WEBERSON SANTIAGO

GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS 341



Figura 28

**TEXTO 4**



Cartaz da Campanha Nacional de Doação de Órgãos, veiculada entre 27 set. e 12 out. 2009.

Observe que os quatro textos pertencem a gêneros diferentes, mas quanto à tipologia há os que apresentam certas características semelhantes. Vejamos cada um deles.

**Texto 1**

<b>Gênero textual</b>	reportagem (boxe integrante de reportagem)
<b>Tipo textual (sequência) predominante</b>	expositivo
<b>Tipo textual (sequência) secundário</b>	injuntivo (persuasivo)
<b>Características</b>	O texto expõe informações atualizadas sobre o desempenho do cérebro (texto expositivo); seus títulos e subtítulos tentam persuadir o leitor, com o uso do verbo no imperativo, a conseguir um melhor desempenho cerebral (texto injuntivo persuasivo).

**Texto 2**

<b>Gênero textual</b>	crônica
<b>Tipo textual (sequência) predominante</b>	narrativo ficcional
<b>Tipo textual (sequência) secundário</b>	descritivo
<b>Características</b>	Conta fatos fictícios que aconteceram em determinado tempo e lugar, com personagens irreais. Também <u>descreve seres e paisagens</u> .

**Texto 3**

<b>Gênero textual</b>	notícia
<b>Tipo textual (sequência) predominante</b>	descritivo, expositivo
<b>Tipo textual (sequência) secundário</b>	narrativo
<b>Características</b>	<u>Descreve seres e paisagens</u> , expõe informações precisas, apresentando datas, nomes de seres reais e dados pessoais verídicos. Também conta o que aconteceu a alguém em determinado tempo e lugar.

**Texto 4**

<b>Gênero textual</b>	anúncio publicitário (ou propaganda)
<b>Tipo textual (sequência) predominante</b>	injuntivo (persuasivo)
<b>Características</b>	O uso do verbo no imperativo no <i>slogan</i> "Doe órgãos. Doe vida." visa convencer o leitor a <i>comprar</i> o produto anunciado: a ideia de doar órgãos. Uso de texto verbal e não verbal.

Reprodução proibida, Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Há quatro textos de gêneros diferentes para que o aluno observe as tipologias (sequências) textuais que aparecem no texto e o gênero textual de cada um. O primeiro é uma reportagem; o segundo, um fragmento de uma crônica; o terceiro, uma notícia e o último, um texto publicitário.

Em sequência, o livro apresenta um quadro com duas colunas: do lado esquerdo, os itens: gênero textual, o tipo textual (sequência) predominante, o tipo textual secundário e as características. Do lado direito, o correspondente de cada item nos textos propostos na atividade.

Algumas considerações devem ser feitas sobre esse quadro que sistematiza de forma sucinta as sequências textuais presentes nos textos. Além disso, as características sinalizadas sobre as sequências são limitadas.

Figura 29

Texto 2	
Gênero textual	crônica
Tipo textual (sequência) predominante	narrativo ficcional
Tipo textual (sequência) secundário	descritivo
Características	Conta fatos fictícios que aconteceram em determinado tempo e lugar, com personagens irreais. Também <u>descreve seres e paisagens.</u>

Primeiramente, o quadro apresenta como tipologia (sequência) predominante a narrativa ficcional. A palavra ficcional não faz parte da nomenclatura da tipologia, portanto não deveria estar escrita. Segundo, no fragmento da crônica, a sequência descritiva está mais presente do que a narrativa, embora seja a tipologia predominante. Portanto, deveria haver uma explicação sobre essa questão para não confundir o aluno.

Terceiro, no item características, fala-se, apenas, referencialmente da função da sequência descritiva (descreve seres e paisagens), não apresentando os recursos linguísticos articulados na descrição da gazza (uma espécie de ave), como verbos de ação no presente de indicativo (faíscam, espia), forma nominal (tocaiada), substantivos abstratos (um farfalhar, um desejo) e a escolha lexical articulada na descrição do referente (ladra, rouba, roubou) tem um peso na orientação dos argumentos, denotando uma avaliação em si. Logo, o que se diz sobre a sequência descritiva é muito pouco.

Voltemos o olhar para a análise do texto 3:



Figura 30

Texto 3	
Gênero textual	notícia
Tipo textual (sequência) predominante	descritivo, expositivo
Tipo textual (sequência) secundário	narrativo
Características	Descreve seres e paisagens, expõe informações precisas, apresentando datas, nomes de seres reais e dados pessoais verídicos. Também conta o que aconteceu a alguém em determinado tempo e lugar.

Sobre o texto três, o quadro também apresenta problemas. Primeiro, o texto é uma notícia; logo, a sequência predominante nesse gênero textual é a narrativa, embora haja uma presença forte da sequência descritiva no texto. Entretanto, o quadro apresenta a narrativa como sequência secundária e, como predominante, duas sequências: a descritiva e a expositiva. Essa análise pode confundir o aluno que não saberá discernir, na estrutura do texto, as sequências narrativa, descritiva e expositiva.

Segundo, na descrição das características, é dito que o texto “descreve seres e paisagens”, porém, o objetivo da notícia não é o de descrever seres e paisagens e sim o de relatar o fato ocorrido. A sequência descritiva, nesse caso, tem a função de tornar mais verossímil o fato noticiado.

Na seção “Aplicando”, são propostos cinco exercícios, composto cada um por um texto e por questões semelhantes sobre cada texto, basicamente, a respeito de gêneros e tipos textuais. Vejamos o primeiro texto e as questões:

Figura 31

**Chen segura o tchan**

*Bombeiro chinês salva criança com um braço e com o outro ainda livra o pai que ameaçava jogá-la*

Foi uma semana normal, em termos chineses. Teve um terremoto (336 feridos), uma insurreição de minoria étnica (184 mortos) e uma espantosa previsão de crescimento econômico para este ano (8%, com crise e tudo). E também, mais improvavelmente, um herói espontâneo, sem nenhuma maquiagem oficial. O bombeiro **Chen Long** salvou uma menininha de 2 anos, que o próprio pai ameaçava jogar pela janela de um apartamento no 8º andar. Protegido por um cabo de segurança, mas com coragem e presteza impressionantes, Chen desceu por uma sacada do andar de cima, avançou pelo parapeito do prédio e durante alguns apavorantes segundos disputou a criança com o pai enlouquecido, Hu Binjun. Ao perdê-la, Hu tentou se jogar,

mas o rápido Chen o empurrou de volta. Hu tem 34 anos e uma tatuagem na coxa do tipo que na China quer dizer encrenca. Ao sair preso, apanhou do povão que acompanhou o drama da rua durante mais de três horas. A mulher disse que ele estava desempregado e drogado. A história recente chinesa está cheia de heróis inventados, personagens fabricados pela máquina oficial de propaganda para promover a causa comunista e o fervor patriótico. Com farda camuflada, cabelos espetados, sobrancelhas arqueadas e movimentos quase estilizados, de dar inveja a Bruce Lee, Chen lembrou um ator do tempo das velhas e intragáveis óperas maoístas. Com a diferença de que fez uma coisa boa de verdade numa semana em que muitas coisas ruins aconteceram na China.

*Veja, São Paulo, n. 2121, 15 jul. 2009.*

a) No caderno, dê o gênero em que se enquadra o texto lido e justifique sua resposta.

b) Observe as características do texto, sua estrutura e finalidade. Qual é a tipologia predominante?

c) Ocorrem outras sequências no texto que caracterizem outras tipologias? Justifique sua resposta.

A primeira questão é sobre o gênero do texto. Na segunda é solicitada que sejam observadas as características e finalidade do texto para que, em seguida, identifique-se a tipologia predominante. O problema visualizado nesta questão é o de que as características e a finalidade de um texto, na verdade, servem para identificar um gênero textual e não uma tipologia.

Na terceira questão é solicitado que se identifique a presença de outras sequências que caracterizem outras tipologias. O problema está no fato de que, na nomenclatura utilizada pelos autores (conferir quadro de análise dos textos), sequência é usada como sinônimo de tipo. Ou seja, sequências não podem caracterizar tipologias, pois são a mesma coisa.

Observa-se que a sequência descritiva está muito presente no texto, mas não há nenhuma pergunta que leve o aluno a desenvolver uma maior competência leitora e um maior conhecimento da sequência descritiva, reconhecendo a relevância dessa na construção do sentido, atendendo a uma intencionalidade discursiva.

No caso da revista *Veja*, percebe-se que essa teve como objetivo articular a descrição do bombeiro como forma de criticar o partido comunista chinês, articulando uma comparação do herói criado pelo Partido com o bombeiro do fato noticiado. A sequência descritiva como

recurso argumentativo deveria ter sido explorada, portanto, nas atividades sobre o texto a fim de o aluno perceber a intencionalidade do discurso da revista.

Por último, o texto 5, que é um manifesto da revista Klaxon. Sobre ele, são formuladas quatro questões, sendo que uma estabelece uma intertextualidade com frases do manifesto Antropófago de Oswald de Andrade.

Figura 32

5 Reproduzimos a seguir a página 2 do Manifesto Klaxista, publicado no editorial do número 1 da revista modernista *Klaxon*, em 15 de maio de 1922. A *Klaxon* é uma das muitas revistas do movimento artístico que se convencionou chamar Modernismo, assim como o seu Manifesto, um dos muitos do período.

**2**

{ KLAXON sabe que a natureza existe. Mas sabe que o moto lyrico, produtor da obra de arte, é uma lente transformadora e mesmo deformadora da natureza.

{ KLAXON sabe que o progresso existe. Por isso, sem renegar o passado, caminha para deante, sempre, sempre. O campanile de São Marcos era uma obra prima. Devia ser conservado. Caiu. Reconstruí-lo foi uma erronia sentimental e dispendiosa — o que berra deante das necessidades contemporaneas.

KLAXON sabe que o laboratorio existe. Por isso quer dar leis scientificas á arte; leis sobretudo baseadas nos progressos da psychologia experimental. Abaixo os preconceitos artisticos! Liberdade! Mas liberdade embridade pela observação.

{ KLAXON sabe que o cinematographo existe. Perola White é preferivel a Sarah Bernhardt. Sarah é tragedia, romantismo sentimental e tecnico. Perola é raciocinio, instrucção, esporte, rapidez, alegria, vida. Sarah Bernhardt = seculo 19. Perola White = seculo 20. A cinematographia é a criação artistica mais representativa da nossa epoca. E' preciso observar-lhe a lição.

KLAXON não é exclusivista. Apesar disso, jamais publicará ineditos maus de bons escriptores já mortos.

KLAXON não é futurista.

KLAXON é klaxista.

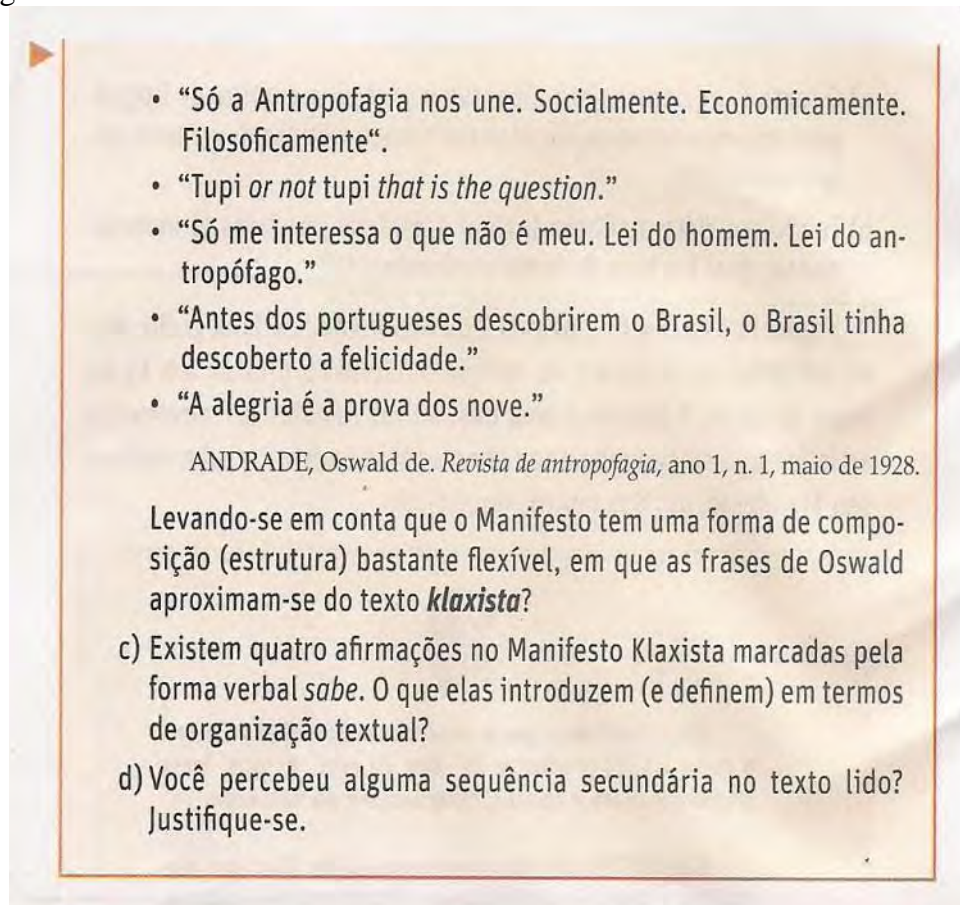
**k l a x o n**

a) Quais as características deste texto quanto a seu conteúdo temático e estilo? Qual seria a sua intenção principal?

b) Leia agora alguns períodos do Manifesto Antropófago, publicado por Oswald de Andrade em 1928.



Figura 33



- “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”.
- “Tupi or not tupi that is the question.”
- “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.”
- “Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.”
- “A alegria é a prova dos nove.”

ANDRADE, Oswald de. *Revista de antropofagia*, ano 1, n. 1, maio de 1928.

Levando-se em conta que o Manifesto tem uma forma de composição (estrutura) bastante flexível, em que as frases de Oswald aproximam-se do texto *klaxista*?

c) Existem quatro afirmações no Manifesto Klaxista marcadas pela forma verbal *sabe*. O que elas introduzem (e definem) em termos de organização textual?

d) Você percebeu alguma sequência secundária no texto lido? Justifique-se.

A questão ‘a’ é sobre características do gênero textual – conteúdo e estilo. A questão ‘b’ apresenta frases do manifesto da Antropofagia de Oswald de Andrade. A intertextualidade entre os dois textos está na finalidade e na sequência textual predominante, que é a mesma: argumentativa. Para uma melhor compreensão do aluno sobre essas frases, faz-se mister o professor fazer um relato/ apresentar o objetivo do movimento modernista – ruptura com a tradição. Quanto à questão ‘c’, fala-se na forma verbal “sabe” e pede-se que analise a sua função na organização textual.

Por último, uma questão ‘d’ sobre sequência secundária, a descritiva, que foi pouco explorada. Poderia se pedir que o aluno observasse sua função discursiva no texto – a argumentativa – e quais recursos linguísticos foram articulados como metáforas (“o moto lyrico...é uma lente transformadora...”, “Sarah é tragédia”), repetição de advérbio (“sempre, sempre”), adjetivos (“errônea e sentimental”).

Finalizando, há de se ressaltar que o capítulo pertence à parte do livro de Produção de texto e, no entanto, não há nenhuma proposta de elaboração de texto, trabalhando gêneros e tipos (sequências) textuais, o que possibilitaria uma maior fixação dos assuntos abordados, proporcionando um desenvolvimento da competência redacional do aluno, conforme é

observado pelo guia do PNLD2012, na página 50, onde se lê: “Algumas propostas restringem-se às características dos tipos e gêneros textuais estudados; nesses casos, as condições de produção ficam em segundo plano”.

### 2.2.2.3 Livro *Viva Português*

O livro de Campos, Cardoso e Andrade aborda o ensino da descrição nos capítulos 8 e 23 do volume único. O objeto de estudo dos dois capítulos são os gêneros textuais. Nos dois capítulos, a descrição é abordada na seção “Produção de texto”, que é composta por três atividades: ‘Reprodução’ (atividade 1), ‘Reprodução’ (atividade 2) e ‘Produção de autoria’ (atividade 3). Somente a atividade 2 aborda a descrição ((nomenclatura adotada no livro).

O capítulo 8 foca o gênero textual relato de viagem. Embora a descrição seja abordada apenas na seção “Produção de texto”, na atividade 2 – ‘Reprodução’ (conforme Figura 39, na página 70 deste capítulo), apresentada posteriormente, no texto inicial do capítulo, que é um relato de viagem sobre a Antártida (Figuras 36 e 37, páginas 67 e 68 deste capítulo), mais especificamente na questão 5 (conforme Figura 34, a seguir), há uma rápida explanação sobre a presença de trechos descritivos nesse gênero textual.


Figura 34

5 Sabemos que o autor desse texto vive na cidade de São Paulo. Se um inuíte fizesse uma viagem de sete semanas pela Antártida, você imagina que os aspectos da paisagem que lhe chamariam a atenção seriam os mesmos que o jornalista mencionou? E se um cientista — biólogo, meteorologista, oceanógrafo — fizesse a viagem, que tipo de coisa ele provavelmente notaria? *Resposta pessoal.*

O texto em estudo é um relato de viagem. Nos textos desse gênero, em geral, há diversos trechos descritivos. Observe:

**Inuíte:** indivíduo dos inuítes, povo que habita a região ártica do Alasca à Groenlândia.

Professo, essa questão ajudará os alunos a notar que a visão apresentada em um relato de viagem é sempre subjetiva.



Iceberg na Antártida.

Durante todo o tempo, **estávamos** cercados de icebergs. Às vezes **havia** mais de cem à nossa volta. Alguns **eram** como castelos esculpidos em gelo azul, **tinham** pontes, pátios e torres. Outros **eram** imensos platôs brancos. As paredes verticais de centenas de metros e lá em cima a superfície de quilômetros de comprimento. [...]

Nesse trecho:

- o que se apresenta é um elemento estático, isto é, parado, sem movimento — a paisagem antártica —, e não uma sequência de acontecimentos se desenvolvendo no tempo;
- há predomínio de verbos empregados no pretérito imperfeito do indicativo (observe o destaque no texto), indicando a simultaneidade das cenas apresentadas, cu seja, que os eventos relatados ocorrem em um mesmo tempo.

Em seguida, conforme se pode observar, há um trecho descritivo do texto inicial e duas colocações sobre esse: uma sobre a descrição de um elemento estático e outra sobre os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, indicando simultaneidade das cenas apresentadas.

A primeira colocação fala em elemento estático, mas não diz que a sequência descritiva pode ser estática ou dinâmica, dependendo do referente descrito. Além disso, na atividade 2, na seção “Produção de texto”, em que a sequência descritiva é abordada, não há referência à descrição estática e dinâmica. A abordagem, na seção, é sobre descrição objetiva e subjetiva, como será visto mais à frente.

Segundo, mencionam-se os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mas não se desenvolve a questão da semântica dos tempos verbais a fim de mostrar que esse tempo verbal, geralmente, expressa a presença da sequência descritiva em textos narrativos. Esses dois tópicos deveriam ser mais explorados.

Em seguida, há um trecho do texto inicial, que é uma sequência narrativa, a fim de mostrar a diferença entre as sequências narrativa e descritiva, como ilustrado na Figura 35, a seguir.



Figura 35



Interessante observar que a frase acima da figura fala em “trecho, claramente narrativo” e esse exemplo é dado para mostrar a diferença entre uma sequência narrativa e uma descritiva. Em seguida, há uma explanação, mostrando a diferença entre o narrativo (sucessão de ações se desenvolvendo no tempo e no espaço) e o descritivo (apresentação estática de um ser, objeto ou paisagem). As autoras do livro falham em deixar de mencionar que há, no trecho, a presença de sequências narrativa e descritiva.

Aliás, é preciso ressaltar que, muitas vezes, a sequência descritiva está tão imbricada na sequência narrativa que não se consegue separá-las, já que “as ações só têm sentido em relação às identidades e às qualificações de seus actantes” (PAULIUKONIS, 2001, p. 26), como é o caso do trecho acima, em que se destacam elementos descritivos no relato da cena: “Um dia o barco parou para reparos. **Vesti uma roupa de mergulho, subi numa prancha de surfe, parei na boca de uma caverna que o mar cavou nele, sentei na prancha e fiquei lá, gritando, o mar a 2 graus negativos me jogando de um lado para o outro.**” (grifo nosso). Quanto à afirmação das autoras do Livro Didático de que a sequência descritiva “se caracteriza pela apresentação estática de um ser, objeto ou paisagem”, considero ser tal

afirmação inadequada, pois a sequência descritiva do trecho anterior é dinâmica, visto que o referente descrito, o viajante, faz uma sucessão de ações, ou seja, o ser é apresentado em ação.

Outro fato relevante não mencionado é o da questão do aspecto verbal do gerúndio, que pode ser utilizado como um recurso linguístico da sequência descritiva. Repara-se que o gerúndio expressa o comportamento (=ação) do viajante, prolongando a ação de gritar do mesmo em meio àquele silêncio, tendo, pois, um valor imperfectivo, identificando-se a não intenção de localizar a ação no tempo (VARGAS, 2011, p. 93).

Após essa explanação, as autoras do LDP propõem mais duas questões: uma para identificar trechos descritivos no texto inicial do capítulo e outra sobre as marcas linguísticas dos comentários do jornalista sobre como se sente diante da paisagem. Para tanto, faz-se necessário apresentar a imagem digitalizada do texto inicial do capítulo para, em seguida, analisar as duas questões.



Figura 36

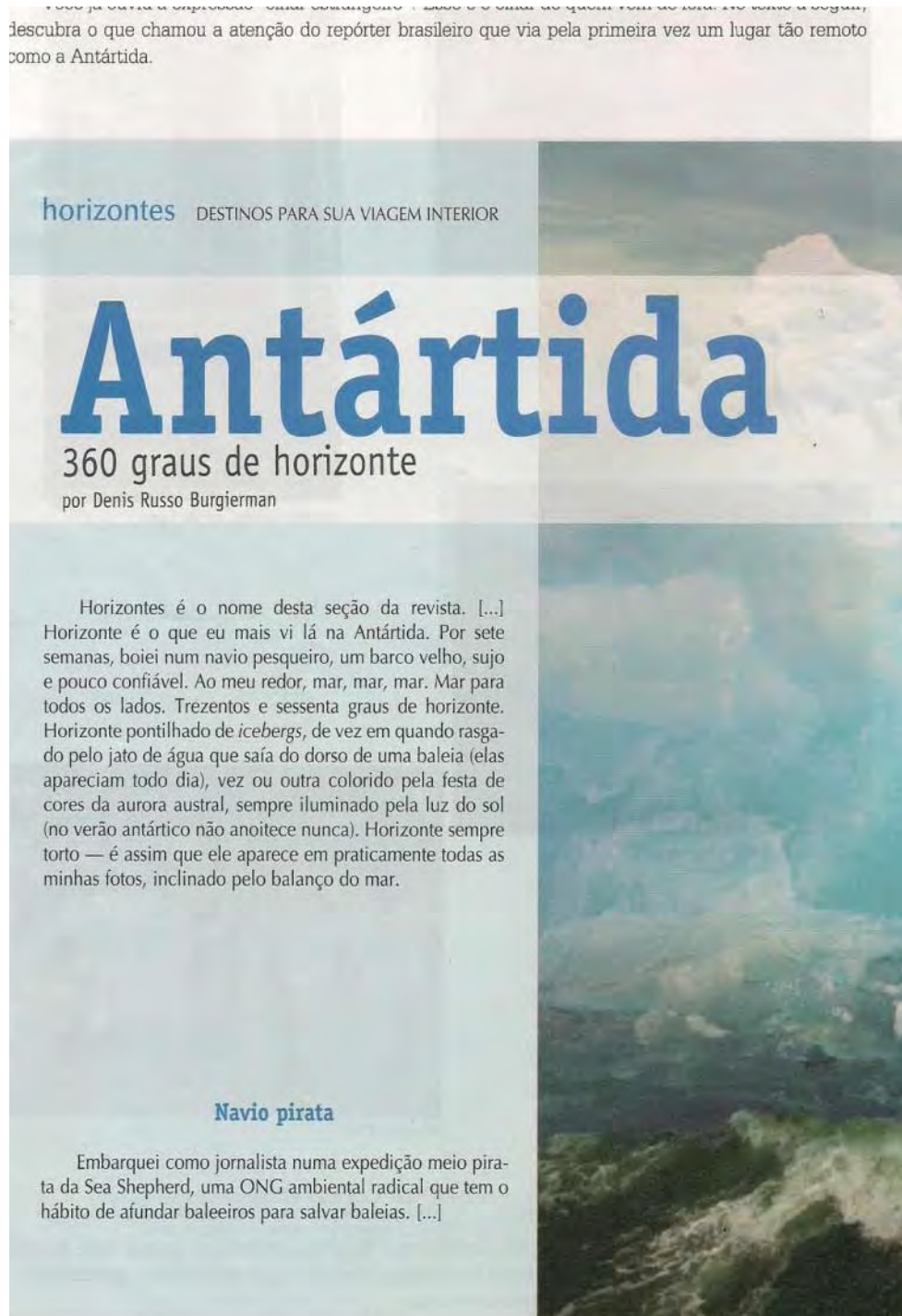


Figura 37

**Mundos flutuantes**

Durante todo o tempo, estávamos cercados de *icebergs*. Às vezes havia mais de cem à nossa volta. Alguns eram como castelos esculpidos em gelo azul, tinham pontes, pátios e torres. Outros eram imensos platôs brancos. As paredes verticais de centenas de metros e lá em cima as superfícies de quilômetros de comprimento. Cada um é um mundo. Cada um é um pedaço do planeta Terra que se descolou do continente há séculos e que vai derreter lentamente até sumir no mar, daqui a séculos. [...] Não há gente nos *icebergs*, e nem por isso eles são menos reais, menos concretos do que São Paulo, onde eu moro. Essa constatação é meio óbvia, mas quando se chega a ela por conta própria ela vem como um choque: há vida longe da humanidade.

**Vivo por acaso**

No meio daquele mar, nosso barco parecia minúsculo, frágil. Nos dias de tempestade, éramos uma casquinha de noz subindo as ondas e depois mergulhando nelas. Um dia, o barco parou para reparos. Vesti uma roupa de mergulho, subi numa prancha de surfe e remei até um *iceberg*. Parei na boca de uma caverna que o mar cavou nele, sentei na prancha e fiquei lá, gritando, o mar a 2 graus negativos me jogando de um lado para o outro. Eu era um corpo minúsculo, mal e mal protegido do frio, boiando sozinho a dez dias de viagem do vilarejo mais próximo. Um serzinho insignificante na superfície de um planeta. Frágil, pequeno, em meio à imensidão. Eu estava vivo quase por acaso (milagre?) — só porque minha roupa segurou o calor junto de mim, só porque aquele *iceberg* ainda não resolveu desabar, só porque nenhuma orca faminta apareceu por lá. Mas eu estava vivo.

Denis Russo Burgierman. Revista *Vida Simples*, jul. 2004. Adaptado.

Figura 38

6 Identifique no texto outro trecho que tenha características claramente descritivas.  
*De "Um mar negro, um mar mar" até o final do primeiro parágrafo.*

7 Os comentários feitos pelo jornalista tornam seu relato bastante pessoal.

a) Copie um trecho em que haja um comentário do autor.

b) Há nos comentários do jornalista marcas linguísticas que revelam como ele se sente diante da paisagem antártica?  
*Professe, substitua no próprio texto algumas possibilidades.*

- Identifique no texto substantivos no diminutivo. *casquinha, serzinho*
- Identifique adjetivos associados à ideia de pequenez. *minúsculo, frágil, insignificante, pequeno*

c) O que o autor revela sobre si mesmo com o emprego desses substantivos e adjetivos?  
*Analise que relaciona a pequenez do homem diante do oceano à sua pequenez.*

Para ler esse relato de viagem, você:

- observou que as informações iniciais são continuamente retomadas e ampliadas ao longo do texto;
- identificou os elementos da paisagem que chamaram a atenção do jornalista e, com base nisso, reconheceu aspectos de sua visão de mundo;
- reconheceu a presença de trechos descritivos e narrativos;
- concluiu que um relato de viagem revela de maneira subjetiva uma paisagem, um acontecimento.

No exercício 6, solicita-se que o aluno identifique no texto outro trecho que tenha características “claramente descritivas”. Contudo, o livro não abordou, até esse momento, o estudo da sequência descritiva. Além do que, apresentou, anteriormente, um trecho para

exemplificar um trecho narrativo (Figura 35, página 65 deste capítulo), em que havia a presença de sequência descritiva, sem mencionar tal fato.

No exercício 7, letra **b**, pede-se que identifique no texto substantivos no diminutivo e adjetivos associados à ideia de pequenez. Na letra **c**, pergunta-se o que o autor revela sobre si mesmo com o emprego desses substantivos e adjetivos. Mais uma vez, as autoras do livro deixam de abordar o ensino da sequência descritiva, mencionando que esses recursos linguísticos articulados nessa sequência textual atendem à intencionalidade do autor, ou melhor, a sequência descritiva funciona com uma estratégia argumentativa para a tese do repórter da “insignificância do homem diante do poder da natureza”. Tal função fica latente na sequência: “Um serzinho insignificante na superfície de um planeta. Frágil, pequeno, em meio à imensidão” (no bloco intitulado “Vivo por acaso”, Figura 37).

Nesse trecho, poderia ter sido mais explorado o estudo sobre o recurso linguístico do sufixo “inho”, pois, segundo Vilela (1994, p. 81): “os sufixos formadores de apreciativos (aumentativos e diminutivos) desempenham papel fundamental, pois permitem que a palavra represente, simultaneamente, o objeto e a qualidade”. Também estudar a escolha lexical na construção da sequência descritiva (a escolha pelos adjetivos “insignificante”, “frágil”, “pequeno” para reforçar a tese do texto) articulados pelo autor do texto, o que possibilitaria uma maior competência descritiva ao aluno, favorecendo a compreensão do sentido no texto e melhorando a escrita de seus textos.

Passando para a seção do capítulo “Produção de texto”, inicialmente, há uma explanação sobre o gênero relato de viagem, apresentando características desse gênero e, em seguida, há três atividades: a primeira, ‘Reprodução’, trata de relato; a segunda, ‘Reprodução’ aborda a descrição e a terceira, ‘Produção de autoria’, solicita que o aluno produza uma página de relato de viagem.

Na atividade 2, Reprodução, o assunto focado é a descrição.



Figura 39

### Atividade 2 — Reprodução: a descrição

Ao escrever um relato de viagem dificilmente a descrição será deixada de lado. Isso porque o objetivo de um parágrafo descritivo é apresentar ao leitor um objeto, uma paisagem, uma situação, uma pessoa ou um grupo.

A descrição pode ser objetiva ou subjetiva. Ela é objetiva se o autor descreve o que vê procurando reproduzir a realidade, e subjetiva se ele descreve suas impressões e sentimentos diante do que vê. Isso vai depender da intenção do autor. Uma mesma casa pode ser descrita de formas diferentes de acordo com o objetivo do texto.

Observe um parágrafo descritivo do relato de viagem do aventureiro alemão Hans Staden, que em 1554 foi capturado pelos índios tupinambás após um naufrágio na costa brasileira, mas, incrivelmente, conseguiu fugir e voltar para a Alemanha:

Eles dormem em redes penduradas, a que dão o nome de ini, em sua língua. Elas são trançadas com fios de algodão e amarradas sobre o chão em duas estacas. Durante a noite, uma fogueira permanece acesa ao lado da rede. E, mesmo para fazer suas necessidades, os selvagens não gostam de sair das cabanas sem levar uma tocha, tamanho o medo que sentem do demônio chamado por eles de Anhangá, que acreditam ver com frequência.

Hans Staden. *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens* (1548-1555). Rio de Janeiro: Dantes, 1999.

É possível notar que essa descrição foi realizada por um estrangeiro, pois ele menciona o fato de o povo descrito falar outra língua. A descrição tem sempre de partir de um observador, que no relato de viagem é o autor (em outro tipo de texto, pode ser feito por um narrador-personagem).

Observe que essa descrição é objetiva, mostra o espaço tal qual ele é. Poderiam ser introduzidos elementos mais subjetivos, mais da opinião do autor.


➤ Produza um trecho descritivo de algum ponto que seja necessário descrever sobre a “viagem” da atividade 1. No seu texto, procure usar alguns recursos de produção comuns a esse gênero textual:

- faça comparações;
- faça enumerações (como no exemplo dado);

• inicie com uma frase curta (leia a seguir uma sugestão de sequência descritiva, que poderia entrar logo no segundo parágrafo do seu relato).

Professor, na correção, observe o uso de adjetivos descritivos usados para reforçar o sentido dos adjetivos, dos verbos intensivos e da apresentação da situação do narrador.

Ocean era uma praia linda. Tão linda como um dia de sábado pela manhã. Homens, mulheres, crianças, idosos caminhavam pela orla com sorrisos abertos e mentes livres.

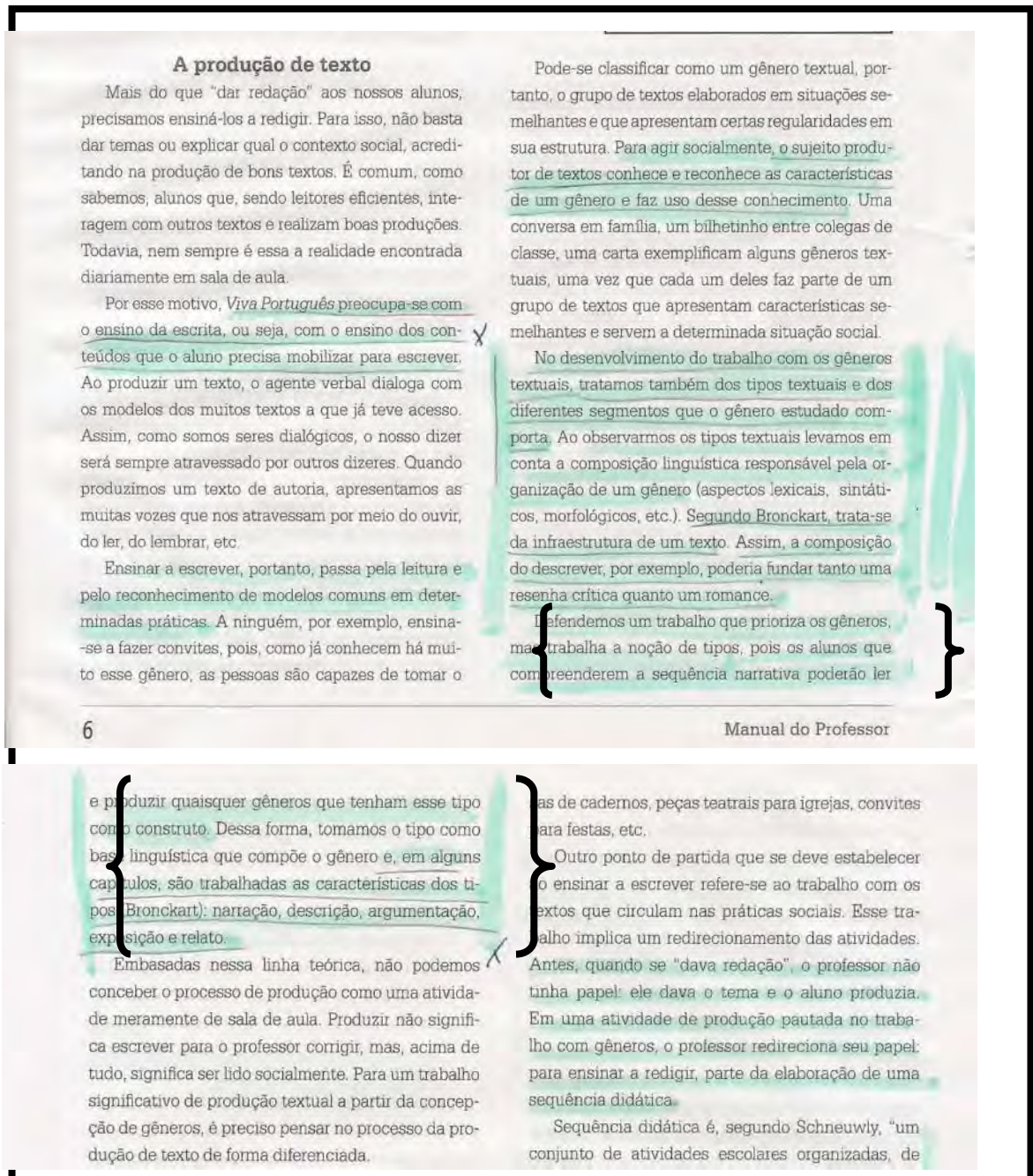


Página de *Warhafftige Historia und Beschreibung eyener Landschafft der wilden, nacketen, grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen*, edição original do livro de Hans Staden, publicada na Alemanha, 1557. Em nosso país, com o título *Duas viagens ao Brasil*, foi editado pela Itatiaia e pela Edusp, em 1974.

COLEÇÃO JOSE WINDLIN, SÃO PAULO

Atente-se que a abordagem dessa descrição (chamada de parágrafo descritivo) está “amarrada” ao gênero relato de viagem, corroborando o foco do ensino do livro – os gêneros textuais e não as sequências textuais, como apresentado no *Manual do Professor*, páginas 6 e 7:

Figura 40



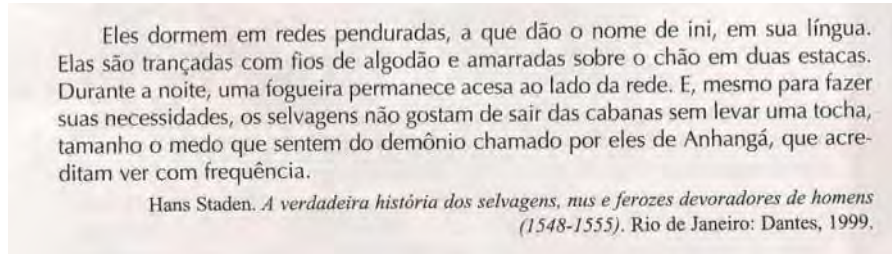
Observa-se na Figura 39 que as autoras iniciam a abordagem sobre a sequência descritiva, denominando-a de “parágrafo descritivo” e definindo-a referencialmente – “[...] o objetivo de um parágrafo descritivo é apresentar ao leitor um objeto, uma paisagem, uma situação, uma pessoa ou um grupo”.

Em seguida, apresentam-se os modos de descrever – objetivo ou subjetivo – e um parágrafo de um relato de viagem para exemplificar uma descrição do tipo objetivo – um aventureiro



alemão, que foi capturado em 1554 por índios tupinambás, após um naufrágio na costa brasileira, trecho que é apresentado novamente a seguir.

Figura 41



Ao ser adotada a terminologia “parágrafo descritivo”, pode-se gerar uma confusão para o estudante, pois conduz a pensar que a sequência descritiva é um parágrafo apenas. Essa visão é equivocada, já que pode haver uma sequência descritiva inserida em um parágrafo narrativo, expositivo ou argumentativo. Segundo Adam(2008, p. 204), a sequência é uma estrutura dotada de organização interna própria, podendo estar em uma relação de dependência – independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte(o texto).

Observa-se que não há exemplo de descrição subjetiva, o que seria importante para se trabalharem alguns recursos linguísticos articulados em uma sequência descritiva subjetiva como comparações, metáforas e metonímias. As autoras só acrescentam sobre o trecho acima que “essa descrição é objetiva, mostra o espaço tal qual ele é. Poderiam ser introduzidos elementos mais subjetivos, mais da opinião do autor” (Figura 39).

Por último, há uma proposta de produção de texto, a saber:

Figura 42

► Produza um trecho descritivo de algum ponto que seja necessário descrever sobre a “viagem” da atividade 1. No seu texto, procure usar alguns recursos de produção comuns a esse gênero textual:

- faça comparações;
- faça enumerações (como no exemplo dado);

• inicie com uma frase curta (leia a seguir uma sugestão de sequência descritiva, que poderia entrar logo no segundo parágrafo do seu relato):

Professor, na correção, observe o uso de predicado nominal de advérbios usados para reforçar o sentido dos adjetivos, dos verbos intransitivos e da apresentação da situação (do narrador).

Ocean era uma praia linda. Tão linda como um dia de sábado pela manhã. Homens, mulheres, crianças, idosos caminhavam pela orla com sorrisos abertos e mentes livres.

A proposta solicita que o aluno, ao escrever seu texto- trecho descritivo- o faça, utilizando recursos, tais como comparações e enumerações. Esses recursos não são marcas do gênero

relato de viagem e sim da sequência descritiva, que aparece, com frequência, nesse gênero textual. Mais uma vez, as autoras cometem um equívoco, dificultando o processo de aprendizagem do estudante sobre a sequência descritiva.

Finalizando essa parte do capítulo, há a atividade 3, que propõe ao aluno produzir uma página de um relato de viagem. Em uma das instruções, fala-se em descrição, como vemos a seguir.

Figura 43

**Atividade 3 — Produção de autoria**

► Em grupo, pensem em lugares da região que muitos não conhecem bem, mas já visitaram. Produzam uma página de relato de viagem com a intenção de apresentar o espaço a quem nunca o viu, despertando a vontade de conhecer, de experimentar.

**Preparando a segunda versão do texto**  
Entreguem seu relato a colegas de outro grupo e leia o relato deles. Verifique se os colegas:

- chamam a atenção dos leitores para conhecer o lugar apresentado;
- usam recursos do relato e da descrição para atingir a intenção de apresentar o lugar.

Na última orientação para a atividade, há a instrução para a observância da utilização dos recursos do relato e da descrição para atingir a intenção de apresentar o lugar. Observa-se que essa função da sequência descritiva, como um recurso de argumentatividade para atender à intenção do autor do texto de convencer o leitor a conhecer o lugar descrito, não foi desenvolvida ao longo das atividades pedagógicas apresentadas na unidade do livro didático em análise.

O enfoque dado é de mera prescrição de uso, de levantamento de recursos em sentido estrito. Não há qualquer menção à relevância da sequência descritiva na construção de sentido do texto.

No capítulo 23 do referente livro, é também abordada a descrição, focando-se, todavia, no ensino do gênero reportagem. A seção “Produção de texto” é composta por três atividades – ‘Atividade 1: Reprodução: descrição de personagens’, ‘Atividade 2: Reprodução’ e ‘Atividade 3: Produção de autoria’. Ressalta-se que, antes da Atividade 1, há uma explanação teórica sobre o gênero reportagem. Cabe ressaltar que a estrutura dessa seção é a mesma do capítulo 8 analisado anteriormente (página 71), reverenciando-se no sexto parágrafo, a descrição, conforme se observa a seguir.

Figura 44

**Produção de texto**

**Reportagem**

A reportagem é um texto jornalístico e, ao contrário da notícia, apresenta um fato, seus desdobramentos, causas e consequências.

Quando há um acontecimento noticioso (como uma decisão política, um crime, uma tragédia, etc.), os jornais, o rádio e a televisão apresentam quase que imediatamente um texto relatando o ocorrido e suas características: quem são os envolvidos, em quê, quando e onde. Logo em seguida, se o fato for marcante, elaboram-se as reportagens sobre esse acontecimento. Como o produtor de uma reportagem tem mais tempo, ele pode aprofundar o assunto, proporcionando ao leitor mais informações relacionadas ao tema, mais exemplos, dados, a origem do fato e as prováveis consequências, etc.

Assim, é comum a reportagem ser mais longa que uma notícia e apresentar diversos boxes, que contêm informações relacionadas ao fato; infográficos, mapas, desenhos, gráficos; o que diferentes pessoas envolvidas ou ligadas ao tema pensam sobre o que é apresentado, etc. Quanto à estrutura, observa-se que não há uma forma fixa de estruturação de reportagem, embora em geral o tempo verbal utilizado seja o presente e muitas vezes se começa o texto com a apresentação dos dados fundamentais do acontecimento: quem? o quê? onde? quando? por quê (opcional)? como (opcional)? Esse início do texto jornalístico é chamado de lide.

Ainda para estruturar o texto, convém produzir uma boa abertura, algo que desperte a atenção do leitor. Os jornalistas costumam chamar esse início de **ataque**, uma vez que esse trecho tenta "atacar" (ou atingir) o leitor e fazê-lo ir adiante na leitura. Na verdade, quem escreve uma reportagem deve ter habilidade para produzir um texto que, mesmo depois de o assunto ter sido comentado por diversos canais de TV, por jornais e rádios, ainda desperte interesse no leitor.

Uma reportagem é estruturada com as seguintes partes:

- **Título** — o nome do texto. Um título de impacto é sempre importante. Para criá-lo, use: oposições, interrogações, afirmativas bombásticas, etc.
- **Subtítulos** — título secundário. Apresenta mais informações sobre o conteúdo da reportagem.
- **Entretítulos** — os itens abordados em uma reportagem. Por meio deles, informa-se ao leitor qual é o encaminhamento dado pelo produtor do texto: como ele divide o assunto tratado.
- **Janelas** — os trechos mais interessantes, a fala de alguém, um dado estatístico, etc.
- **Boxe explicativo** — apresentação de dados numéricos de pesquisa, mapas de localização, contextualização histórica, definições ou conceitos, etc.

Ao contrário da notícia, que apenas relata o fato, a reportagem pode narrar, descrever, expor e argumentar. O autor narra, por exemplo, acontecimentos que representam as **causas** do fato a partir do ângulo que ele escolheu para sua investigação. Descreve as pessoas envolvidas por meio das ações delas, de suas características (personalidade, profissão, posição social, etc.). Expõe as ideias dos envolvidos e — é bom lembrar para se ter uma leitura crítica do gênero — às vezes usa o que for necessário (em matéria de informações e de argumentos) para transmitir a opinião que o suporte (revista, jornal, canal de TV, site) tem sobre o fato apresentado ou, ainda, o viés por meio do qual deseja que o tema seja discutido. Como afirma um jornalista do *Washington Post*, é preciso apresentar ao leitor a "melhor versão possível da verdade".

Na explanação didática apresentada na seção acima reproduzida (figura 44), há um equívoco teórico na explanação, pois descrevem-se pessoas na reportagem e a atividade 1, a seguir apresentada, intitula-se “descrição de personagens”. Como se sabe personagens são elementos que compõem o texto literário. A reportagem é um gênero circunscrito à realidade. Logo, não há “personagens”, mas “pessoas”.

Esse equívoco materializa a artificialidade das tarefas de produção de texto, recorrentes na escola. Nossa crítica contundente está no distanciamento do estudante de atividades reais de produção de texto, de construção de sentidos. Dessa mesma forma, imputam-se como



negativas e artificiais as atividades com as denominadas sequências descritivas, pois a abordagem é meramente conteudista.

Passemos à análise do exercício na figura 45.

Figura 45

Quanto ao modo de escrever, há diferentes tipos de reportagem:

- **reportagem de ação** (trata de um fato em andamento e os assuntos ligados a ele: a alimentação durante uma competição esportiva como as Olimpíadas, por exemplo) — com predomínio de verbos de ação no presente e de narração dos fatos, apresenta uma linha temporal;
- **reportagem de fatos** (apresenta todos os detalhes de um evento, como a morte de um presidente) — texto predominantemente narrativo, o jornalista relata os fatos de acordo com sua opinião, numa sequência cronológica;
- **reportagem documental** (composta de depoimentos, temas, personalidades e acontecimentos marcantes em dada sociedade) — baseada mais na descrição das pessoas envolvidas, mistura a narração à citação de pessoas envolvidas.

Os temas das reportagens são desencadeados pelos fatos. A partir deles, o produtor do texto inicia amplo trabalho de observação e pesquisa. Profissionais da área afirmam que uma boa reportagem é resultado de muitas idas e vindas; de gravações; de registros escritos, fotográficos e orais; de leituras e até conversas. É preciso estar com todos os sentidos em alerta ao investigar um tema.

**Atividade 1 — Reprodução: a descrição das personagens**

Ao enumerar as características de determinado objeto ou pessoa, associar seus elementos e compará-los, a descrição fornece um retrato verbal. Esse tipo de texto também reflete o ponto de vista de quem o produz. Assim, a descrição que lemos ou ouvimos depende da intenção de quem a produz.

A Atividade 1 inicia-se com um texto no qual apresenta a definição referencial de descrição (terminologia adotada no livro), sendo acrescentado um dado importante – a função da descrição de atender a uma intenção do descritor(aquele que descreve).

Em seguida, apresenta-se um parágrafo de uma reportagem sobre nossos grandes mestres: o pai, o avô, o irmão, o professor, entre outros. Esse parágrafo é seguido de um comentário sobre a descrição que o constitui.

Figura 46

Observe o primeiro parágrafo de uma reportagem sobre nossos grandes mestres: o pai, o avô, o irmão, o professor, etc.:

**Bruta lição**

Liane Alves

Mestres ampliam nossos horizontes, nos estimulam a atingir nossos objetivos e são fontes inesgotáveis de orientação nas encruzilhadas da vida. Mas, cá entre nós, você sabe reconhecer um?

De poucas palavras, hábitos simples e vida rústica, Ignácio Campos Meirelles era a alma de Campo Formoso, cidade do sertão de Goiás. Único ferreiro do lugar lá pelos idos da década de 40, Ignácio tinha mãos de fada [...]. Para sua neta, uma menina de 6 anos, ele era um rei, e sua serralheria, um reino encantado. Junto com o avô, ela aprendeu a manejar a forja, fundir metais e moldar eles para fazer pulseirinhas ou correntes de prata. Porém, mais do que tudo, a menina recebeu dele valores fundamentais.

*Revista Vida Simples, fev. 2008.*

Note que, para iniciar a reportagem, que tratará de mestres de nossa vida, a jornalista optou por descrever o senhor Ignácio Campos Meirelles, que ensinou valores importantes à neta. A intenção dessa descrição é, portanto, valorizar a pessoa apresentada, pois ela exemplifica positivamente o tema da reportagem.

► Na reportagem, a descrição pode servir para apresentar as ideias do jornalista. A seguir há um título e um subtítulo. Por meio deles, já é possível perceber o ponto de vista adotado. Dê sequência ao texto: escreva um parágrafo descritivo sobre uma pessoa inventada que se encaixaria nessa perspectiva, comece falando dos hábitos, dos gostos, elabore uma apresentação geral da pessoa; em seguida, reduza a descrição aos detalhes.


Observa-se que, para iniciar a reportagem, que tratará de mestres de nossa vida, a jornalista optou por descrever o senhor Ignácio Campos Meirelles, que ensinou valores importantes à neta. A intenção dessa descrição é, segundo as autoras, *valorizar a pessoa apresentada*, pois ela exemplifica positivamente o tema da reportagem. Todavia, tal colocação constitui-se como simplista em relação à sequência descritiva. Seria melhor dizer que a sequência descritiva é uma estratégia de argumentatividade da autora, atendendo a sua intencionalidade, conforme Adam (2008, p. 216) afirma: “a atribuição mínima de um predicado a um sujeito constitui a base de um conteúdo proposicional”.

Destaca-se, também, que não há nenhuma referência sobre os recursos linguísticos articulados pela autora do texto como a metáfora (“ele era um rei”, “Ignácio Campos Meirelles era a alma de Campo Formoso”), embora seja predominante no gênero reportagem, geralmente, a linguagem denotativa, referencial.

Após essa explanação, há uma proposta de produção de texto.

Figura 47

➤ Na reportagem, a descrição pode servir para apresentar as ideias do jornalista. A seguir há um título e um subtítulo. Por meio deles, já é possível perceber o ponto de vista adotado. Dê sequência ao texto: escreva um parágrafo descritivo sobre uma pessoa inventada que se encaixaria nessa perspectiva, comece falando dos hábitos, dos gostos, elabore uma apresentação geral da pessoa; em seguida, reduza a descrição aos detalhes.



**Forte como um touro**

Você curte um corpo perfeito? Faz qualquer coisa para ter o braço definido? Leia nesta reportagem dicas para ter saúde.

Professor, na correção, observe a ordem da descrição: do geral para as partes. Verifique o uso de orações subordinadas adjetivas. Por fim, alerte os alunos quanto às descrições sobre corpo perfeito que circulam socialmente, chame a atenção para a necessidade de manterem um distanciamento crítico inicial e avaliem o que leem ou ouvem.

Capítulo 23 385

Observa-se que a proposta solicita ao estudante a redação de um parágrafo descritivo. Essa orientação pode levar o mesmo a concluir que parágrafo é sinônimo de sequência descritiva, fato esse que vai limitar sua expressividade e, possivelmente, o desenvolvimento da perspectiva de autoria, visto que a sequência descritiva não se limita, apenas, a um parágrafo.

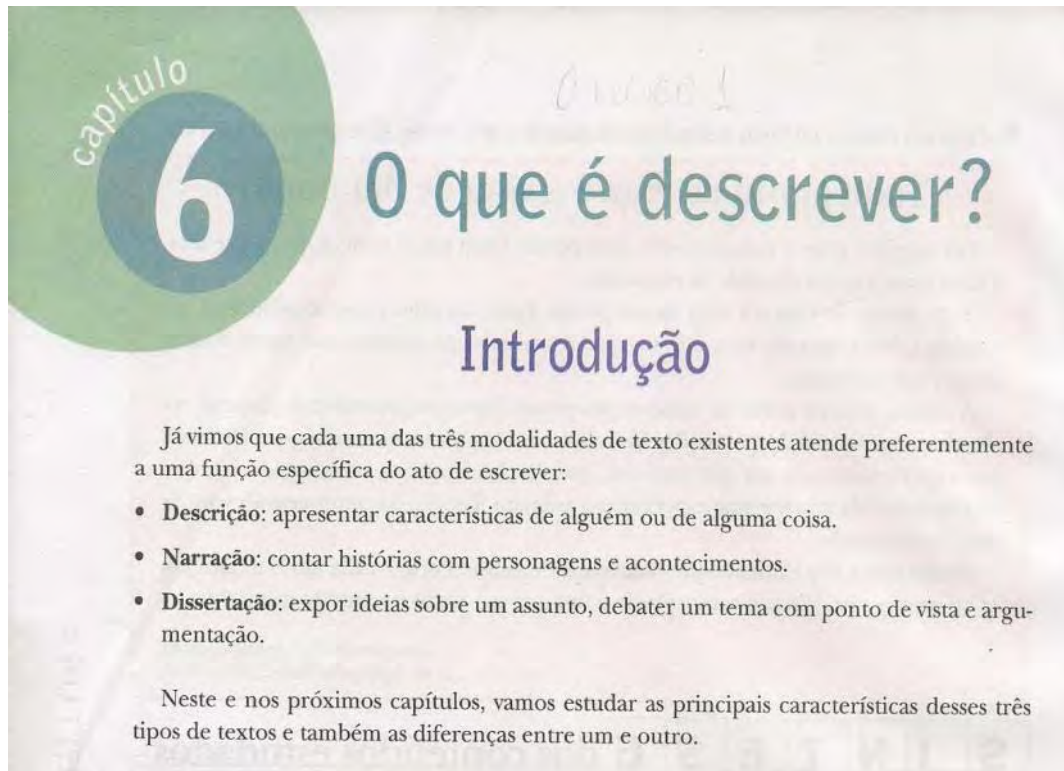
Finalizando, observa-se, mais uma vez, que a abordagem desenvolvida pelas autoras não aprofunda o ensino da sequência descritiva, pois não analisa a referida sequência em suas operações descritivas propostas por Adam (2008) nem estuda os recursos linguísticos que podem ser articulados na construção dessa. E, por último, não menciona a importância da escolha lexical na aspectualização do referente a ser descrito, desenvolvendo as habilidades de denominação e expansão que leva ao atendimento da intencionalidade do autor e contribui para a construção do sentido e para a coerência do texto.

#### 2.2.2.4 Livro *Novas Palavras*

A descrição no livro de Mauro Ferreira, Emília Amaral, Ricardo Leite e Severino Antônio é abordada em dois capítulos na seção de Redação e Leitura, do volume um da coleção. Entretanto, a abordagem dessa sequência segue uma concepção tradicional, sendo tratada como uma das três tipologias textuais a saber: narração, descrição e dissertação. Tal abordagem denota um olhar restrito para a organização textual, considerando-se o texto de forma homogênea.

O capítulo 6, cujo título é “O que é descrever?”, é iniciado com a apresentação das funções das três tipologias, as quais o livro denomina modalidades de texto, como se vê a seguir.

Figura 48



Observa-se que a função apresentada sobre a descrição (nomenclatura adotada no livro) segue um critério referencial: descrever é caracterizar alguém ou alguma coisa. Essa definição deveria explicitar melhor o que se descreve, não utilizando o termo vicário ‘coisa’ e sim enumerando alguns objetos do ato de descrever, como animais, cenas, processos, seres inanimados, lugares dentre outros. Além disso, deveria ser dito que a sequência descritiva não se limita, apenas, a tal função e que ela apresenta outras funções, tais como: informar, identificar, qualificar e quantificar.

Em seguida, são apresentados dois fragmentos de texto: o primeiro de um texto poético e o segundo, de um texto em prosa, cada um seguido de um comentário sobre a descrição dos personagens, conforme as Figuras 49 e 50, a seguir.




Figura 49

**Textos descritivos**

**Texto 1**

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.

João Cabral de Melo Neto. *Obra completa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 171-2.



Antônio Caudério/Folha Imagem

**Comentário**

Esse texto apresenta características do Severino, como ele é. Como é visto: cabeça grande, pernas finas, sangue com pouca tinta... Essa é a função da descrição: revelar o que foi observado em alguém, em algum objeto, em algum lugar... A descrição pretende que o leitor do texto possa perceber o que está sendo descrito e recriar a pessoa ou o objeto em sua imaginação.

Figura 50

Veja a seguir mais um exemplo de descrição de pessoa.

**Texto 2**

[...] O Major Saulo, de botas e esporas, corpulento, quase um obeso, de olhos verdes, misterioso, que só com o olhar mandava um boi bravo se ir de castigo, e que ria, sempre ria – riso grosso, quando irado; riso fino, quando alegre; e riso mudo, de normal.

Guimarães Rosa. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 199. v. 1.

**Comentário**

Repare que o texto apresenta características do Major Saulo. Não apenas características físicas, mas também “psicológicas”, seu modo de ser: misterioso, capaz de amansar boi bravo só com os olhos, e que ri sempre, um riso para cada estado emocional.

A apresentação conjunta de traços físicos e psicológicos permite que a descrição se torne mais concreta, mais sensível, mais capaz de fazer o leitor recriar em sua imaginação a pessoa descrita. X

URA

Interessante ressaltar que, no primeiro comentário, há uma afirmação que corrobora a visão limitada da abordagem sobre a descrição, seguindo uma concepção tradicional dessa, tratando-a apenas como um recurso de expressividade – “Essa é a função da descrição: revelar

o que foi observado em alguém, em algum objeto, em algum lugar. A descrição pretende que o leitor do texto possa perceber o que está sendo descrito e recriar a pessoa ou o objeto em sua imaginação.”

Sabe-se que esse não é o único objetivo do ato de descrever. Toda vez que se descreve algo ou alguém, há uma intenção de o observador posicionar-se, já que é um ato ilocucionário com um conteúdo proposicional, não podendo se separar o conteúdo descritivo de uma atitude subjetiva.

No texto 1, fragmento do poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, a intenção do sujeito poético não é só fazer o leitor imaginar o aspecto físico do retirante, que foge da seca do Sertão, mas é de denunciar essa triste realidade brasileira, visto que o poema apresenta um forte engajamento político-social, a considerar pelo primeiro verso (“Somos muitos Severinos”), reforçado pela sequência descritiva que se segue, inclusive na escolha lexical (“cabeça grande”, “pernas finas”, “ventre crescido”).

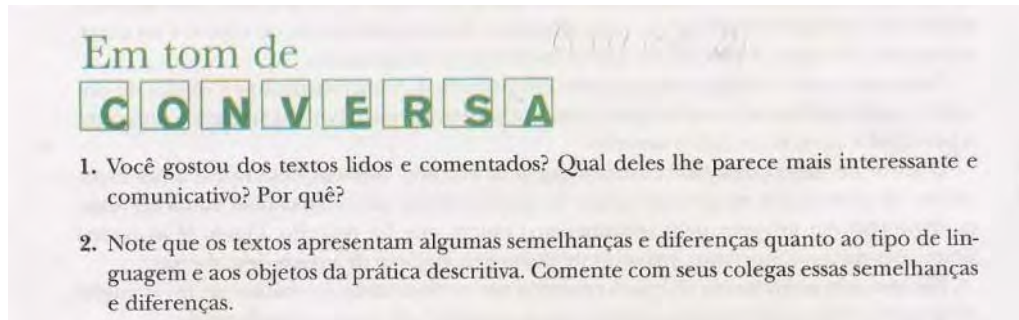
Logo, essa visão discursiva do texto não é desenvolvida, excluindo o estudante da oportunidade de estudar a descrição não como tipo textual, mas como um recurso discursivo de construção de sentido tanto de textos não literários quanto dos literários.

O texto 2, fragmento do conto *Burrinho Pedrês* de Guimarães Rosa exemplifica a sequência descritiva em prosa. No entanto, ao ser apresentado um pequeno trecho, descontextualizado do conto, fica difícil de ser identificada a função discursivo-argumentativa da sequência descritiva, pois não se pode observar qual a intenção do descritor ao descrever o Major Saulo como um homem corajoso, valente (“só com o olhar mandava um boi bravo se ir de castigo”) e sorridente, descrevendo vários tipos de riso para diferentes situações – riso grosso = irado; riso fino = alegre e riso mudo = normal.

Observa-se, também, que o livro, ao trabalhar a sequência descritiva solta, ou seja, desconectada do texto a que pertence, impossibilita o leitor (aluno) de perceber como a sequência descritiva é fundamental para a construção do sentido intencional do texto. No comentário ao texto, os autores objetivam, apenas, exemplificar a função referencial da descrição, ou seja, descrever o personagem, mostrando que se pode apresentá-lo por meio dos aspectos físicos e psicológicos, tornando-o mais “concreto”, permitindo ao leitor recriá-lo em sua imaginação.

Na seção “Em Tom de Conversa”, formulam-se duas questões:

Figura 51



Observa-se que a primeira pergunta é inócua, pois os objetivos pretendidos, avaliar a competência leitora e a capacidade crítica do aluno, não puderam ser atingidos, já que os textos são muito curtos, impossibilitando uma leitura mais analítica. Além disso, o que os autores entendem por “interessante e comunicativo”? Considerando-se que todo texto, em uma perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2003), constitui um enunciado, um diálogo, perspectiva essa considerada nesta tese, tal pergunta caracteriza-se por ser redundante, repetitiva, desnecessária.

Quanto à segunda pergunta, o enunciado é vago, porque se pede para apresentar semelhanças e diferenças quanto ao tipo de linguagem. Que tipo de linguagem? Objetiva, figurada, literária, coloquial? E quanto aos objetos da prática descritiva? Seriam as diferenças de aspectualização entre os personagens ou a forma de descrevê-los?

Uma questão que poderia ser formulada diz respeito aos recursos linguísticos articulados nas sequências descritivas dos dois textos. No texto 1, predominam os adjetivos “grande, crescido, finas”; no texto 2, há presença de substantivos (“um obeso”), de verbos nocionais (“o olhar mandava”), repetição de verbos para enfatizar comportamento (“ria, sempre ria”), recursos esses pouco citados nos livros, quando se abordam os recursos que estruturam a sequência descritiva.

A seguir, os autores apresentam o estudo dos sentidos empregados na observação do objeto descrito, a visão, o olfato, o tato, a audição e o paladar, como se observa a seguir.

Figura 52

**A descrição e os cinco sentidos**

A descrição é um processo de caracterização que requer senso de observação, perspicácia de quem descreve, para oferecer ao leitor uma imagem, um retrato daquilo que se descreve. Por isso dizemos que este trabalho baseia-se na percepção, nos cinco sentidos:

**Visão — Tato — Audição — Paladar — Olfato**

Vamos imaginar um exemplo: você vai descrever uma rua. Pode ser a rua em que você mora, ou alguma de sua história cotidiana.

Por meio da visão, como você percebe a rua? Como é a sua forma? E as cores? E as casas, que formas e cores têm?

Você pode perceber e caracterizar a rua utilizando outros sentidos. Por exemplo: os sons da rua – ela é silenciosa ou ruidosa? Que tipo de ruídos a caracteriza?

Você pode, ainda, descrever a rua pelos cheiros que existem nela (e os cheiros, muitas vezes, lembram sabores).

Vale lembrar que o ato de descrever pode ser pela percepção sensorial, mas também pode ser pelo conhecimento epistêmico do objeto descrito, ou melhor, pelo estado de saber do descritor, havendo, inclusive, recursos indicadores desse tipo de descrição como em Adam (2008, p. 223): “pelo que eu me lembro” e “Tom Jarndyce certamente sabe muito a respeito dele...”.

Dando sequência à abordagem, os autores mencionam a importância da sensibilidade e da imaginação, tanto por parte do descritor quanto do leitor, pois os dois devem desenvolvê-las a fim de melhor descrever e apreender o objeto descrito, conforme a Figura 53, a seguir.



Figura 53

Se colocar a mão no chão da rua, nas árvores, nas paredes (se houver) e disser se tais superfícies são ásperas, lisas, quentes, frias..., você estará descrevendo a rua por meio do tato. Além disso, sua pele pode sentir a temperatura da rua, o movimento do ar etc.

Como você vê, quando fazemos nossas descrições e também quando lemos ou ouvimos descrições feitas por outras pessoas, nossa capacidade de perceber vai, pouco a pouco, ficando mais apurada, mais aperfeiçoada.

## Descrição: sensibilidade e imaginação

Você já sabe: descrever é caracterizar alguém ou algo, por meio dos cinco sentidos. Cada experiência descritiva – de uma pessoa, um bicho, uma planta, uma casa, um lugar – é também uma reeducação dos nossos sentidos, uma revitalização deles, um desenvolvimento das possibilidades de percepção.

Para apresentar a imagem do objeto descrito, para criar a configuração desse objeto em palavras, para retratar o que se percebeu dele, precisamos desenvolver a sensibilidade, a capacidade de apreender e expressar as características mais marcantes, mais importantes do objeto, seus detalhes específicos, suas marcas particulares.

É importante também treinar a capacidade de estabelecer comparações, de estabelecer (e inventar) semelhanças e diferenças. Para que a descrição seja expressiva, vale também adotar uma perspectiva diferente, uma dimensão nova na percepção do objeto e na exposição dele. Em suma, é preciso associar sensibilidade e imaginação.

Fazer um texto descritivo expressando em palavras as características percebidas de um objeto, para configurar a sua imagem, tem por objetivo levar o leitor a sentir e a imaginar, a perceber e a recriar o objeto descrito.

O leitor de descrições, tanto quanto quem as escreve, também desenvolve a sua capacidade de percepção: ele precisa recriar as características percebidas pelo autor do texto configurá-las em imagens para reconhecer o objeto que foi descrito. Quem lê as nossas descrições torna-se, portanto, parceiro de nossa percepção e de nossas descobertas.

Por isso, um meio muito útil para criarmos textos descritivos é o hábito de lê-los cuidadosamente. Eles ajudarão a desenvolver nossa sensibilidade e nossa imaginação.

## Comparações originais, criativas

A comparação é um dos mais importantes recursos auxiliares da descrição. Muitas vezes não encontramos palavras para expressar diretamente o que percebemos. Nesses casos, para conseguir apresentar as características percebidas e para conseguir que o leitor recrie o objeto, fazemos comparações.

Por exemplo: o objeto tem a cor de..., sua forma é como..., tem um gosto que lembra..., o cheiro parece com... etc.

O processo comparativo desperta referências no leitor e torna mais presentes para ele as características do objeto que estamos descrevendo. É quase impossível descrever de maneira expressiva, interessante, sem fazer uso de comparações. No entanto, devemos cuidar para não utilizar comparações muito desgastadas como:

- azul como o céu
- vermelho como sangue
- escuro como a noite
- doce como mel
- quente como fogo
- pesado como chumbo

Mais uma vez os autores deixam de expor de forma clara que, na abordagem do ensino da descrição, a escolha lexical é importante, visto que um enunciado descritivo é um enunciado que expande uma designação, enunciado no qual o descritor e o leitor devem ter um estoque lexical acionado, por meio do saber de mundo partilhado que lhes permitam desenvolver uma competência textual descritiva. Os autores ressaltam apenas o aspecto da ativação do

conhecimento partilhado, dos esquemas cognitivos, visto que escrevem “Quem lê as nossas descrições torna-se, portanto, parceiro de nossa percepção e de nossas descobertas”.

Continuando no ensino da descrição, os autores mencionam um dos recursos articulados na construção deste tipo de sequência – as comparações –, conforme se observa na figura 53.

Ressalta-se que, no livro, não são apresentados os tipos de comparação( objetiva e subjetiva) e não são citadas também as metáforas, estando os exemplos limitados a comparações “clichezadas”. Acresce-se, ainda, o fato de não serem mencionados os gêneros textuais, pois dependendo desses, devem-se articular comparações objetivas ou subjetivas. Ademais, não é trabalhado outro recurso também importante: a metonímia, uma vez que, segundo Adam (2008, p. 221), a operação de relação da sequência descritiva trabalha com a analogia e com a contiguidade.

Segundo tal conceito, na relação de analogia, permite-se descrever o todo e as partes do objeto descrito em relação a outros objetos-indivíduos. Na relação de contiguidade, há duas situações: a) temporal (a situação do objeto de discurso em um tempo histórico ou individual) e b) espacial (contiguidade entre o objeto do discurso e outros objetos que poderão tornar-se o centro de um procedimento descritivo – a tematização – ou, ainda, a contiguidade entre as diferentes partes consideradas. Para exemplificar a relação espacial, pode-se observar, no fragmento do poema *Morte e vida Severina*, a imagem posicionada ao lado do texto, conforme figura 49 que retrata a paisagem da seca no Sertão e o aspecto físico desses retirantes.

Em seguida, para a prática de produção textual, são propostas as seguintes atividades:

Figura 54

Essas comparações foram tão repetidas que perderam sua força expressiva. Tais comparações tornam-se lugares-comuns, chavões, “ clichês ” desgastados.

Uma experiência que ajuda a desenvolver a criatividade é fazer comparações originais, associações novas, ou seja, comparações surpreendentes.

Por exemplo:

Comparação tradicional: doce como mel.

Comparação criativa: doce como um pássaro bicando um pêssego.

## Atividade

Transcreva e complete as comparações abaixo com algum objeto, ou acontecimento, ou ideia, ou vivência emocional que surpreenda pela originalidade.

- Azul como...
- Vermelho como...
- Claro como...
- Escuro como...
- Doce como...
- Amargo como...
- Frio como...
- Quente como...
- Leve como...
- Pesado como...

## O estranhamento do objeto

Esse é, provavelmente, o tipo de descrição que mais desafia a capacidade de perceber e imaginar os objetos. Essa experiência consiste em escolher um objeto e fazer de conta que ele é um objeto estranho, que nada se sabe a respeito dele.

Para fazer a descrição, a ideia é não dar nenhuma informação antecipada sobre o objeto (não vale, por exemplo, dar o nome, dizer para que serve...), só podem ser dadas as características percebidas por meio dos sentidos e da imaginação.

## Em tom de

## CONVERSA

Para desafiar e desenvolver sua capacidade de leitor de textos descritivos, veja se você consegue descobrir quais foram os objetos que alguns alunos descreveram nas redações seguintes:

### Texto 1

É quadrado, bem pesado, parece frio e quando encosto minha mão nele percebo que é gelado.



Figura 55

Na sua frente há uma roda que dá a impressão de ser um soldado guardando um castelo.  
Não emite sons, não tem cheiro.

Parece morto, ou melhor, parece um caixão de defunto. Não tem um hábitat fixo, mas pode ficar em qualquer lugar aonde a ambição pode chegar. Alguns têm pés próprios, outros estão suportados atrás de figuras, o mais diversas possível.

Não se movimenta, é totalmente estático. Apenas seus braços em roda se movimentam e quando o fazem é para abrir seu próprio corpo. Dentro dele há um sangue verde coagulado, misturado com pedras e segredos.

(Lucimar)

#### Texto 2

Originariamente tem suas raízes na terra. Gosta de sentir o cheiro gostoso da terra molhada e da chuva caindo, fina e renovadora.

Nessas ocasiões se transforma a cada dia que passa.

É muito útil, importante e possui até árvore genealógica.

Sua casa tem um aspecto áspero e lembra muito uma caixinha de violino.

Nenhum carpinteiro consegue copiar essa construção, que pode abrigar de dois a três habitantes, confortavelmente. Excepcionalmente pode abrigar mais de três moradores e isso chama muito a atenção.

Os habitantes dessa casa são muito apreciados. Costumam frequentar bares e restaurantes. Nessas ocasiões recebem uma fina camada de maquiagem e tornam-se mais sofisticados. Outras vezes servem de companhia a boêmios até alta madrugada ou a cinéfilos inveterados.

Se possuem algum dom musical, estes estão restritos ao mundo da ficção.

Entretanto dizem que podem provocar êxtase nos amantes, levando-os a ouvir sinfonias inteiras. Não sei. Talvez isto não passe de lenda.

(Hilda)

#### Texto 3

Calma, branda, clara: guarda em si os ciclos da Vida.

Opaca, amarela, sinistra: resume a atmosfera do terrível.

Branca, prenhe, metálica: pousa no quadro que enfeita a parede.

Lânguida, flutua como os carinhos trocados pelos amantes.

Resplandecente, olha docemente pelo sono da humanidade.

Amiga, guia os passos dos peregrinos da vida.

Eterna, gira o mundo para que seja sempre noite por onde passa.

(Maria da Glória de F. Freitas Vilela Leite)

#### Texto 4

Sou macio e vaidoso: muito gostoso.

Para alguns, supérfluo; para quase todas, essencial.

Brilho nas festas em ocasiões formais.

Sou demais!

Poliglota, cosmopolita e polivalente.

Quem não mente?

Mas não é a mente meu território.